Coleção de Livros Didáticos – F. T. D.

Nossa Senhora

curso médio
de catecismo mariano

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
EDITORA PAULO DE AZEVEDO LTDA.

Rio de Janeiro
186, Rua do Ouvidor

São Paulo
292, Rua Libero Badaró

Belo Horizonte
655, Rua Rio de Janeiro

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

REIMPRIMATUR

S. Paulo, 19-9-1947
MONS. M. MEIRELLES FREIRE
Vig. Geral

NOSSA SENHORA

CURSO MÉDIO
DE CATECISMO MARIANO

PRIMEIRA PARTE

VIDA DE NOSSA SENHORA

CAPÍTULO PRIMEIRO

PREDESTINAÇÃO DE MARIA

1. — Resumo. — A Virgem Maria, Mãe de Deus, é a mais eminente de todas as criaturas.

Por predestinação de Maria, entende-se o lugar especial que ela ocupou no pensamento de Deus ao fixar o plano da criação.

A igreja, na liturgia e pela boca de seus doutores, ensina esta gloriosa predestinação. É este fato que explica todos os privilégios que descobrimos na Santíssima Virgem.

2. — A Santíssima Virgem Maria. — A Santíssima Virgem Maria é a criatura abençoada, escolhida por Deus, para ser a Mãe de Jesus Cristo, nosso Salvador. E, por isso mesmo que Jesus Cristo é Deus, Maria é, com justiça, chamada ***Mãe de Deus,*** título este que a coloca acima de todas as criaturas.

3. — Consequências do título de Mãe de Deus. — Foi em previsão deste ***papel de Mãe de Deus*** que Maria recebeu primeiro as graças que deviam prepará-la para esta dignidade e depois os privilégios, o poder e a grandeza que dela fizeram a rainha do céu e da terra.

Assim, Maria foi, de antemão, predestinada por Deus para um lugar único na criação.

4. — Predestinação de Maria. — Por predestinação de Maria entende-se o lugar eminente que ela ocupava nas cogitações de Deus, quando, por assim dizer, determinava o plano do mundo que ia criar. Este lugar é o ***primeiro, após o do Verbo Encarnado,*** e muito acima de todos os seres criados.

Com efeito, desde toda a eternidade, Deus previu a Encarnação do Verbo, seu Filho, reparador do mundo e chefe da humanidade redimida. Previu, pois, tudo quanto preparava a Encarnação e especialmente o que se refere a Maria, a mãe de seu Filho Encarnado, assim como as graças com que a favorecia para torná-la digna de seu papel de Mãe de Deus.

5. — Comparação. — Quando a Igreja quer, numa festividade solene, num Congresso Eucarístico, por exemplo, preparar a procissão final, os organizadores mandam de antemão fabricar uma ***custódia esplêndida,*** na qual a Sagrada Hóstia esteja dignamente rodeada de ouro finíssimo e de pedras preciosas. A Santíssima Virgem foi, de algum modo, a primeira custódia que encerrou o corpo do Verbo Encarnado; Deus quis, por isso, prepará-la com especial cuidado, exornando-a de todas as virtudes, enriquecendo-a de todas as graças.

6. — Ensinamentos da Igreja sobre a predestinação de Maria. — A Igreja afirma e louva esta predestinação especial e gloriosa de Maria pela boca de seus doutores e, também, em várias passagens da sua liturgia.

Escolhemos as três seguintes:

1.° Nas ladainhas lauretanas, ela chama a Maria ***Trono da Sabedoria*** e reconhece, desta maneira, a conformidade existente entre a Mãe do Verbo e seu divino Filho, como entre um trono e o príncipe que o ocupa.

2.° Na ***epístola da festa da Imaculada Conceição,*** a Igreja esgota, aplicando-as a Maria, as expressões e os modos de dizer. Declara que ela foi sempre o objeto das cogitações de Deus ***"antes das colinas, antes dos rios, antes dos mares, antes das montanhas, antes da própria terra",*** isto é, antes da criação do mundo.

3.° No ***Ofício Parvo da Bem-aventurada Virgem Maria,*** o capítulo das vésperas: ***"Ab initio,*** etc." aplica à Santíssima Virgem estas palavras: ***"Fui criada antes dos séculos",*** que, sob forma diferente, encerram o mesmo pensamento.

7. — Conclusão. — O lugar de Maria nos planos divinos, antes mesmo da criação do mundo, deve inspirar-nos ***alta idéia*** de sua grandeza. Não nos admiraremos dos privilégios que nela

descobrimos, estudando-a com esmero; não nos surpreenderá nem o ***poder ilimitado*** que lhe deu seu divino Filho, nem a ***bondade maternal*** com que trata os homens, escolhida que foi para colaborar na salvação do mundo.

Assim, incrementam-se, ao mesmo tempo, nossa confiança nela e nossa veneração pelos seus méritos e por sua dignidade.

8. — Prática. — Aplicar-se, por devoção, ao estudo dos livros que tratam de Maria Santíssima, notadamente deste.

9. — LEITURA. — Uma grande graça de N. S. da Salete.

(*Autêntico*) — Costumávamos, quando chegava o verão, ir passar dois meses, para descansar das fadigas da vida ativa do Rio, na casa de uns parentes nossos, muito amigos, no recanto de uma pequena cidade à beira-mar, no Estado do Rio.

A casa onde morávamos estava afastada do centro, numa linda praia, chamada Praia Grande.

Além da nossa casa, havia mais a *"Casa do Inglês",* assim chamada por morar nela um senhor inglês distintíssimo, casado com moça brasileira. O casal era muito hospitaleiro e amável.

As outras eram casinhas de pescadores ou *trabalhadores da roça,* que moravam em pequeninas casas de sapé, uns à beira da praia, outros no alto do morro.

A praia era linda, com a Ilha Grande ao fundo e mais algumas ilhas: umas grandes, outras pequeninas.

Atrás da casa, montanha grandiosa. Mata virgem, onde se encontrava até o cedro, que servia para a construção dos barcos. Muita água vinda de grande cachoeira.

A casa era muito aprazível e o jardim rústico estava guarnecido com brincos de rainha, sabugueiros, com os seus lindos buquês de noiva, crótons, samambaias, palmeiras grandes em leques e tufos de palmeiras finas.

Rodeava a casa formoso pomar, guarnecido pela natureza de grandes lajes e pela mão do homem, de coqueiros, mangueiras, cajueiros, goiabeiras, laranjeiras, cambucazeiros e de jabuticabeiras.

Na entrada do jardim havia uma palmeira que marcava o nascimento de um dos filhos do dono da casa. Botes e canoas para passeio, redes entre árvores, peixe excelente, água de coco, palmitos, frutas e convivência acolhedora e amável. Costumava dizer que aquele lugar era para mim um paraíso terreal!

Em noites enluaradas, o pessoal tocava violão e cantava e ficávamos na praia até tarde, vendo os pescadores deitarem as redes e os covos (*cestos compridos de vime para pesca*).

Morava numa das casinhas no alto do morro, uma mulher com a idade aproximada de 60 anos, de cor branca, com um filho único, rapaz excelente, moreno queimado, talvez com uns 28 anos de idade, empregado na Escola de Grumetes, na enseada Batista das Neves.

A mãe vivia trabalhando na roça. Descia algumas vezes para vender algum doce, ou comprar peixe, ou visitar os conhecidos. Chamava-se a "Sá Joaquina" e ele o "Mineiro". Almas simples, ingênuas, tipos completos de roceiros.

À tardinha nos sentávamos na areia da praia, enquanto os meninos pescavam ou passeavam de bote.

Tardes lindíssimas de verão! Nós nos divertíamos em conversar com aquela gente humilde e boa da vizinhança. Eles vinham e lá ficavam conversando até o anoitecer. Entre eles estava o "Mineiro".

Depois da volta do trabalho e do seu jantar, descia o morro, acocorava-se na praia diante do meu marido e ouvia a conversa sem nada dizer, embevecido. Quando meu marido se levantava, ele dizia: "Seu Doto, té manhã"! E, no dia seguinte, se não chovesse, era a mesma coisa.

Eles tinham por nós uma verdadeira veneração.

Costumava eu levar morim, chitas, sabonetes, folhinhas (de que muito gostavam) para que, quando nos fizessem a primeira visita recebessem uma lembrançazinha. Procurava recebê-los com muita consideração, razão por que ficavam lisonjeados.

Em troca, às vezes, de um sabonete ou de uns metros de morim, recebia logo depois, uma cesta de aipim, frutas, peixes, etc... pois não se deixavam vencer em amabilidade. Quando falávamos em voltar para o Rio, eles se entristeciam e pediam a Deus para que voltássemos breve. De modo que nós queríamos muito bem àquela gente sincera e simples que tanto nos estimava.

Num verão, quando cheguei à Praia Grande, soube a triste notícia de que o "Mineiro" havia falecido, em 3 dias, de um acesso bilioso, sem recurso algum e que a "Sá Joaquina" estava quase louca.

Dias depois ela me apareceu magra, acabada, com olhar desvairado. Quando nos viu, chorou muito e começou fala de cortar o coração. Disseram-me os vizinhos que ela se levantava cedo e depois vagava pela praia o dia todo, indo até a cidade sem saber o que fazia, chamando pelo filho. O golpe fora cruel. O filho era tudo para ela.

Realmente era um filho ótimo! Vivendo exclusivamente para a velha mãe.

Eu confesso que fiquei extática diante de tal dor!

Não tive uma palavra de consolo, mesmo porque nada adiantava achando-se ela num estado anormal.

Costumava levar um cento de estampas de Nossa Senhora da Salette, tal qual apareceu nas montanhas da França, a dois pastorezinhos, Maximino e Melânia, chorando pela conversão dos pecadores.

Distribuía-as àquela gente pedindo que, sempre que pudessem, rezassem uma Ave-Maria para enxugar as lágrimas de N. Senhora. Eles gostavam muito de ouvir contar a aparição.

Na aflição de "Sá Joaquina" só vi uma solução: N. Senhora da Salette que também chorava por nós.

Mandei chamá-la e disse-lhe que só N. Senhora a poderia consolar e que ela guardasse *com fé* aquela estampa.

Beijou-me a mão, chorando, e guardou a estampa.

No ano seguinte voltei à Praia Grande.

Uma das primeiras visitas foi a "Sá Joaquina".

Bem disposta, corada e alegre. Fiquei estupefata!

Percebendo o meu espanto, rindo, em linguagem simples de roceira, disse pouco mais ou menos o seguinte:

Foi o milagre da sua santa. Desde o dia em que a senhora me deu a estampa, parecia que minha aflição não era tão grande. Comecei a sentir consolo. Depois, Nossa Senhora, me deu um sonho lindo!

Sonhei que N. Senhora aparecera à porta da minha casa. Eu lhe perguntei: "Por que levou o meu filho, que tanta falta me faz? — Ela respondeu. "Eu o guardo comigo, porque era muito bom e trabalhava demais".

(E contava ela que N. Senhora dizia isto muito triste, o que coincide com a queixa de N. Senhora na Aparição da Montanha da Salette, da falta de respeito aos domingos). "Mas, minha filha, continuou N. Senhora, eu vou te dar em compensação um grande presente; e, desaparecendo por de trás da casa, voltou trazendo na mão um cálice cheio de sangue que transbordava e me ofereceu". — Aí acordei.

Fiquei contente vendo N. Senhora tão linda! e querendo adivinhar o sonho.

Fui à cidade e contei-o a um padre. Ele me disse que o presente que N. Senhora me dava era a Sagrada Comunhão, o sangue de N. Senhor Jesus Cristo.

Então confessei e comunguei, o que já não fazia havia muitos anos.

Depois fiquei como a senhora vê, contente certa de que o meu filho está no céu, com a Santinha que a senhora me deu.

E eu estou aqui esperando o meu dia de ir para o céu também.

Isto ela me disse comovida, com palavras rústicas, de forma que não sei exprimir.

Chorei de comoção. — A transformação daquela alma tinha sido um grande benefício para ela e também uma enorme graça que N. Senhora me concedera em recompensa do fervor com que eu distribuía as suas estampas. Achei um dever de gratidão deixar escrito este favor importante.

Que N. Senhora no céu confirme estas palavras tão verdadeiras!

10. — Questionário. — ***1.*** *Que é a Santíssima Virgem Maria?* — ***2.*** *Que consequências teve para ela seu papel de Mãe de Deus?* — ***3.*** *Por que previu Deus, desde toda a eternidade, o que se referia a Maria?* — ***4.*** *Que lugar ocupou Maria nos planos de Deus?* — ***5.*** *Fazei uma comparação tirada da custódia.* — ***6.*** *Onde ensina a Igreja a gloriosa predestinação de Maria* — ***7.*** *Citai, explicando-os sucessivamente, três passagens da liturgia que se aplicam à predestinação de Maria.* — ***8.*** *Que idéia nos dá de Maria sua gloriosa predestinação?*

11. — Notas complementares. — Muito embora a obra *"Maria ensinada à Mocidade"* traga copiosas explicações susceptíveis de completar este livrinho, indicaremos, no fim de cada capítulo, algumas das noções que comportam ligeiro desenvolvimento.

Exemplos de predestinação: *Moisés, São Paulo, o patriarca José. — Nossa predestinação e o que pode comprometê-la. — Comparação do pedestal com sua estátua ou da planta de um arquiteto.*

CAPÍTULO II

PROMESSAS E FIGURAS DE MARIA

12. — Resumo. — Assim como houve profecias e figuras de Jesus, assim também as houve que anunciaram e figuraram a Santíssima Virgem.

Entre as profecias, apontemos a que remonta ao paraíso terrestre: a mulher a esmagar a cabeça da serpente e as de Isaías — a Virgem-Mãe e a vara de Jessé.

Maria foi figurada por símbolos e pessoas. Entre os símbolos citemos: a Escada de Jacó, a Arca da aliança, o velo de Gedeão, o Arco-íris e a Sarça ardente. Entre as pessoas figuram principalmente — Eva, Judite, Ester.

Todas estas figuras embelezam a liturgia, a pintura e a literatura religiosa.

13. — Promessas e figuras em geral. — Os traços gerais da religião cristã foram não somente previstos e ordenados por Deus, mas ainda, por uma disposição especial de sua providência, prometidos e figurados no Antigo Testamento.

Essas promessas e essas figuras são comparáveis aos alicerces que, enterramos no solo, fazem prever os contornos e as proporções do edifício.

14. — Exemplos. — Conhecemos várias ***profecias*** relativas aos mistérios da vida e da morte de Nosso Senhor; por exemplo, a que se refere ao seu nascimento em Belém. Há igualmente ***figuras*** atinentes, por exemplo, ao sacrifício da cruz, que figurava o de Isaac, ou à Sagrada Eucaristia, que o maná significava.

15. — Razões das promessas e figuras relativas a Maria. — A Virgem Santa tem, no plano da Encarnação, e, por conseguinte, da religião cristã, uma importância de primeira ordem. Por esta razão é que Deus quis fosse ela, como Nosso Senhor Jesus Cristo, prometida e figurada no Antigo Testamento, desde a origem da humanidade, como há de ser honrada e abençoada, como seu divino Filho, até o fim dos tempos.

16. — Promessas ou profecias. — Escolhemos três entre as principais: 1.° Deus, diante dos nossos primeiros pais, falando à serpente, disse: ***"Porei inimizades entre ti e a mulher, entre***

sua raça e a tua, e ela te esmagará a cabeça". A Igreja reconhece Maria nessa mulher gloriosa e Jesus Cristo, seu Filho, nessa raça que há de esmagar a cabeça da serpente, isto é, o poder do demônio.

17. — Segunda profecia. — Lemos em Isaías: ***"A Virgem conceberá e dará à luz um filho que será chamado Emanuel".*** O nome de Emanuel significa, em hebraico, ***Deus conosco*** e convém perfeitamente a Jesus Cristo e o resto do texto a Maria, sua Mãe sempre virgem.

18. — Terceira profecia. — Outra passagem de Isaías nos diz que ***uma vara sairá de Jessé*** (nome do pai de Davi) e que de sua raiz nascerá uma flor sobre a qual pousará o Espírito de Deus. Maria é essa flor perfumada de todas as virtudes, sobre a qual descansou o Espírito Santo no dia da Anunciação.

Estas duas últimas profecias foram incluídas, pela Igreja, no Ofício da Santíssima Virgem. Repetem-se cada dia durante o Advento. (Em Prima: ***Ecce Virgo concipiet...*** em Terça: ***Egredietur virga...*).**

19. — Figuras em geral. — Por ***figuras*** entendem-se pessoas ou coisas que têm, como objeto, figurado analogias surpreendentes. Assim, por exemplo, diz-se que o sacrifício do pão e do vinho, oferecido por Melquisedec, era a figura da Sagrada Eucaristia, tão estupenda é a semelhança entre ambos.

20. — Figuras de Maria. — Encontramos no Antigo Testamento várias espécies de figuras de Maria.

Umas são ***símbolos,*** como a Escada de Jacó, a Arca da aliança, o velo de Gedeão, o Arco-íris, a Sarça ardente. Outras são ***pessoas,*** por exemplo: Eva, Judite e Ester.

MARIA PREFIGURADA POR SÍMBOLOS

21. — A escada de Jacó. — Trata-se da escada que o patriarca Jacó viu em sonho, na sua fuga. Pousava na terra e alcançava o céu. Deus estava no topo e os anjos por ela desciam e subiam.

Os santos doutores vêem nisto uma figura de Maria: 1.° porque, se a escada de Jacó ***punha o céu em comunicação com a terra,*** é por Maria igualmente que Deus baixou até nós e que os homens sobem até Deus.

1.° porque, se, a ***natureza*** pôs Maria em contato com a terra, a ***graça*** a alçou até o próprio trono de Deus.

2.° porque as palavras que Jacó pronunciou ao despertar de seu sono, se aplicam perfeitamente a Maria: "É aqui, disse o santo patriarca, a ***casa de Deus*** e a ***porta do céu",*** dois gloriosos títulos muitas vezes conferidos a Maria pela Santa Igreja.

22. — A Arca da Aliança. — A arca da aliança era um cofre de madeira preciosa e incorruptível, inteiramente revestido de ouro. Foi construída por Moisés para receber o maná e as tábuas da lei. Os Hebreus carregavam-na consigo em sua marcha em demanda da Terra da Promissão.

Ela figura Maria:

1.° por sua ***composição*** de cedro tido como incorruptível. Como a madeira preciosa da arca, o corpo de Maria escapou da corrupção da morte, e sua alma, também, da corrupção mais hedionda originada pelo pecado.

2.° por seu ***conteúdo.*** Maria trouxe em seu seio virginal a Jesus Cristo, o maná verdadeiro, o próprio autor da lei,

3.° por sua ***função.*** A arca era o sinal sensível da aliança de Deus com seu povo. Maria foi o instrumento admirável desta aliança na hora da Encarnação.

A Igreja, nas ladainhas, confere a Maria o belo título de Arca da aliança; ***Foederis arca.***

23. — Velo de Gedeão. — É uma pele de ovelha que foi o instrumento de um duplo prodígio concedido a Gedeão. Cobriu-se primeiro de orvalho, enquanto a terra em derredor ficou seca; depois permaneceu seca, quando a terra em derredor se cobriu de orvalho.

1.° Maria ficou ***cheia de graças*** no meio da humanidade decaída, e é deste velo imaculado, isto é, de sua carne virginal, que foi plasmada a carne de Jesus Cristo, que é como o revestimento do Verbo.

2.° Do mesmo modo que o velo ficou seco, ao passo que o chão se orvalhou, Maria permaneceu ***sem pecado*** no meio de todos os homens culpados.

24. — Arco-íris. — O arco-íris foi sinal dado por Deus a Noé, como penhor da paz restituída à terra.

1.° Da mesma maneira, a aparição de Maria neste mundo foi ***o penhor da próxima reconciliação*** do céu com a terra culpada, pela Encarnação de Nosso Senhor.

2.° Da mesma maneira ainda que o arco-íris irradia ***sete cores,*** a alma de Maria foi ornada dos sete dons do divino Espírito Santo.

25. — Sarça ardente. — Moisés viu no monte Horeb uma sarça da qual saíam chamas ardentes sem, porém, consumi-la. É por que Deus ali estava.

A Igreja, numa antífona de Vésperas de Ofício Parvo, consagra essa figura de Maria com as palavras: "Na sarça que Moisés viu arder sem se consumir, reconhecemos ***vossa admirável virgindade conservada intacta,*** quando vos tornáveis a Mãe de Deus". ***Rubum quem viderat...***

MARIA PREFIGURADA POR PESSOAS

26. — Eva. — Eva foi a figura de Maria por semelhança e por contraste.

Foi a ***mãe do gênero humano culpado,*** pois, atendendo ao demônio que lhe falava na árvore do Paraíso terrestre, levou, por sua desobediência, os homens à perdição.

Maria é a nova Eva, ***mãe do gênero humano regenerado*** pelo novo Adão, Jesus Cristo. Ao pé da cruz, árvore da vida, tornou-se nossa mãe ouvindo a Jesus que a ela nos confiava e pondo-nos todos no caminho da salvação.

27. — Judite. — Judite é a heroína que salvou a cidade de Betúlia assediada por Holofernes, decepando-lhe a cabeça. É verdadeira figura de Maria.

1.º porque também Maria, de certo modo, ***corta a cabeça*** de Holofernes, isto é, abate o poder do demônio que assedia o coração dos eleitos.

2.° Judite demonstrou ***força de alma maravilhosa*** e rara prudência para se conservar pura e inocente no meio dos inimigos pagãos e corruptos. Maria, por sua vez, nos aparece sem mácula no meio do mundo pecador.

3.° Finalmente, assim como o povo de Betúlia libertado do tirano publicou os louvores de Judite, assim também a Igreja ***cobre de bênçãos a Maria Santíssima*** que, por Jesus, nos livrou da tirania do demônio.

A liturgia católica tece a Maria os mesmos louvores endereçados a Judite: ***"Sois a glória de Jerusalém, a alegria de Israel, a honra de nosso povo".*** **(*Tu gloria Jerusalem...*** Ofício da Imaculada Conceição).

28. — Ester. — Ester, jovem judia, esposa do rei Assuero, salvou seu povo que um decreto condenava ao extermínio, apresentando-se diante do soberano, apesar da proibição que lhe ameaçava a vida. É uma das mais tocantes figuras de Maria.

1.° Ester, educada na humildade, é chamada por Assuero que encantado de sua beleza, a ***associa às glórias do trono.*** Maria, também, criada humildemente, à sombra do templo, é escolhida por Deus que, atraído pelas suas virtudes, lhe comunica o seu poder e a sua glória.

2.° Maria, por sua Imaculada Conceição, ***foi isenta*** da lei da morte que atingia a humanidade, como Ester foi dispensada de qualquer castigo por Assuero, que lhe disse s ***"Esta lei não foi decretada para vós".***

3.° Enfim, como Ester conseguiu salvar seu povo inocente, Maria ***obtém de Deus a graça da salvação,*** até para os pecadores que a invocam.

29. — Outras figuras de Maria. — Estas são deveras as principais figuras de Maria. Mas muitas outras pessoas ou coisas, no Antigo Testamento, oferecem semelhanças assaz notáveis para evocar a lembrança de Maria. Estas figuras entraram na liturgia da Igreja; encontram-se nos escritos dos santos Doutores; inspiram o pincel dos artistas na decoração das igrejas e o estro dos poetas numa maravilhosa floração de hinos e cânticos

piedosos. E quantos não se satisfizeram com uma mera semelhança!

30. — Exemplos. — A terceira lição do Ofício Parvo de Nossa Senhora enumera sucessivamente, como figuras simbólicas de Maria, o ***cedro*** do Líbano, o ***cipreste*** do monte Sião, a ***palmeira*** da planície, o ***plátano*** das margens dos rios, porque estas árvores, além de serem as mais belas do Oriente, se elevam muito acima das outras, como Maria no meio dos santos.

A ***rosa de Jericó*** lembra o brilho de seus méritos; a ***linda oliveira*** que dá o óleo, símbolo da graça, recorda que ela nos deu Jesus. O ***cinamomo*** e a mirra, suaves perfumes, evocam o bom odor de suas virtudes.

31. — Prática. — Recomendar a Maria nosso porvir, nossa vida inteira.

32. — LEITURA. — O culto de Maria no Oriente.

É possível encontrar, no Oriente, provas da devoção a Maria bem mais antigos que as do Ocidente, onde foi preciso esperar a conversão dos Bárbaros para que o povo fosse inteiramente cristão.

Os orientais, mesmo depois de se haverem tornado cismáticos, são devotíssimos de Maria Santíssima. Constantinopla, fundada por Constantino, foi consagrada à Santíssima Virgem. Essa cidade, que por tanto tempo foi a capital do mundo, recorria, em todos os perigos, a sua excelsa protetora. Contavam-se no seu recinto até cinquenta e nove igrejas dedicadas a Maria. Durante os numerosos cercos que a cidade teve, a veneranda imagem da Mãe de Deus era carregada em procissão, sobre as muralhas, com a face voltada para os Bárbaros, como para melhor lhe mostrarem o perigo.

Há doze séculos que a igreja grega canta cada ano uns hinos de gratidão à Virgem Santa a quem atribui haver sido Constantinopla salva várias vezes do perigo dos Bárbaros, notadamente dos Árabes, em 711. Com efeito, naquele ano, os Muçulmanos vieram assediá-la com tropas numerosas, avaliadas por certos historiadores em cerca de 500000 homens. Ora, no decorrer desse cerco memorável, sobreveio um inverno tão rigoroso que esse imenso exército quase inteiro pereceu de frio e de doenças; 5000 homens apenas voltaram à Síria.

A Grécia e o Líbano estão ainda cheios de capelas consagradas a Maria. Por toda a parte vê-se a imagem de Maria exposta e venerada e a família mais humilde faz questão de honra de, na intimidade do lar, tributar-lhe suas homenagens e orações.

33. — Questionário. — ***1.*** *Por que símbolos foi Maria Santíssima prometida e figurada?* — ***2.*** *Citai e explanai três profecias relativas a Maria.* — ***3.*** *Citai* (*sem explaná-los*) *símbolos e pessoas que figuraram Maria.* — ***4.*** *Como a escada de Jacó figura Maria?* — ***5.*** *Que é a arca da aliança e como figurava Maria?* — ***6.*** *Que sabeis do velo de Gedeão?* — ***7.*** *Explicai como o arco-íris é uma figura de Maria.* — ***8.*** *Que é a sarça ardente em relação a Maria?* — ***9.*** *Que relação há entre Eva e Maria?* — ***10.*** *Dizei de que maneira Ester faz pensar em Maria.* — ***11.*** *Onde se faz menção de outras figuras de Maria?*

34. — Notas complementares. — Explicar algumas outras profecias: por exemplo, *Quae est ista?* do Ofício (Cant. VI, 9), etc. — Do mesmo modo, explicar outras figuras: a Arca de Noé, a Árvore da vida.... Abigail, Débora. — Comentar algumas passagens da liturgia: visão do Apocalipse (XII, 1)... os hinos de Terça e de Noa do Ofício de Imaculada Conceição.

CAPÍTULO III

VIDA DA SANTÍSSIMA VIRGEM. — ANTES DA ANUNCIAÇÃO

35. — Resumo. — Maria era da família de Davi. Seus pais chamavam-se Joaquim e Ana. Foi preservada por Deus do pecado original: é o privilégio da Imaculada Conceição. A Igreja fixou a 8 de setembro a festa do aniversário de seu nascimento.

O nome de Maria significa *Senhora e Luz*. A Igreja estabeleceu uma festa em honra deste nome glorioso, terror do inferno e esperança dos cristãos.

Maria, criancinha ainda, foi levada ao Templo e ali educada. A Igreja comemora este fato na festividade da Apresentação Ao sair do Templo, desposou São José, seu virtuoso parente.

36. — Como se divide a vida de Maria. — Podemos dividir a vida de Maria em quatro períodos.

1.° O que precede a Encarnação e se passa em Jerusalém, quer na sua família quer no templo.

2.° O que corresponde ao grande mistério da Encarnação. Este transcorre em Nazaré com São José; em Hebron, na casa de Zacarias; em Belém, por ocasião do nascimento de Jesus e em Jerusalém.

3.° O da vida oculta de Jesus. Passa-se parte no exílio, no Egito, e sobretudo em Nazaré e dura trinta anos.

4.° O da vida pública de Jesus, em que se realiza o mistério da Redenção, a que se seguem os últimos anos de Maria.

37. — Pais da Santíssima Virgem. — O pai de Maria Santíssima chamava-se Joaquim e a mãe, Ana. A Igreja concedeu-lhes as honras dos altares, porque a tradição, que nos transmitiu seus nomes, atesta que ambos eram modelos de todas as virtudes.

Ambos pertenciam à família real de Davi, então muito decaída do antigo esplendor.

Ambos eram de idade avançada e privados de descendência, quando Maria lhes foi dada.

38. — Imaculada Conceição. — Maria, em vista do papel a ela reservado na Encarnação do Verbo, recebeu de Deus, desde o

primeiro instante da existência, a plenitude das graças que uma criatura possa receber.

Cumpre distinguir em primeiro lugar, entre estas graças, o favor de ter sido preservada do pecado original, privilégio designado pelo nome de Imaculada Conceição.

Foi sempre um ponto de crença na Igreja e, em 1854, Pio IX o elevou à categoria de dogma de fé, com sumo gáudio da cristandade.

39. — Nascimento da Santíssima Virgem. — Ignora-se a data exata e o dia do nascimento da Santíssima Virgem. A Igreja escolheu o dia 8 de setembro para festejar esse auspicioso acontecimento que se deu, aproximadamente, no ano 22 antes da era cristã. (Pe. de La Broise).

Quanto à cidade de seu nascimento, uma tradição muito digna de crédito designa Jerusalém, embora haja também opinião a favor de Nazaré.

40. — Razões de uma festa em honra da Natividade de Maria. — A Igreja instituiu esta festa:

1.° Porque Maria, desde o nascimento, foi santa, contrariamente ao que se dá com as outras crianças que, herdeiras do pecado original, recebem a inocência com o batismo.

2.° Porque este glorioso nascimento era como a aurora da nossa Redenção e, consequentemente, o mais alegre acontecimento que a terra tivesse presenciado desde muitos séculos.

41. — O santo nome de Maria. — O nome de Maria, que Joaquim e Ana impuseram a sua santa filha, era bastante comum entre os Judeus. Encontra-se pela primeira vez, na Sagrada Escritura, para designar a irmã de Moisés. Há várias Marias no Evangelho: Maria Madalena, Maria Salomé e Maria, mulher de Cleófas, o qual julgam ter sido irmão de São José.

42. — Significado do santo nome de Maria. — Podemos afirmar que Maria realizou a significação de seu nome. Significa ao mesmo tempo ***Senhora,*** isto é, Rainha, e ***Luz.*** Grafava-se ***Miriam*** ou ***Mariam*** entre os Judeus e adotamos a forma latina ***Maria.***

1.° Maria é, com efeito, a ***Senhora*** ou ***Rainha*** dos anjos, dos homens, do mundo inteiro. A Igreja a saúda muitas vezes com este nome, principalmente nas ladainhas lauretanas. Costumamos, outrossim, chamá-la Nossa Senhora.

2.° Maria é também nossa ***Luz***; não, sem dúvida, como seu Filho Jesus, que é o sol de justiça, mas como doce ***aurora*** que o precede, como a ***lua*** que o recorda, como a ***estrela matutina*** que o anuncia, nomes graciosos que lhe dá a Igreja.

43. — Culto do santo nome de Maria. — A Igreja instituiu uma festa em honra do Santo Nome de Maria. (12 de setembro).

Na verdade, depois do de Jesus, o nome mais glorioso é o de nossa Mãe. Daí o costume frequente de impô-lo às crianças, na pia batismal, e aos religiosos na tomada de hábito.

Vários Institutos religiosos o escolheram como prova solene do seu amor para com sua excelsa Padroeira: por exemplo, na Idade Média, ***os Servitas de Maria*** e, mais recentemente, a ***Sociedade de Maria,*** o Instituto dos ***Pequenos Irmãos de Maria*** (Irmãos Maristas) e numerosas Congregações femininas.

Da mesma maneira, este nome venerando foi adotado por numerosas casas religiosas: escolas, hospitais, conventos. Citemos, entre milhares, todos os conventos de Trapistas: Nossa Senhora das Neves, Nossa Senhora d'Aiguebelle, Nossa Senhora de Sept-Fons, etc.

44. — Virtude do nome de Maria. — Como o nome de Jesus, o de Maria é:

1.° O ***terror do inferno.*** "O demônio, diz são Germano de Constantinopla, foge só ao ouvir o nome de Maria".

2.° A ***força*** e o ***amparo dos que o invocam.*** Diz, por sua vez, o Venerável Padre Champagnat: "Oh! quanta virtude encerra o nome de Maria! Quão felizes somos por tê-lo tomado! Há muito tempo que não se falaria mais da nossa sociedade, se não fosse a proteção deste santo nome, deste nome milagroso!"

45. — Maria no Templo. — Além da apresentação ao Templo de Jerusalém, oitenta dias depois de nascida, Maria para

ali foi levada desde a mais tenra idade, por especial cuidado de seus pais, que a consagraram ao serviço de Deus.

Junto ao Templo existiam dependências, onde meninas se educavam piedosamente e podiam, mediante pequenos trabalhos em relação com a idade e aptidões, contribuir para o asseio e ornamentação do lugar santo.

Convinha que a santa menina: 1.° nunca estivesse exposta ao contágio do mundo corruptor; 2.° fosse o modelo das almas consagradas a Deus na vida religiosa.

46. — A festa da Apresentação. — A Igreja fixou a 21 de novembro a festividade destinada a comemorar a Apresentação de Maria no Templo. Sua consagração é o modelo da dos religiosos.

1.° É ***pronta,*** pois se encerra no Templo desde a mais tenra idade, ensinando-nos assim, pelo exemplo, que nunca é cedo demais para se consagrar a Deus.

2.° É ***generosa,*** pois abandona o mundo e até sua santa família, para cuidar exclusivamente do serviço de Deus.

3.° Enfim, é ***total,*** porque, prevenida e atraída pela graça de Deus, se consagra inteiramente e para sempre a Deus.

47. — Maria e os votos de religião. — Nesta consagração de Maria, temos um exemplo bastante exato dos votos de religião: de ***obediência,*** por sua submissão à vontade de seus superiores; de ***pobreza,*** pelo abandono de sua casa e dos bens paternos; de ***castidade,*** pelo voto de virgindade que ofereceu a Deus, fato até então sem precedentes.

48. — Vida de Maria no Templo. — Maria, no Templo, levou a vida comum de suas companheiras. Não se pode negar que fosse para elas modelo de piedade e de obediência. Pias tradições no-la mostram como a mais adiantada no conhecimento dos livros santos e a mais habilidosa na confecção dos bordados usados na ornamentação do Templo.

Acredita-se que foi durante a estada de Maria no Templo que faleceram seus santos pais, Joaquim e Ana.

49. — Fim da estada de Maria no Templo. Seu casamento. — Maria permaneceu no templo até seu casamento com São José.

Esta união, nos desígnios de Deus, devia apenas velar honradamente o mistério da Encarnação. Maria contraiu núpcias, conforme o costume daquele tempo, por ordem e pelos cuidados daqueles de quem então dependia e que lhe escolheram, para esposo, seu santo parente José, o humilde artífice de Nazaré.

50. — Prática. — Alegrar-se de trazer o nome de Maria, quer pessoalmente quer pela filiação a algum grupo: paróquia, confraria, ordem religiosa.

51. — LEITURA. — Manoel Belgrano — O General Manoel Belgrano, uma das mais puras glórias da Argentina, foi um dos primeiros heróis que lutaram valentemente para obter a independência da sua pátria. Melhor que tudo isto, foi principalmente um modelo de bom cristão.

Distinguiu-se por ardente devoção para com a Santíssima Virgem, que nomeou *Generalíssima* dos seus exércitos; por isso exigia que os seus soldados trouxessem no peito o bentinho de Nossa Senhora do Carmo.

Quando o Governo Provisório argentino o encarregou de criar a nova bandeira nacional, adotou as cores do manto de Nossa Senhora de Lujan; o azul e o branco, para que figurassem no primeiro símbolo de sua pátria independente.

Fez mais ainda: com o dinheiro que arrecadou de suas numerosas vitórias, fundou quatro escolas, cujos regulamentos, ditados por ele mesmo, tinham por base o *estudo do catecismo, a recitação diária da ladainha de Nossa Senhora e, aos sábados, a do terço.*

52. — Questionário. — ***1.*** *Que sabeis dos pais da Santíssima Virgem: nome, santidade, família, idade?* — ***2.*** *Que graças recebeu Maria antes mesmo do seu nascimento?* — ***3.*** *Que é a Imaculada Conceição?* — ***4.*** *Quando foi proclamada dogma de fé?* — ***5.*** *Que sabemos do lugar, do dia e data do nascimento de Maria?* — ***6.*** *Quais são as duas razões que levaram a Igreja a instituir uma festa em honra do nascimento de Maria?* — ***7.*** *Explicai como podemos considerar Maria como Rainha e Luz.* — ***8.*** *Por que quis a Igreja estabelecer a festa do santo nome de Maria?* — ***9.*** *Citai algumas palavras que provam que o nome de Maria é:* 1.º *o terror do inferno*; *e* 2.° o *força de seus filhos.* — ***10.*** *Onde passou Maria a sua juventude?* — ***11.*** *Por que motivo foi educada no Templo?* — ***12.*** *Em que misteres ali se ocupava* — ***13.*** *Que é a festa da Apresentação?* — ***14.*** *Quais são as três qualidades da consagração da Virgem Maria?* — ***15.*** *Como é o modelo dos votos de Religião?* — ***16.*** *Quando morreram os pais da Santíssima Virgem?* — ***17.*** *Que nos diz a tradição de seu trabalho e de sua habilidade?* — ***18.*** *Quanto tempo ficou Maria Santíssima no Templo?*

53. — Notas complementares. — Dar breves noções sobre são Joaquim e santa Ana, acrescentando que são apenas pias tradições. — A genealogia de Maria segundo são Mateus e São Lucas. — Noções sobre o desenvolvimento do dogma da Imaculada Conceição. — Histórico da festa do santo nome de Maria.

CAPÍTULO IV

ANUNCIAÇÃO. — NASCIMENTO DE JESUS

54. — Resumo. — O anjo Gabriel foi enviado a Maria para anunciar-lhe que, por obra do Espírito Santo, havia de ser a Mãe de Deus.

Depois Maria foi a Hebron, visitar sua prima Isabel. Neste encontro João Baptista foi santificado antes de nascer e Maria pronunciou o "Magnificat" (*festa no dia* 2 *de julho*).

De volta a Nazaré, Maria parte pouco depois para Belém. Ali, posto numa manjedoura, Jesus vem ao mundo. Os pastores e os magos vêm adorá-lo. Mais tarde, Maria contará tudo isso a São Lucas, que o repetirá no seu evangelho.

Na cerimônia da Apresentação, as alegrias de Maria mesclaram-se com as tristes predições de são Simeão.

55. — Encarnação do Verbo. — Tendo-se cumprido o tempo marcado por Deus para nos dar o Redentor e estando a Santíssima Virgem providencialmente preparada para o papel incomparável da maternidade divina, foi-lhe anunciado o mistério da Encarnação.

56. — Circunstâncias da Encarnação. — O anjo Gabriel, mensageiro de Deus, apresentou-se a Maria e saudou-a respeitosamente com os magníficos louvores que repetimos no começo da ***Ave Maria.***

Ouvindo semelhante saudação, a humilde Virgem perturbou-se, mas o anjo a sossegou. Anunciou-lhe, logo a seguir, que ela havia de se tornar mãe de Jesus, Filho do Altíssimo e Salvador dos homens.

Maria objetou que havia feito voto de virgindade; o anjo, porém, respondeu-lhe que o Espírito Santo tão somente teria parte na formação, em seu seio, do corpo de Jesus.

Então a angélica Virgem tranquilizada replicou: ***"Eis a serva do Senhor! faça-se em mim segundo vossa palavra".*** E cumpriu-se a Encarnação.

57. — Festa da Anunciação. — A Igreja fixou a 25 de março a festa da Anunciação. Esta festa lembra-nos: 1.° as ***humilhações*** do Verbo que baixou do céu à terra para se tornar criança, e sua infinita ***bondade*** que o impeliu a vir redimir o homem culpado: 2.° as ***virtudes*** refulgentes que Maria

manifestou nesta oportunidade mormente a fé, a humildade, a pureza e a obediência. Além disso, a Igreja instituiu o ***Angelus*** para honrar este grande mistério apresentado assim três vezes ao dia à piedade dos fiéis.

58. — Visitação. — Logo depois da Anunciação, Maria dirigiu os passos para a cidadezinha de Hebron, onde residia sua prima Isabel, que se tornará mãe de São João Batista. Tal viagem, de cerca de cem quilômetros, através de uma região montanhosa, não estava isenta de fadigas e perigos, sobretudo para uma donzela.

Maria, trazendo Jesus em seu seio, ia levar a graça à família de Zacarias.

59. — Encontro de Maria com Isabel. — O encontro de Maria, já mãe de Deus, e de Santa Isabel, mãe de São João Batista, fora preparado por Deus para patentear claramente o papel de Nossa Senhora, como ***canal das graças.*** Com efeito: 1.° no mesmo instante em que Maria saudou sua prima, o Precursor de Jesus Cristo foi por este, ***santificado,*** isto é, purificado da culpa original; 2.° Santa Isabel ficou, ao mesmo tempo, ***cheia do Espírito Santo,*** reconheceu Maria como Mãe de Deus e louvou-a com estas palavras da ***Ave-Maria: "Bendita és tu entre todas as mulheres e bendito é o fruto do teu seio".***

60. — Magnificat. — Maria respondeu a Isabel louvando a Deus por ter olhado para a baixeza de sua serva, tornando-a bem-aventurada aos olhos de todas as gerações, por se ter lembrado de suas promessas, exaltado os humildes e confundido os soberbos.

São estes os pensamentos e sentimentos do admirável cântico, ***Magnificat,*** que a Igreja introduziu nas ***vésperas.***

61. — Festa da Visitação. — A Igreja, por uma festa especial celebrada a 2 de julho, honra o mistério da Visitação da Santíssima Virgem, as graças de que serviu de instrumento e as virtudes que nela praticou, entre as quais se destacam a humildade e a caridade.

62. — Permanência de Maria em Hebron. — Maria ficou cerca de três meses em casa de sua santa prima, prestando-lhe toda espécie de serviços. Não há dúvida de que, durante esta

permanência, ela recebeu as mais tocantes demonstrações do respeito que Isabel dedicava à mãe do seu Deus e do carinhoso afeto que pudesse ter para a mais terna das filhas. É impossível exprimir a santidade das suas conversas repassadas da mais ardente caridade.

Pensam alguns que Maria presenciou as maravilhas que acompanharam o nascimento de São João Batista, e depois regressou a Nazaré. Ali continuou sua vida simples e escondida que não a diferençava em coisa alguma das demais mulheres da cidadezinha.

63. — Circunstâncias que levaram Maria a Belém. — Enquanto Maria estava em Nazaré, um edito do imperador Augusto marcou um recenseamento geral em todo o império romano. A Judéia, então tributária de Roma, foi atingida por esse decreto, e cada qual teve de inscrever-se no lugar de origem de sua família. Maria, acompanhando São José, dirigiu-se a Belém, cidade de Davi.

64. — Razões desta transferência. — Acima do acaso aparente de uma medida administrativa, manifesta-se a ação da Providência, nesta transferência.

1.° Era mister, para que se cumprisse a ***profecia de Miquéias,*** que Jesus nascesse em Belém de Judá.

2.° Era mister, ainda, a fim de que, mais tarde, os Judeus reconhecessem a Jesus pelo Messias, que ficasse bem estabelecido que ele descendia de Davi. Os registros oficiais, em mãos dos Romanos, certificavam-no, se tanto fosse preciso.

65. — Circunstâncias do nascimento de Jesus. — Após uma viagem de cerca de cem quilômetros, Maria, devido à falta de lugar, viu-se obrigada a retirar-se, à boca da noite, a uma lapa. Ali, à meia-noite, ela deu à luz ao divino Salvador. Foi constrangida a deitá-lo sobre uma pouca de palha, numa manjedoura, com o coração agoniado, não há dúvida, por tamanhas privações, mas admirando a lição de pobreza e de humildade que Jesus nos dava ao entrar neste mundo.

66. — Adoração dos pastores. — Ao alvorecer, Maria viu entrarem uns pastores da vizinhança, os quais foram avisados

por anjos, de noite, quando vigiavam os rebanhos. Adoraram o Salvador e contaram a Maria a aparição e as palavras dos anjos. Conservou-as e é por ela que chegaram até nós. A Igreja, parafraseando-as, compôs o ***Glória*** da missa: ***"Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade".***

67. — Maria inspiradora do Evangelho de São Lucas. — Maria conservava fielmente em seu coração a lembrança de todas estas coisas e meditava-as piedosamente. Foi a narração que delas fez, mais tarde, a São Lucas que permitiu a este evangelista pormenorizar as circunstâncias da Encarnação, do nascimento de São João Batista e de Jesus. Por duas vezes repete que Maria conservava em seu coração todas essas recordações.

68. — Circuncisão e o Nome de Jesus. — Segundo o costume dos Judeus, oito dias depois do nascimento, o Salvador foi circuncidado e deram-lhe o ***nome de Jesus.*** No dia da Anunciação, Maria recebera este nome do céu, pelo anjo Gabriel e sabemos que fora comunicado a José.

69. — Apresentação de Jesus e Purificação da Santíssima Virgem. — Era preceito da lei mosaica que todo filho primogênito fosse apresentado ao Senhor no Templo, quarenta dias depois do nascimento e a mãe purificada por uma cerimônia especial.

Maria conformou-se humildemente com a prescrição legal, muito embora esta não obrigasse nem a ela, que se tornara mãe de Deus por obra do Espírito Santo, nem a Jesus que não necessitava de resgate.

Deixaram-nos, ela e seu divino Filho, com esta submissão o mais belo exemplo: 1.° de ***obediência,*** sujeitando-se a um artigo de lei de que estava dispensada; 2.° de ***humildade,*** rebaixando-se ao nível das demais mulheres, como se não fosse a mãe de Deus.

70. — Circunstâncias notáveis de Apresentação. — Estas são três principais:

1.° O ***resgate*** de Jesus oferecido a Deus, pela oferta dos pobres, isto é, de dois pombos.

2.° A ***alegria*** de Simeão que, tendo recebido nos braços o divino Menino das mãos de sua mãe, proclamou, com

grande alegria de Maria, que era o Messias, *a luz das nações e a glória de Israel.*

3.° A ***profecia*** de Simeão a Maria, anunciando-lhe que uma espada de dor lhe transpassaria um dia o coração.

Por outro lado, Maria, oferecendo seu divino Filho a Deus, compreenderia claramente que este sacrifício era aceito e se realizaria mais tarde.

71. — Festa da Purificação. — A Igreja instituiu uma festa para solenizar a purificação da Santíssima Virgem. Celebra-se a dois de fevereiro. Comemora-se a viagem de Maria levando o divino Filho ao Templo, por uma procissão que se faz, de vela acesa na mão.

A luz dessas velas lembra Jesus, proclamado a luz do mundo por são Simeão; daí o antigo nome popular de Candelária dado a esta festividade. As velas bentas são levadas pelos fiéis e conservadas pelas famílias para fins piedosos.

72. — Adoração dos Magos. — Enquanto Maria e Jesus estavam em Belém, os Magos vieram do Oriente para adorar o Salvador. Encontraram-no, diz o Evangelho, com *Maria, sua Mãe.* Foi ela quem lho apresentou, recebeu-lhes as homenagens e os presentes; Jesus, com toda a verossimilhança, manifestou-se aos olhos deles como simples criancinha nos braços da mãe.

É o símbolo do papel de Maria para conosco. Se ela recebe nossas homenagens, é para apresentá-las a Jesus e, conforme o gracioso reparo de São Boaventura, só se acha Jesus nos braços de Maria.

73. — Prática. — Rezar sempre bem o ***Angelus*** para recordar e honrar o mistério da Anunciação.

74. — LEITURA. — Fragmento de um Símbolo de Maria.

São *Gabriel dell'Adolorata,* jovem muito devoto da Santíssima Virgem, trazia sempre sobre o peito um papelzinho onde escrevera resumidamente o que de mais belo lera em honra de Maria, sua mãe do céu:

"Creio, com *santo Efrém,* que a devoção para convosco é o passaporte da salvação. Creio, com *santa Brígida,* que os demônios fogem, quando ouvem pronunciar vosso nome. Acho no vosso nome, com *santo Antônio de Lisboa,* a mesma doçura que *São Bernardo* achava no de Jesus: é uma harmonia para o ouvido, um favo de mel para a boca, um encanto para o coração. Creio, com *Santo Agostinho* que, depois de Deus, sois a única esperança dos pecadores. Creio, com o vosso servo *São Boaventura,* que é impossível pronunciar o vosso nome sem colher algum proveito. Creio, com *santa Madalena de Pazzi*, que conduzis ao porto eterno os que recebeis no hotel da vossa proteção. Creio, com *santa Gertrudes,* que

protegeis todos os que a vós recorrerem. Creio, com *santo Hilário,* que vossos devotos servos nunca se podem perder..."

75. — Questionário. — ***1.*** *Quando foi o mistério da Encarnação anunciado a Maria?* **— *2.*** *Quem lho anunciou?* **— *3.*** *Que disse o anjo Gabriel comparecendo diante de Maria para saudá-la?* — **4.** *Que efeito produziu em Maria a saudação do anjo?* **— *5.*** *Que objeção fez Maria?* **— *6.*** *Que lembra a festa da Anunciação:* 1.° *em relação a Jesus Cristo?* 2.° *em relação a Maria?* **— *7.*** *Descrevei a viagem de Maria, indo visitar sua prima: ponto de partida, de chegada, extensão da viagem, região atravessada.* **— *8.*** *Circunstâncias do encontro de Maria com Isabel referente:* 1.° *a São João Batista,* 2.° *a Santa Isabel.* **— 9.** *Quais os pensamentos expressos por Maria ao Magnificat?* **— *10.*** *Que é que a Igreja honra na festa da Visitação?* **— *11.*** *Quais foram os afazeres da Virgem Maria em Hebron?* **— *12.*** *Quanto tempo ficou ao lado de sua prima?* **— *13.*** *Quando voltou a Nazaré?* **— *14.*** *Ali que fez ela?* **— *15.*** *Explicai por que Maria foi a Belém.* **— *16.*** *Qual o desígnio de Deus nesta mudança?* **— *17.*** *Exponde as circunstâncias do nascimento de Jesus.* **— *18.*** *Qual é a origem do "Glória" da missa?* **— *19.*** *Como pôde São Lucas dar numerosos pormenores sobre o nascimento de Jesus?* **— *20.*** *Explicai como, na Purificação, se manifestam a obediência e a humildade de Maria.* **— *21.*** *Que lembra a procissão da festa a Apresentação?* **— *22.*** *Qual foi o papel de Maria na Adoração dos Magos e que simboliza ele?*

76. — Notas complementares. — Todos os elementos deste capítulo são conhecidíssimos, mas pode-se mandar ler a narração do Evangelho de São Lucas e utilizar, para explicá-la, um bom comentário: Cristiani, Lagrange, etc.

CAPÍTULO V

DA FUGA PARA O EGITO ATÉ A PAIXÃO

77. — Resumo. — São José, avisado por um anjo, da fúria de Herodes, levou Maria e o Menino Jesus para o Egito. Ali ficou durante algum tempo e voltou a Nazaré, onde Maria, com seu divino Filho, levou vida obscura.

O único episódio conhecido deste período é o encontro de Jesus no Templo. Maria o encontrou depois de três dias de angústias. Segundo a tradição, pouco antes da vida pública de Jesus, Maria viu morrer São José e ficou reduzida à viuvez; ela representou papel importante no primeiro milagre de Jesus, em Caná. Não é provável que tenha constantemente acompanhado Nosso Senhor na sua vida pública; esteve, entretanto, presente em Jerusalém nos dias da Paixão.

78. — Fuga para o Egito. — José, avisado por um anjo de que Herodes ameaçava a vida do Salvador, tomou Jesus e Maria e pôs-se a caminho do Egito. Esta viagem foi longa e penosa. Jerusalém dista do delta do Nilo de cerca de duzentos e cinquenta quilômetros. A Sagrada Família, entretanto, ficou em segurança depois de dois dias de marcha, quando alcançou a fronteira dos territórios dependentes de Herodes.

Uma tradição local fixa em *Matariê,* nas proximidades de Heliópolis e não longe do Cairo, o lugar da permanência da Sagrada Família. Avaliou-se outrora em sete anos mais ou menos a duração do seu exílio. Todavia, os exegetas de nossos dias, documentados em datas mais precisas, reduzem-na consideravelmente; chegam mesmo alguns a limitá-la a algumas semanas.

É bem provável que a Sagrada Família aguentasse penosa situação vivendo muito pobremente no Egito.

79. — Regresso a Nazaré. — Morto Herodes, José trouxe novamente Jesus e Maria para a Judéia. Contudo, receoso das trapaças de Arquelaus, filho de Herodes o Grande, prosseguiu seu caminho até a Galiléia, então governada por Herodes Antipas, irmão de Arquelaus, e fixou-se novamente em Nazaré.

Ali, Maria entregou-se a sua vida simples e escondida aos olhos dos homens. Submissa a São José, prodigalizando cuidados maternais ao Menino-Deus, era fiel a todos seus deveres de

estado e santificava as ações comuns por uma caridade incomparável e uma incessante união com Deus.

80. — Jesus perdido e encontrado. — Tendo Jesus completado doze anos, Maria e José levaram-no, segundo o costume, ao Templo de Jerusalém, por ocasião da festa da Páscoa. Mas, no momento do regresso, o menino ficou secretamente em Jerusalém. Vemos então Maria em pranto, acompanhada de José, voltar a Jerusalém, onde encontra Jesus discutindo no Templo com os doutores. A branda censura que lhe faz nessa ocasião e suas angústias revelam a ternura de seu coração materno. Maria é o nosso modelo no afã com que devemos procurar a Jesus.

81. — Maria durante a vida oculta do Salvador. — O Evangelho nada revela sobre os anos de vida oculta do Salvador, dos doze aos trinta anos, nem tampouco diz coisa alguma sobre a Santíssima Virgem. O único acontecimento que nos transmite a tradição é a *morte de São José.*

Foi uma dura provação para Maria perder São José que fora sempre o mais desvelado esposo, e pouco mais tarde perder também Jesus, que ia encetar a vida pública. Deus quer assim ensinar-nos que, sendo as provas preciosos meios de santificação, elas são o quinhão das almas privilegiadas.

82. — Maria nas bodas de Caná. — O primeiro milagre de Jesus foi feito *a instâncias de Maria.* O vinho estava faltando num banquete de núpcias ao qual haviam sido convidados Maria e Jesus com os discípulos. Vemos então Maria conseguir de seu divino Filho, apesar de uma primeira objeção, um milagre retumbante: a mudança, da água em vinho.

83. — Papel simbólico de Maria. — Este milagre, concedido à súplica de Maria, mostra-nos claramente o extraordinário poder de intercessão de Maria. Seu papel, nesta circunstância, é o símbolo do que ela desempenha por nós junto a Jesus. Conhece as nossas necessidades, expõe-nas a seu Filho e consegue-nos o divino amparo, sobretudo se lhe dirigimos alguma súplica.

84. — Maria durante a pregação de Jesus. — Muito pouco ou nada sabemos da vida da Santíssima Virgem durante os

três anos da pregação de Jesus. O Evangelho no-la mostra presente a várias instruções de Jesus; talvez o acompanhasse uma ou outra vez com outras mulheres que proviam às suas precisões, mas é improvável que o fizesse constantemente. Ela ficou habitualmente em Nazaré. Seja como for, encontrava-se em Jerusalém no momento da Paixão e presenciou aos padecimentos de Jesus e a sua morte na cruz.

85. — Primeiro episódio relativo a Maria durante a vida pública de Jesus. — Narra o Evangelho que, uma vez, logo no começo de vida pública, alguns nazarenos, parentes de Jesus, aqueles que as línguas orientais designam sob o nome de ***irmãos*** e que nossas línguas modernas, mais precisas, chamam de ***primos,*** admirados de sua fama, foram a Cafarnaúm para tornar a vê-lo. Para mais seguramente conseguirem seu fim, fizeram-se acompanhar e apresentar por sua Mãe. O Evangelho cala o resultado da diligência, referindo apenas as palavras de Jesus nessa ocasião: "Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? ***"Quem faz a vontade de Deus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe".***

Esta palavra é o mais perfeito elogio de Maria, Mãe de Jesus, não só segundo a natureza, mas ainda no sentido espiritual, aqui revelado, da união com Deus.

86. — Segundo episódio. — Em outra circunstância, quando Jesus pregava à multidão, uma mulher do povo exclamou: ***"Felizes os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática!"*** É, em outros termos, o mesmo elogio de Maria que, a primeira, praticou tão perfeitamente os preceitos e os conselhos do Evangelho.

87. — Prática. — Imaginar que Maria deseja, como em Caná, que façamos tudo o que seu Filho nos disser.

88. — LEITURA. — História e tradição.

Os fatos certos da vida de Nossa Senhora são encontrados no Evangelho. Sendo eles pouco numerosos, é natural desejo de conhecer outros pormenores. Isto explica como, nos primeiros escritos cristãos que se seguiram aos Evangelhos, se deparam tradições, lendas até, destinadas a realçarem os dados históricos sobre a vida da Santíssima Virgem, principalmente sobre a sua juventude. Estes diversos escritos têm o nome de *evangelhos apócrifos,* porque a Igreja não lhes reconhece valor algum. São, portanto, incapazes de trazer certeza ao espírito. Não obstante, os escritores, com o intuito de enriquecerem suas

narrativas e os pintores para orientarem suas composições, muita coisa lhes tomaram de empréstimo.

Daí a utilidade de se conhecer os principais fatos que eles citam:

Juventude de Maria. — Nomes dos pais de Maria: Joaquim e Ana; muito tempo sem filhos; Joaquim vê, no Templo, sua oferta rejeitada. Um anjo lhes anuncia o nascimento de Maria. Prometem consagrá-la ao Senhor. Moram em Jerusalém perto da piscina probática. Distribuem seus haveres aos pobres.

Maria no Templo. — Com três anos de idade, Maria, por si mesma, pede para ir ao Templo. Sozinha sobe os degraus da escadaria. Demonstra mais habilidade que todas as companheiras nos trabalhos de sua idade, notadamente em bordados.

Esponsais. — O sacerdote pede a cada um dos pretendentes à mão de Maria uma vara que deposita sobre o altar. Na manhã seguinte, a de José tinha florescido. É ele que será o esposo da Virgem Santíssima.

Outros fatos. — Durante a fuga para o Egito, uma palmeira, junto à qual Maria se sentara para repousar, inclinou-se pondo-lhe as tâmaras ao alcance da mão. — A Sagrada Família cai nas mãos dos salteadores. Estes, atendendo ao pedido de um companheiro, o futuro bom ladrão, não lhe fazem mal algum. — As estátuas dos falsos deuses são precipitadas de seus pedestais, em todo o Egito, à entrada da Sagrada Família.

De tantos fatos, a Igreja conservou apenas o nome dos pais da Santíssima Virgem, seu nascimento em Jerusalém e sua estada no Templo.

Pelo contrário, um pintor de nomeada, Rafael, em sua tela do Casamento da Santíssima Virgem, pôs à mão de José uma vara, e, em redor vários jovens que quebravam as deles.

89. — Questionário. — ***1.*** *Para onde foi Maria depois da Apresentação? —* ***2.*** *Por que Maria se dirigiu para o Egito? —* ***3.*** *Que sabeis desta viagem? —* ***4.*** *Quanto tempo durou o exílio? —* ***5.*** *Qual a razão por que, na volta, São José não se fixou na Judeia? —* ***6.*** *Qual a vida de Maria em Nazaré? —* ***7.*** *Sabeis como Maria e José perderam o menino Jesus em Jerusalém? —* ***8.*** *Onde o encontraram? —* **9.** *Qual é o único acontecimento que o Evangelho assinala durante a vida oculta do Salvador? —* ***10.*** *Por que foi isso tão dura prova para Maria? —* ***11.*** *Que nos ensina este procedimento de Deus? —* ***12.*** *Contai o papel de Maria nas bodas de Caná —* ***13.*** *Que nos mostra sua intervenção? —* ***14.*** *Em que circunstâncias fez Jesus esta pergunta: "Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?" —* ***15.*** *Fazei a aplicação de sua resposta a Maria Santíssima. —* ***16.*** *Jesus não proclamou sua Mãe bem-aventurada em outras circunstâncias?*

90. — Notas complementares. — Como no capítulo anterior, comentar os fatos contidos neste. — Fazer distinguir na vida da Santíssima Virgem os fatos históricos, os que nos vieram pela tradição e os que certos quadros tomaram das lendas.

CAPÍTULO VI

ÚLTIMOS ANOS DA SSma. VIRGEM

91. — Resumo. — A Santíssima Virgem presenciou, no Calvário, à morte de Nosso Senhor. Sua união aos padecimentos do Redentor fê-la chamar Corredentora e rainha dos mártires. Ao pé da cruz, na pessoa de São João, teve o papel de Mãe de todos os homens.

É provável que foi favorecida com a primeira aparição de Jesus ressuscitado. Assistiu à sua ascensão e estava no meio dos apóstolos no dia de Pentecostes. Depois, passou a viver em Jerusalém; foi talvez para Éfeso com São João e finou-se em Jerusalém com 72 anos mais ou menos, no ano 54 da nossa era.

É dogma de fé católica, proclamado solenemente por Pio XII a 1.° de novembro de 1950 que ela ressuscitou três dias depois e foi levada corporalmente ao céu pelos anjos. É o que festejamos a 15 de agosto. Foi coroada Rainha do céu e intercede por nós junto a sou divino Filho.

92. — Maria durante a Paixão. — Maria acompanhou os diversos passos da Paixão com profunda mágoa e grandes sofrimentos, mas, ao mesmo tempo, com extraordinária coragem. A tradição apresenta-a no caminho do Calvário, encontrando-se com o divino Filho e seguindo-lhe os passos até o lugar do suplício. Cercada do discípulo amado e das santas mulheres, assistiu, à distância, à crucifixão e, logo que os soldados e o desaparecimento da multidão o permitiram, aproximou-se da cruz. Ali ficou até o último suspiro de seu Filho, recebendo-o nos braços, quando o despregaram do madeiro.

93. — Maria Corredentora. — Maria participou, deste modo, de todas as dores de Jesus durante a Paixão. As humilhações, os padecimentos e a morte de seu divino Filho tiveram o mais doloroso eco no seu coração materno.

Deus assim queria que Maria, a nova Eva, fosse associada aos padecimentos pelos quais Jesus, o Novo Adão, resgatava o mundo prevaricador e expiava os pecados de nossos primeiros pais e de toda a humanidade.

Esta união às dores de Jesus, que resgataram o gênero humano, fez dar a Maria o título de ***Corredentora.***

94. — Maria, Rainha dos mártires. — Os sofrimentos de Maria foram tanto mais vivos quanto proporcionados ao seu amor por Jesus. Este, por sua vez, era tão grande que não podemos compreendê-lo nem exprimi-lo. É, pois, exato dizer que os sofrimentos de Maria, na Paixão, não têm expressão adequada na linguagem humana.

95. — A Igreja comemora estes padecimentos. — A piedade cristã comemora os padecimentos da Santíssima Virgem: 1.° dando-lhe o título de ***Rainha dos Mártires***; 2.° por uma festa especial, de Nossa Senhora das *Dores* cujo ofício comporta a tocante prosa ***Stabat Mater***; 3.° associando a lembrança de seus sofrimentos aos de Jesus na ***Via Crucis,*** ou ***Via Sacra.***

96. — Maria, Mãe dos homens. — Jesus quis, antes de morrer, dar-nos Maria por Mãe. Dirigindo-se a São João, disse-lhe, com efeito: ***"Eis a tua mãe".*** Em seguida, disse a Maria: ***"Eis o teu filho".***

A Igreja sempre acreditou que, naquela circunstância, São João representava todos os cristãos. Maria, assim constituída nossa Mãe, por Jesus agonizante, tem verdadeiramente para conosco todos os sentimentos de mãe. Da nossa parte, devemos ter para com ela sentimentos de verdadeiros filhos. Por outro lado, Maria é ainda nossa Mãe por uma nova razão. Sendo Mãe de Jesus, tornou-se, no instante da Encarnação, Mãe de todos os homens, dos quais Jesus se tornava irmão, e que são, com efeito, os membros de seu corpo místico.

97. — Maria na Ressurreição. — Embora o Evangelho silencie sobre as aspirações de Jesus ressuscitado à sua Santíssima Mãe, é opinião comum que apareceu primeiro a Maria. Era justo que aquela que mais participara de seus padecimentos, mais tivesse parte em seu triunfo. Não é possível dizer a quantas outras aparições assistiu a Santíssima Virgem.

98. — Maria, depois da Ascensão. — Maria, após ter assistido à Ascensão de Nosso Senhor, retirou-se com os Apóstolos ao Cenáculo e ali permaneceu com eles durante dez dias, no retiro e na oração.

Com eles recebeu o Espírito Santo no dia de Pentecostes. A tradição representa Maria Santíssima no meio dos Apóstolos,

recebendo a plenitude dos dons do divino Espírito Santo, que os comunica com menos abundância aos apóstolos.

99. — Maria depois de Pentecostes. — Infelizmente o Novo Testamento não dá pormenores sobre os últimos anos da Santíssima Virgem.

A tradição afirma que se fixou primeiro em Jerusalém com São João. Foi o modelo vivo de todas as virtudes das santas viúvas da primitiva Igreja.

São João, obrigado pouco depois por uns trabalhos apostólicos a se afastar de Jerusalém, a levou para Éfeso no tempo da perseguição que se seguiu ao martírio de santo Estêvão, isto é, cerca do ano 42. É um ponto que não se pode precisar.

Acredita-se que Maria Santíssima voltou a Jerusalém e ali passou os últimos anos da sua vida.

100. — Morte da Santíssima Virgem. — Maria Santíssima foi submetida à lei comum da morte, sem dúvida, para que, com isso, fosse ainda mais semelhante a Jesus Cristo, modelo de todos os eleitos.

Esta morte bem-aventurada deu-se numa idade impossível de se fixar com precisão. Tradições a fazem variar entre 60 e 72 anos de idade, o que corresponderia às datas extremas do ano 42 ou 54 da era cristã. Os partidários da primeira data concluem que os apóstolos, ainda presentes em Jerusalém, puderam assistir à mesma.

101. — Dormição. — A morte da Santíssima Virgem é chamada pelos antigos Padres da Igreja, ***dormição,*** isto é, ***sono.*** Com efeito, esta morte diferiu sensivelmente da dos outros homens. Maria, diz santo Ildefonso, não devia morrer senão de amor de Deus; por isso, sem moléstia, sem sofrimento, pareceu antes adormecer do que morrer.

102. — Sepultamento. — Segundo a tradição comum, Maria foi sepultada em Getsêmani, num túmulo que, em nossos dias ainda se vê e está em mãos da Igreja armeniana.

Outra tradição, porém, fá-la morrer em Éfeso.

103. — Ressurreição. — É dogma de fé que Maria ressuscitou gloriosamente sem ter sofrido a mais leve corrupção. É tradição que esteve 3 dias no túmulo.

104. — Assunção. — Maria ressuscitada foi levada ao céu. É o que a Igreja chama sua Assunção. Imagine-se o acolhimento que lhe fizeram os santos, os anjos, seu divino Filho e a própria Santíssima Trindade! Por isso, a Igreja unindo-se a toda a corte celestial, celebra solenemente, a 15 de agosto, este auspicioso acontecimento. É a principal festividade em honra da Santíssima Virgem, com rito de primeira classe e oitava. É dia santo de guarda.

105. — Coroação. — Diz-se que Maria foi ***coroada Rainha do céu,*** para exprimir que foi colocada, no céu, acima de todas as criaturas.

Essa suprema distinção lhe era devida em virtude de sua dignidade de Mãe de Deus e, também, de seus próprios méritos, os quais jamais foram igualados por criatura alguma.

Além disso, pode-se dizer, em sentido análogo, que Jesus Cristo, seu Filho, lhe pôs o ***cetro*** à mão, para significar que a investiu de um poder soberano que nos leva a chamá-la de ***Onipotência suplicante.***

Muitas são as imagens de Maria que no-la mostram sob o aspeto de rainha, de coroa à cabeça e de cetro à mão.

106. — Papel de Maria no céu. — No céu, Maria, com mais perfeita visão beatífica da glória e da felicidade de Deus, participa também do poder de seu Filho Jesus e de sua bondade para conosco. Ela é também a tesoureira e dispensadora de toda espécie de graças, que podemos conseguir pela sua intercessão. Daí o título de ***Medianeira de todas as graças*** que, hoje em dia, se vai espalhando na Igreja.

Que confiança não nos deve inspirar este papel, numa Mãe ao mesmo tempo tão boa e tão poderosa!

107. — Prática. — Fazer nossas as dores de Maria no Calvário e implorar-lhe, quando nos confessamos, a verdadeira contrição de nossas culpas.

108. — LEITURA. — Relíquias da Santíssima Virgem.

É sabido ser geralmente impossível acompanhar sem interrupção a história das relíquias antiquíssimas até as origens, porque, desde o princípio do cristianismo, numerosos séculos passaram, durante os quais não se adotavam as precauções exigidas atualmente, para acautelar-lhes a autenticidade. Assim não há propriamente falando relíquias de Maria cuja autenticidade se possa provar. Não existe, por outro lado, relíquia alguma de seu corpo levado para o céu no dia da Assunção. Em vários lugares, entretanto, veneram-se, quer inteiros quer em fragmentos, roupa ou panos que teria usado.

A igreja permite a veneração desses objetos que têm, pelo menos, a importância de lembrar a augusta Mãe de Deus, como fazem tantas pinturas ou imagens que a apresentam sob traços diversos. Ninguém se admira de ver duas estampas da Santíssima Virgem nada parecidas uma com outra.

A mais autêntica das relíquias marianas seria *um cinto* conservado em Jerusalém até o Concílio de Éfeso, o qual, por intervenção de Santa Pulquéria, teria sido transportado dali para Constantinopla. Esta imperatriz do Oriente mandou erigir uma basílica para recebê-lo. Depois da tomada de Constantinopla pelos Turcos, esse cinto foi transportado para o Monte Atos, perto de Salônica, num mosteiro de monges gregos.

Outras relíquias: panos (Roma, Veneza), túnica (Chartres, Aquisgrana), sandálias (Soissons), aliança (Perúgia), cabelos, etc, são conservados em diversos lugares, sem ser possível dizer-se que grau de crédito se lhes pode atribuir. Aos historiadores compete decidir. Mas, como geralmente os documentos escritos não remontam além de cinco ou seis séculos, no máximo, não se pode esperar que a luz se faça sobre este ponto e, na fé das piedosas tradições, elas continuam a ser veneradas. A Santíssima Virgem, também, recompensa a piedade de seus devotos servos, seja onde for. Que a invoquem com amor, é o essencial.

109. — Questionário. — ***1.*** *Onde se encontrava Maria durante a Paixão do Salvador?* ***2.*** *Por que razão Deus assim o quis? —* ***3.*** *Que é que mereceu a Maria o título de Corredentora? —* ***4.*** *Qual foi a grandeza dos padecimentos de Maria durante a Paixão? —* ***5.*** *De que modo comemoramos as dores de Maria? —* ***6.*** *Contai a maneira pela qual Jesus nos deu Maria por Mãe. —* ***7.*** *Por que razão se admite que Maria foi a primeira a ver Jesus ressuscitado? —* ***8.*** *Onde estava Maria nos dias que se seguiram à Ascensão? —* ***9.*** *Como se representa a descida do Espírito Santo sobre Maria Santíssima? —* ***10.*** *Onde residiu Maria do Pentecostes até a primeira perseguição? —* ***11.*** *Onde esteve depois? —* ***12.*** *Por que Maria foi submetida à lei da morte? —* ***13.*** *Quando se deu esta morte? —* ***14.*** *Por que se chama ela dormição? —* ***15.*** *Que sabeis do túmulo de Maria? —* ***16.*** *Quanto tempo o corpo de Maria ficou no túmulo? —* ***17.*** *Que recordações traz a festa de 15 de agosto? —* ***18.*** *Que significa a expressão "Maria foi coroada Rainha do Céu?" —* ***19.*** *Por que motivos Deus a colocou acima de todos os santos? —* ***20.*** *Por que devemos ter confiança em Maria?*

110. — Notas complementares. — Explicações sobre o título de Corredentora dado a Maria. — Leitura e comentários do *Stabat.* — Tradições sobre a morte e ressurreição de Maria. (*Segundo São João Damasceno*). Tradições sobre a permanência de Maria em Éfeso. — Estado da questão da definição do dogma da Assunção.

GRANDEZAS E CULTO DE MARIA

CAPÍTULO VII

GRANDEZAS E PRIVILÉGIOS DE MARIA

111. — Resumo. — As grandezas de Maria decorrem do seu papel de Mãe de Deus. Teve assim relações íntimas com as três pessoas da Santíssima Trindade e, consequentemente, recebeu graças extraordinárias, chamadas privilégios. Os principais são: sua conceição imaculada, sua maternidade divina, sua assunção gloriosa e sua mediação onipotente no céu.

A Igreja dá a Maria os títulos mais gloriosos, sendo os seguintes os principais: Mãe de Deus, Virgem por excelência, Rainha dos Santos, Advogada dos homens e refúgio dos pecadores.

112. — Grandezas de Maria. — As grandezas todas de Maria, são, por assim dizer, condensadas no seu glorioso título de ***Mãe de Deus.*** Associada ao mistério da Encarnação, a Virgem Maria foi unida à Santíssima Trindade, tão estreitamente quanto é possível a uma criatura e, desta maneira, foi elevada em dignidade acima de todos os seres.

113. — Relações de Maria com as três pessoas da Santíssima Trindade. — O papel de Maria na Encarnação estabelece relações íntimas entre ela e a Santíssima Trindade. A primeira que ocorre à mente é que Maria é a Mãe do Verbo, segunda pessoa da Santíssima Trindade. É a união mais íntima depois da união hipostática que, numa só pessoa, une as duas naturezas de Jesus Cristo.

114. — Com Deus o Padre e Deus o Espírito Santo. — Também Maria está unida de modo especial ao Padre, de quem gerou, no tempo, sob a natureza humana, o mesmo Filho que Ele, de toda eternidade, gera na natureza divina.

Está também intimamente unida ao divino Espírito Santo na obra da Encarnação, pois é Ele quem formou no seu seio virginal o corpo de Jesus Cristo.

115. — Expressão dessas relações. — Essas diversas relações induziram os fiéis a conferir a Maria o título glorioso de Mãe de Deus, o qual, depois do Concílio de Éfeso, em 431, entrou por definição dogmática na linguagem oficial da Igreja.

As outras expressões: Filha de Deus Padre, Templo do Espírito Santo, Esposa do Espírito Santo, sem terem ao mesmo tempo entrado na liturgia da Igreja, são de uso corrente e exprimem as relações de Maria com as pessoas da augusta Trindade.

116. — Privilégios de Maria. — O papel de Mãe de Deus associando Maria, mais do que qualquer outra criatura, às pessoas adoráveis da Santíssima Trindade, valeu-lhe, da parte de Deus, todas as graças compatíveis com a natureza humana. Daí decorrem, não só as graças comuns aos outros homens, mas ainda a totalidade das graças possíveis e, entre estas, os privilégios mais dignos da nossa admiração. Nada podia parecer demasiado belo aos olhos de Deus, para exornar a pessoa da Mãe do Verbo Encarnado.

117. — Privilégios de Maria na terra. — Os autores que trataram dos privilégios da Santíssima Virgem, ensinam sobretudo:

1.° que ela recebeu a ***plenitude das graças,*** entre as quais citam a conceição imaculada e a isenção da concupiscência;
2.° que, por sua vez, ***correspondeu*** tão perfeitamente ***à graça*** que não cometeu falta alguma atual;
3.° que guardou uma ***virgindade perpétua*** e deu à luz a Jesus Cristo milagrosamente e sem dor;
4.° que, durante mais de trinta anos, gozou da ***presença*** contínua de Jesus;
5.° que, mais intimamente do que ninguém, participou do sacrifício do Calvário, a ponto de ser chamada ***Corredentora*** e Jesus Cristo, ali mesmo, a constituiu Mãe de todos os homens;
6.° que ***morreu de amor divino.***

118. — Privilégios de Maria no céu. — Os privilégios que Maria Santíssima teve na ordem da natureza e da graça, nesta terra, foram continuados por outros na glória celestial.

1.° Seu corpo virginal, preservado da corrupção do túmulo, ***ressuscitou*** e foi levado ao céu pelos anjos no dia de sua Assunção.

2.° Maria ***foi coroada Rainha do céu e da terra,*** isto é, colocada acima de todos os bem-aventurados e associada à onipotência de seu Filho.

3.° Ela é mais ***honrada*** e ***invocada*** que todos os santos.

119. — Títulos gloriosos conferidos a Maria pela Igreja. — A Igreja, nas palavras oficiais de sua liturgia, os padres e os doutores nos seus tratados, e os oradores sacros nos seus discursos, empregam as expressões mais gloriosas a respeito de Maria.

A título de exemplos, citamos algumas nos três números que seguem, por ser impossível enumerá-las todas aqui.

120. — Na liturgia. — O título de ***Mãe de Deus,*** de todos o mais glorioso, vem repetido principalmente no cânon da missa e a cada ***Ave Maria.*** O de ***Rainha*** encontra-se isolado em várias orações e onze vezes repetido na ladainha: Rainha dos Anjos, Rainha de todos os Santos, etc. Representa-se muitas vezes a Santíssima Virgem com os atributos da realeza: cetro e coroa.

O de ***Virgem*** por excelência aparece em muitas orações públicas, notadamente no ***Credo,*** no ***Confíteor,*** na missa e no ofício canônico. A. linguagem cristã frequentemente designa Maria por esta expressiva apelação, ***Virgem das Virgens*** ou ainda Bem-aventurada Virgem, Santíssima Virgem.

Advogada nossa. Este título, introduzido na ***Salve Rainha,*** indica o papel de Maria defendendo seus servos perante o tribunal do Soberano Juiz, quer durante a vida, quer à hora da morte.

Refúgio dos pecadores. É na ladainha lauretana que Maria é assim chamada **(*Refugium peccatorum*).** Ensina a experiência dos séculos que ela obtém o perdão e a conversão de inumeráveis pecadores.

121. — Nos escritos e discursos dos servos de Maria. — A estes títulos gloriosos para Maria poderíamos acrescentar todos

os que lhe deram seus fiéis servos que, a bem dizer, esgotaram o vocabulário para exprimir todos os louvores possíveis.

Chamaram-na de dulcíssima, sapientíssima, gloriosíssima, ou ainda de ***conquistadora de corações,*** como Sto. Afonso de Ligório; ***fonte de vida,*** como na liturgia grega; ***imperatriz dos céus,*** na Idade Média; ***Recurso ordinário,*** como o V.el Pe. Champagnat. Chegam até a dizer ***divina Virgem*** ou ***divina Mãe,*** piedosa expressão que a ninguém engana e exprime o supremo louvor.

122. — Poesia das orações da Igreja dirigida a Maria. — As seguintes expressões, e outras mais, dão à linguagem da Igreja, ao falar em Maria, uma forma poética, rica de imagens, de figuras tomadas do estilo oriental da Bíblia, que constitui um dos encantos da liturgia marial.

Assim, Maria é designada na ladainha sob os nomes de ***rosa mística, torre de marfim, estrela da manhã*** e alhures sob os de ***aurora, pomba, lírio entre os espinhos.*** O ofício da Imaculada Conceição é todo inteiro composto das mais graciosas imagens da Sagrada Escritura que ***figuram Maria Santíssima.***

123. — Prática. — Pensar quanto a ***Ave Maria*** nos ajuda a felicitar Maria pelas suas grandezas.

124. — LEITURA. — Maria destruiu todas as heresias.

No número das glórias de Maria, a Igreja inclui a de *ter esmagado todas as heresias* e, na sua liturgia, exalta-lhe este triunfo.

É certo que o exato conhecimento do papel e da dignidade de Maria tem levado a fixar melhor o que toca ao dogma e, por conseguinte, a afastar os erros. Lembremo-nos como, em Éfeso, o reconhecimento de sua maternidade divina serviu para precisar o que diz respeito às duas naturezas de Jesus Cristo.

Além disto, a ação direta de Maria na Igreja auxilia poderosamente a conservação não só da piedade e do zelo como também da fé.

Que incentivo não acha a fé dos inúmeros cristãos, em nossos dias, em Lourdes, em Fátima, em Aparecida do Norte no que diz respeito ao mundo sobrenatural, à necessidade da penitência, ao poder da oração, à bondade de Deus, à realidade dos milagres!

Por isso é que quase sempre os hereges dirigiram seus ataques contra Maria, pretendendo diminuir-lhe a glória e restringir-lhe o papel. Ela reduziu a nada os argumentos dos hereges com a mesma superioridade com que esmagou a cabeça da serpente infernal.

"Se Maria é *Mãe de Deus,* exclama certo famoso orador, Jesus Cristo é mais que um homem. Arianos, calai-vos!..."

"Dizeis, Luteranos, que Jesus Cristo não pôde dar à sua Igreja o poder de remeter os pecados. E por quê não? Ele é Deus, já que Maria é *Mãe de Deus.* Calai-vos..."

"Afirmais, panteístas, céticos, ímpios de todo nome, ou que não há Deus, ou que não se pode demonstrar que existe. Calai-vos, calai-vos! Maria é *Mãe de Deus*; logo há um Deus".

Tem-se observado que os erros do protestantismo não conseguiram penetrar no Oriente, apesar de numerosas tentativas, devido à oposição que os Orientais, até cismáticos, mas devotíssimos de Maria, sempre fizeram a doutrinas que ameaçavam tirar-lhes o culto da Mãe de Deus.

125. — Questionário. — ***1.*** *De onde vêm todas as grandezas de Maria?* **— 2.** *Quais são as relações de Maria com Deus Filho?* **— 3.** *com Deus Padre?* **— *4.*** *com Deus Espírito Santo?* **— *5.*** *Quais são os principais privilégios de Maria na terra?* **— *6.*** *No céu?* — ***7.*** *Onde se encontram expressões gloriosas para Maria?* — ***8.*** *Quais são os três principais títulos de Maria que a liturgia repete?* **— *9.*** *Citai os lugares onde se encontra cada um deles.* — ***10.*** *Explicai os títulos seguintes conferidos a Maria: Advogada nossa, Refúgio dos pecadores, Recurso ordinário.*

126. — **Notas complementares.** — Nestório e o Concílio de Éfeso. — Títulos gloriosos de Maria, diferentes dos já citados aqui: *Maris stella, etc.* — Comentário de algum cântico.

CAPÍTULO VIII

CULTO EXTERIOR — AS FESTIVIDADES

127. — Resumo. — A Igreja instituiu numerosas festividades em honra da Santíssima Virgem. Constituem um primeiro grupo as que recordam os acontecimentos de sua vida, como sejam: a Imaculada Conceição, a 8 de dezembro; a Natividade, a 8 de setembro, etc.

As de outro grupo lembram algum dos seus benefícios ou títulos gloriosos. Tais são o santo Rosário, a Aparição de Lourdes, o santo nome de Maria, Nossa Senhora Aparecida, etc.

128. — Culto exterior. — Entende-se por culto exterior o conjunto das manifestações pelas quais se exprimem os sentimentos interiores de devoção.

Estas manifestações consistem principalmente em festividades estabelecidas pela Igreja, em orações, peregrinações, etc.

129. — Festa da Santíssima Virgem. — A Igreja deu ao culto da Santíssima Virgem um lugar de especial destaque na liturgia, em que introduziu grande número de festas marianas.

Contam-se mais de trinta no rito latino e, a este número, podem-se acrescentar as que são privativas de outros ritos: grego, armênio, copta, etc, ou de diversas ordens religiosas.

130. — Enumeração das principais festas. Primeiro grupo. — As festas em honra da Santíssima Virgem distribuem-se em dois grupos.

Ao primeiro pertencem todas as que têm por fim honrar a Santíssima Virgem nos diversos acontecimentos de sua vida. São principalmente: a Imaculada Conceição, a 8 de dezembro; a Natividade, a 8 de setembro; a Anunciação, a 25 de março; a Purificação, a 2 de fevereiro; a Visitação, a 2 de julho e, a mais solene de todas, a Assunção, a 15 de agosto. A vida bem conhecida da Santíssima Virgem explica suficientemente este primeiro grupo.

131. — Segundo grupo. — Neste grupo figuram as festas que celebram algum benefício da Santíssima Virgem, ou alguma

prática de sua devoção. Citemos os principais: o santo Rosário, a 7 de outubro; Nossa Senhora das Mercês, a 24 de setembro; o santo nome de Maria, a 12 de setembro; Nossa Senhora Auxiliadora, a 24 de maio; Nossa Senhora dos Anjos, a 2 de agosto; Nossa Senhora do Carmo, a 16 de julho; a Manifestação da Medalha milagrosa, a 27 de novembro; a Aparição da Santíssima Virgem em Lourdes, a 11 de fevereiro; Nossa Senhora das Dores, a 15 de setembro e na Semana da Paixão; Nossa Senhora Aparecida, a 12 de outubro; etc.

132. — Festa do santo Rosário. — Em ação de graças pela grande vitória de Lepanto (1571) sobre os Turcos que ameaçavam a cristandade, o santo Papa Pio V instituiu uma festa aniversária. Chamou-se, primeiro, festa de Nossa Senhora da Vitória, nome que o sucessor de Pio V trocou pelo atual.

Este título lembra a proteção de Maria aos exércitos cristãos depois de uma infinidade de rosários rezados a convite de São Pio V.

O Papa Leão XIII elevou esta festa à categoria de rito "duplex" de 2.ª classe. Deve ser, para nós, ocasião de nos afervorarmos na devoção ao santo rosário.

133. — Nossa Senhora das Mercês. — A Ordem dos Mercedários representa, na Igreja; a ***mercê*** ou ***misericórdia*** de Maria para os cristãos infelizes, reduzidos a escravidão pelos piratas muçulmanos. Durante seis séculos trabalhou na libertação dos cativos.

Essa Ordem faz remontar a sua fundação aos encorajamentos recebidos da Santíssima Virgem numa aparição a São Pedro Nolasco, seu fundador, no dia 2 de agosto de 1218.

A festividade foi fixada a 24 de setembro.

134. — Festa do Santo Nome de Maria — O santo nome de Jesus é festejado pouco após o Natal; do mesmo modo celebra-se o de Maria na oitava de sua natividade. Foi na Espanha que essa festa teve origem, no século XVI, e o Papa Inocêncio XI, em 1683, a estendeu à Igreja toda, para agradecer a Maria pela vitória que João Sobieski acabava de alcançar sobre os Turcos, que cercavam Viena de Áustria, ameaçando a cristandade de irreparável desastre.

135. — Festa de Nossa Senhora Auxiliadora. — O Papa Pio VII foi desterrado de Roma pelo despotismo de Napoleão I, e seu exílio durou cinco anos. Neste tempo todo, não cessou o Pontífice de recomendar a Maria sua situação tão desconsoladora para o bem da Igreja. A maneira extraordinária e providencial pela qual voltou a Roma foi, a seu ver, o efeito de uma proteção especial da Santíssima Virgem. Instituiu, pois, em sinal de gratidão, a festa de Nossa Senhora Auxiliadora, fixando a celebração a 24 de maio, dia aniversário de seu regresso.

Todos sabem que São João Bosco, o glorioso fundador da Pia União Salesiana, ficou célebre pelos auxílios milagrosos que lhe valeu sua fervorosa devoção a Nossa Senhora Auxiliadora.

136. — Nossa Senhora dos Anjos ou da Porciúncula. — São Francisco de Assis, em 1222, conseguiu uma indulgência plenária ***"toties quoties"*** em benefício de todos aqueles que, no segundo dia de agosto, visitassem a capelinha de Nossa Senhora dos Anjos, que ele restaurara com as próprias mãos.

Tal indulgência, tão fácil de se lucrar, favor extraordinário para aquela época, tornou celebérrimo aquele santuário e popularizou, por assim dizer, a festa de Nossa Senhora dos Anjos, pois, mais tarde, a indulgência foi estendida a todas as igrejas franciscanas.

137. — Festa da Medalha milagrosa. — Esta festa comemora uma aparição que se deu em 1830, em Paris. Nossa Senhora apareceu a uma Irmã da Caridade, Catarina Labouré, pedindo-lhe que se cunhasse uma medalha conforme o modelo que mostrou.

Essa medalha chamou-se depois ***medalha milagrosa,*** devido a inúmeras graças extraordinárias concedidas por Maria aos que a guardam consigo. A festa celebra-se a 27 de novembro.

138. — Festa de Nossa Senhora de Lourdes. — A Igreja fixou a 11 de fevereiro a festa que recorda a série das 18 aparições da Santíssima Virgem a santa Bernadette Soubirous, em 1858. Essas aparições começaram, de fato, a 11 de fevereiro e terminaram a 16 de julho. Foi a 25 de março, dia da Anunciação, que a Santíssima Virgem revelou seu nome à vidente: ***"Sou a Imaculada Conceição".***

139. — Festa de Nossa Senhora das Dores. — Essa festa, que se repete duas vezes por ano, tem como fim principal lembrar a parte que a Santíssima Virgem teve nos padecimentos da Paixão. A prosa ***Stabat Mater,*** própria dessa festividade, representa vivamente as angústias de Maria junto à cruz, no momento da dor mais cruel.

As seis outras dores de Maria são: antes da Paixão, a ***profecia de Simeão,*** a ***fuga para o Egito,*** a ***perda de Jesus*** em Jerusalém; e, durante a Paixão: o ***encontro de Jesus*** carregando a cruz, a ***descida da cruz*** e, finalmente, o ***sepultamento*** de Jesus.

140. — Prática. — Fazer qualquer ato de piedade nos dias das festividades de Maria, ou nos que as precedem.

141. — LEITURA. — Estampas e estátuas de Maria.

É frequentíssimo o uso de se colocar em lugar bem visível uma estátua ou uma estampa de Maria, para fixar mais amiúde o pensamento nesta boa Mãe, provocar uma prece e honrá-la de um culto exterior. Todas as igrejas têm um altar, uma capela ou, ao menos, uma imagem de Maria.

Famílias, comunidades, cidades ergueram-lhe estátuas em lugares de grande destaque, como outrora as colocavam nas amuradas das fortificações. Em Lyon, por exemplo, encontram-se ainda, apesar dos estragos do tempo, mais de cem nas esquinas de ruas ou nas fachadas das casas. Em certos países são inumeráveis, encontrando-se até à beira das estradas ou na entrada das cidades.

Mantinham-se ali lâmpadas acesas em sinal de devoção, em tempos idos, quando as ruas não tinham iluminação. No Oriente, cada família continua esse piedoso costume e conserva, durante a noite, uma lamparina acesa diante de uma estampa da Santíssima Virgem.

Às vezes, levanta-se uma estátua de Maria no cume de uma montanha. É assim que foi colocada uma estátua de Nossa Senhora de la Sallete, no *Grépon,* perto do monte Branco, a 3 482 metros de altitude. É a mais alta da França. Do outro lado dos Alpes, no *Rocciamelone,* a 3 539 metros, colocaram uma linda estátua de Nossa Senhora, de quase duas toneladas e paga por uma subscrição das crianças da Itália.

Belíssima estátua de Maria é incontestavelmente a que se ergue no cume do Puy (França), a qual, com seu pedestal, atinge a 30 metros de altura. Foi fundida de 213 canhões russos tomados em Sebastopol e doados por Napoleão III.

A cidade de Metz, depois da 1.ª grande guerra (1914-1919), erigiu uma particularmente bela, numa de suas praças, para agradecer à Santíssima Virgem a singular proteção de que foi objeto durante essa tremenda conflagração.

142. — Questionário. — ***1.*** *Que é culto exterior?* **—** ***2.*** *Citar as principais manifestações do culto exterior para com Maria Santíssima.* **—** ***3.*** *Quantas são as festas da Santíssima Virgem?* **—** ***4.*** *Como se classificam?* **—** ***5.*** *Quais são as festas do primeiro grupo?* **—** ***6.*** as *do segundo?* **—** ***7.*** *Qual a circunstância que originou a instituição da festa do Rosário?* **—** ***8.*** *Que fruto devemos tirar dessa festa?* **—** ***9.*** *Que lembra a festa de Nossa Senhora das Mercês?* **—** ***10.*** *Onde começou a ser celebrada a festa do santo nome de Maria?* **—** ***11.*** *Qual é o fato que fez com que o Papa Inocêncio XI a estendesse à Igreja inteira?* **—** ***12.*** *Por que se instituiu a festa de Maria Auxiliadora?* **—** ***13.*** *Que indulgência pode ser*

lucrada no dia de Nossa Senhora dos Anjos? — ***14.*** *A quem se deve a instituição dessa festa?* — ***15.*** *Que sabeis da medalha milagrosa?* — ***16.*** *Falai das aparições de Lourdes.* — ***17.*** *Quais são as sete dores de Maria?*

153. — Notas complementares. — Quase todas as festas podem dar ensejo a explicações pormenorizadas sobre sua origem, notadamente a do Rosário e Pio V, Nossa Senhora Auxiliadora e Pio VII, a Medalha milagrosa e a bem-aventurada Catarina Labouré, as aparições de Lourdes e santa Bernadette, etc**.**

CAPÍTULO IX

PEREGRINAÇÕES. — CONFRARIAS

144. — Resumo. — Em todos os países cristãos há numerosos lugares de peregrinação, quer antigos como Fourvière, quer mais recentes como Lourdes e Fátima. Para aí afluem os devotos a honrarem a Maria Santíssima, reanimarem sua devoção, implorarem alguma graça.

As confrarias são associações cujos membros se comprometem a cumprir certas e determinadas práticas de piedade em honra da Santíssima Virgem. As principais são as do Rosário, do Escapulário, do Imaculado Coração de Maria.

Nas escolas e nos colégios, fundam-se também Congregações Marianas, cuja finalidade e regulamento se adaptam ao meio escolar.

145. — Que é peregrinação? — Peregrinação é uma visita que se faz por devoção, para rezar, quer a um lugar santificado por piedosas recordações, quer a um santuário, onde apraz a Deus conceder-nos favores especiais.

Uma peregrinação em honra da Santíssima Virgem tem, pois, o tríplice fim:

1.° de honrar publicamente a Maria visitando um de seus santuários;

2.° de avivar nossa devoção para com ela;

3.° de conseguir, pela sua poderosa intercessão, maior quinhão de favores espirituais e temporais.

146. — Numerosas peregrinações em honra da Virgem Maria. — Todos os países cristãos têm numerosos santuários consagrados a Maria. Muitos são verdadeiras maravilhas, seja pelas proporções, seja pela riqueza artística das decorações. Quantos não foram levantados ou ornados pelos donativos dos fiéis reconhecidos? Alguns há cujas paredes estão literalmente cobertas de ex-votos.

As origens da maior parte perdem-se na noite dos tempos. São geralmente acompanhadas de lendas graciosas, com que não é mais possível deslindar a verdade. É o caso de Nossa Senhora de Boulogne-sur-Mer.

Mas, outros há mais recentes, ou mesmo bastante antigos, cuja origem, milagrosa ou não, é reconhecidíssima, como o de Nossa Senhora das Vitórias, em Paris, que remonta ao século

XVIII, o de N. Senhora Aparecida, no século 18, o de Lourdes, que data de 1858.

147. — **Alguns nomes.** — É impossível apresentar aqui a lista completa das peregrinações em honra de Maria. Existem cerca de mil e quinhentos, só na França, alguns no Brasil e vários milheiros no mundo inteiro. Surgem frequentemente novos aqui e acolá, como o de Nossa Senhora de Tony-Lu, na China.

Apenas citaremos os principais e mais célebres de alguns países: Nossa Senhora de Lourdes, na França; Nossa Senhora del Pilar na Espanha; Nossa Senhora de Loreto, na Itália; Nossa Senhora de Czentochowa, na Polônia; Nossa Senhora de Guadalupe, no México; Nossa Senhora Aparecida, no Brasil; Nossa Senhora de Lujan, na Argentina e o mais recente de todos, o de Nossa Senhora de Fátima, em Portugal.

É por centenas de milhares e até por milhões que se contam, cada ano, os peregrinos que visitam esses santuários para prestar homenagens a Maria Santíssima.

148. — Nossa Senhora de Fourvière. — A título de exemplo, demos uma palavra sobre o santuário de Fourvière, em Lyon, onde o Venerável Padre Champagnat foi tantas vezes implorar a Santíssima Virgem e confiar-lhe o seu projeto de fundar o Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria (Irmãos Maristas).

Ergue-se numa colina que domina a cidade. A origem da capela remonta ao século V e foi aumentada no fim do século XII. Destruída, em 1562, pela sanha dos huguenotes, que saquearam centenas de santuários dedicados a Nossa Senhora, foi logo depois, reconstruída pelas notabilidades de Lyon **(***Ver pág.* 113).

É nesta última capela, ainda existente, que o Padre Champagnat tantas vezes se ajoelhou. Mas, ao lado desta, a piedade dos Lioneses, gratos a Maria por terem sido preservados da invasão alemã em 1871, erigiu um santuário esplendoroso que figura entre os mais belos monumentos levantados em honra da Santíssima Virgem.

Além das peregrinações que aí se sucedem continuadamente e nas quais os manifestantes se contam por milhares, quer isolados quer aos grupos ou por paróquias, Lyon, cada ano, na noite de 8 de dezembro, ilumina-se feericamente e, do santuário,

todo resplandecente de luzes, dá-se à cidade a bênção do Santíssimo.

149. — O que é uma confraria da Santíssima Virgem. — Uma confraria é uma piedosa associação de fiéis que se esforçam, por meio de certas práticas comuns, por honrar a Santíssima Virgem e merecer-lhe a proteção. As *confrarias* são estabelecidas e dirigidas pela Igreja que, geralmente, as anima enriquecendo-as de preciosas indulgências. Destinam-se principalmente a grupar os fiéis do mundo pois, os religiosos estão já naturalmente reunidos em comunidades, todas mais ou menos dedicadas a Nossa Senhora.

Uma confraria central, com faculdade de agregar outras confrarias locais, chama-se *arquiconfraria***.**

150. — Principais confrarias em honra de Maria. — Entre as numerosas confrarias que, em diversos países, congregam os fiéis piedosos desejosos de honrar a Santíssima Virgem, pode-se apontar principalmente: a do ***Rosário,*** a do ***Escapulário*** e a do ***Imaculado Coração de Maria,*** mais conhecida sob o título de ***Nossa Senhora das Vitórias.*** Contam cada qual milhões de associados.

151. — Confraria do Rosário. — Talvez remonte esta confraria à época em que São Domingos andou espalhando a devoção ao Santo Rosário; o certo é que já existia no século XV.

É dirigida pelos *Frades Dominicanos***.** Tem por fim honrar a Maria Santíssima pela ***recitação semanal do Rosário.*** Podendo este ser subdividido em terços ou mesmo em dezenas, segue-se que tal obrigação é suavíssima para as pessoas piedosas.

A única condição para a admissão é a inscrição nos registros de uma confraria canonicamente instituída.

Numerosíssimas indulgências, quer plenárias quer parciais, são concedidas aos Rosaristas. Para lucrá-las basta tão somente, além de meditar nos mistérios do Rosário, ter um terço bento para esse fim.

152. — Confraria do Escapulário. — Uma confraria do escapulário é aquela cujos membros usam, em honra de Maria, um dos diversos bentinhos conhecidos.

O principal e o mais antigo é o bentinho do Monte Carmelo. Provém-lhe o nome da Ordem dos Carmelitas que, como se sabe, é originária do Monte Carmelo. Esta benemérita Ordem, que o propaga e dirige a confraria correspondente, guarda a tradição de que a criação do escapulário se seguiu a uma aparição da Santíssima Virgem ao Bem-aventurado Simão Stock, em 1251.

O porte do bentinho associa o piedoso fiel à Ordem do Carmelo e fá-lo beneficiar da extraordinária proteção que a Santíssima Virgem lhe vem dispensando através dos séculos, como recompensa de sua fervorosa devoção para com ela.

Para gozar das regalias que lhe correspondem, é preciso, como para a confraria do Rosário, fazer-se agregar por um padre devidamente autorizado e trazer dignamente o bentinho ou a medalha que o substitui.

Há ainda o escapulário da Imaculada Conceição, de cor azul, e diversos outros.

153. — Arquiconfraria de Nossa Senhora das Vitórias. — O fim desta confraria é orar pela ***conversão dos pecadores*** por intercessão do Coração Imaculado de Maria. Sua sede está em Paris, na igreja de Nossa Senhora das Vitórias e sua fundação, que data de 1836, foi obra de um zeloso e santo sacerdote, o Padre Desgenettes.

O Venerável Fundador dos Pequenos Irmãos de Maria (Irmãos Maristas) filiou-se pessoalmente a esta arquiconfraria em 1838 e seu Instituto foi agregado em 1841.

154. — Congregações escolares. — Em muitas escolas e colégios, reúnem-se em piedosa ***Congregação Mariana*** os alunos que desejam professar devoção particular para com Maria. Têm reuniões em dias marcados pelo regulamento. Obrigam-se a orações e práticas especiais de devoção, que fazem juntos ou em particular, particularmente a fervorosa celebração das festas da Santíssima Virgem, a ornamentação do seu altar e outras análogas.

Quantos homens eminentes não se alistaram, ainda moços, nessas piedosas Congregações! Sirva de exemplo o marechal Poch que foi presidente do Colégio São Clemente, em Metz.

E, como a devoção a Maria é um manancial de graças, os piedosos congregados tiram o maior proveito do poderoso patrocínio de sua Mãe do céu.

155. — LEITURA. — O santuário de Nossa Senhora de Lourdes.

Foi a 11 de fevereiro de 1858 que a Santíssima Virgem apareceu a uma menina de Lourdes, santa Bernadette Soubirous, a qual, com duas companheirinhas, fora "lenhar" às margens do Gave.

Foram dezoito as aparições que se sucederam e, com exceção das primeiras, foram presenciadas por milhares de testemunhas. Uma fonte que jorrou milagrosamente na gruta das aparições, começou logo a suscitar uma série de milagres, que vai continuando há perto de um século.

Há inegavelmente uma atenção maternal de Maria nessa intervenção permanente, em época em que o progresso das ciências históricas e dos métodos científicos estava como que embriagando os espíritos, com o risco de arrastá-los para longe de Deus. Estas aparições e ainda mais estes milagres, verificados com ampla liberdade, sempre controlados e que todos podem ir constatar, foram um incentivo maravilhoso à fé cristã.

Levantou-se em Lourdes uma basílica esplêndida. Milhões de peregrinos aí afluem de todas as partes do orbe para invocar a Santíssima Virgem. Aprouve-lhe conceder, nesse recanto abençoado, milhares de milagres para os corpos e muitos mais para as almas. Até hoje foram catalogadas mais de 10 000 curas.

Inúmeros outros milagres têm-se dado longe de Lourdes, quer com a água milagrosa da Gruta, transportada para toda a parte (*ex. Henri Lasserre*), quer diante das reproduções desta Gruta de Lourdes, (*ex. Pierre de Rudder, em* 1875, *em Oostaclcer, na Bélgica*).

156. — Questionário. — ***1.*** *Que é peregrinação? —* ***2.*** *Qual é o fim das peregrinações em honra de Nossa Senhora? —* ***3.*** *Que sabeis dos santuários consagrados a Maria? —* ***4.*** *Citai alguns dos mais célebres em diversos países. —* ***5.*** *Sabeis alguma coisa do santuário de Fourvière até* 1870? *—* ***6.*** *Por que se erigiu ali uma nova capela? —* ***7.*** *Que diferença há entre uma confraria e uma arquiconfraria? —* ***8.*** *Nomeai três confrarias em honra da Santíssima Virgem. —* ***9.*** *Quando começou a confraria do Rosário? —* ***10.*** *Qual é seu fim? —* ***11.*** *Com que condições se lucram as indulgências? —* ***12.*** *Quais são os dois principais escapulários? —* ***13.*** *Que se deve fazer para se tornar membro de uma confraria do escapulário? —* ***14.*** *Qual é o fim da arquiconfraria de Nossa Senhora das Vitórias? —* ***15.*** *Quem a fundou? —* ***16.*** *Que se, entende por Congregação escolar da Santíssima Virgem?*

157. — Notas complementares. — Histórico de alguma peregrinação célebre do país ou de qualquer outra. — Indicar com certos pormenores as indulgências da confraria do Rosário ou dos escapulários. — Contar as aparições de Pontmain ou outras quaisquer que tenham dado origem a alguma peregrinação. — Regulamento de uma congregação escolar com seus fins e práticas.

CAPÍTULO X

ORAÇÕES EM HONRA DA VIRGEM MARIA

158. — Resumo. — Há numerosas orações em honra da Santíssima Virgem. A *"Ave Maria",* que é a mais comum, compõe-se das palavras de louvor do anjo Gabriel e de Santa Isabel, seguidas de uma súplica acrescentada pela Igreja. Esta exorta à recitação da "Ave Maria", seja introduzindo-a no seu ofício, seja insistindo para que os fiéis rezem o Rosário **e** o "Angelus".

O *Ofício de Nossa Senhora* é uma imitação do grande Ofício no qual predominam passagens da Escritura Sagrada, hinos e orações que se referem à Santíssima Virgem. O Ofício da Imaculada Conceição é mais breve e honra especialmente este privilégio de Maria.

As *ladainhas da Santíssima Virgem* são formadas de uma série de invocações a Maria, lembrando seus mais belos títulos. Entre as orações mais breves, colocam-se o *Angelus,* o *Lembrai-vos* e as *antífonas.* Há também hinos latinos e inumeráveis cânticos em todas as línguas.

159. — Numerosas orações em honra de Nossa Senhora. — A piedade da Igreja para com a augusta Mãe de Deus externa-se em numerosas orações, sendo a ***Ave Maria*** a mais frequentemente rezada.

Podem-se classificar em dois grupos:

1.° As orações de certa extensão: o ***Rosário,*** o ***Ofício de Nossa Senhora*** e as ***Ladainhas.***

2.° As orações mais breves, e as principais são: o ***Angelus,*** o ***Memorare*** ou ***Lembrai-vos,*** diversas ***antífonas.***

160. — Ave Maria. — É o elemento principal do Rosário, a melhor oração em honra de Nossa Senhora e, ao mesmo tempo, a mais comum na Igreja.

A ***"Ave Maria",*** que deve o nome às suas duas primeiras palavras, chama-se ainda Saudação Angélica. Com efeito, é simplesmente a saudação a Maria do anjo Gabriel, a que a Igreja acrescentou algumas palavras, notadamente: o santo nome de ***Jesus,*** o final da saudação de Santa Isabel, ***"bendito é o fruto do vosso ventre"*** e finalmente, uma ***invocação*** que remata a oração e menciona o título de ***Mãe de Deus,*** confirmado pelo Concílio de Éfeso, em 431.

161. — Sua composição quanto ao sentido. — Quanto ao sentido, a ***"Ave Maria"*** compreende duas partes:

1.° ***Um louvor.*** Maria é louvada pelos favores que recebeu, como sejam a plenitude da graça, a união especial com Deus, a maternidade divina.

2.° ***Uma súplica*** pelas nossas necessidades presentes e para a hora da nossa morte.

162. — Apreço da Ave Maria. — Nunca será demasiada a nossa estima pela ***Ave Maria,*** porque tem por principal autor o Espírito Santo.

1.° Encerra louvores admiráveis a Jesus e a Maria.

2.° Lembra incessantemente o mistério da Encarnação.

3.° Consegue-nos a proteção de Maria Santíssima.

163. — Exemplo da estima da Igreja pela "Ave Maria. — A Igreja tem tanta estima pela ***"Ave Maria",*** que a coloca no princípio das Horas canônicas, a fim de fazê-la repetir frequentemente.

Ela favorece especialmente a reza do terço pela concessão de preciosas indulgências à devoção do Rosário.

Muitos santos têm tirado suas delícias da recitação diária do terço e as ordens religiosas dela têm feito uma prescrição de regra. Legiões de piedosos cristãos o rezam cada dia.

164. — Terço e Rosário. — O terço, como o nome indica, é a terça parte do Rosário, e este consta de cento e cinquenta ***Ave-Marias,*** distribuídas em quinze dezenas precedidas de um ***Padre Nosso*** e seguidas de um ***Glória.***

A oração começa por um ***Creio em Deus,*** um ***Padre Nosso*** e três ***Ave-Marias.*** Cada dezena é consagrada à lembrança de uma das principais circunstâncias da vida da Santíssima Virgem. São os quinze mistérios do Rosário, repartidos em três séries: gozosos, dolorosos e gloriosos, tão conhecidos da gente piedosa.

165. — Origem do Rosário. — A devoção do Rosário, chamado primitivamente ***saltério de Maria,*** parece ter nascido na Idade Média do desejo que tinham as almas piedosas de oferecer a Maria um louvor análogo aos cento e cinquenta salmos de Davi. A Ordem dos Dominicanos atribui a São Domingos o mérito de ter dado ao Rosário sua forma atual. Esta Ordem tem

poderosamente contribuído para difundir e manter essa devoção na Igreja e de modo particular no Brasil.

166. — Indulgência do Rosário. — A piedosa recitação do Rosário tem sido fortemente animada pela Igreja. Os confrades do Rosário podem lucrar um número considerável de indulgências tanto plenárias quanto parciais.

Há também indulgências concedidas ao terço, notadamente uma plenária, quando rezado diante do Santíssimo exposto ou não (4-IX-1927).

O terço pode ser indulgenciado de diversos modos: Rosário, Cruzados, etc.

167. — Ofício de Nossa Senhora. — O Ofício da Santíssima Virgem remonta ao fim da Idade Média. É formado de uma série de orações, principalmente de salmos, hinos, etc. distribuídos em oito partes chamadas Horas, à imitação do Grande Ofício canônico.

Recita-se em comum em vários institutos religiosos, mas pode-se também rezá-lo em particular. Piedosos leigos há, no meio do mundo, filiados à Ordem Terceira do Carmo, por exemplo, que o rezam fielmente cada dia.

168. — Composição do Ofício da Santíssima Virgem. — Os salmos foram escolhidos entre os que, pelo sentido, podem recordar, de alguma maneira, as glórias de Maria ou de seu divino Filho. Os hinos e as antífonas terminais são próprias, referem-se diretamente a ela, como, aliás, as orações. Os capítulos, as antífonas dos salmos e as lições são breves leituras escolhidas entre as profecias ou passagens simbólicas da Escritura Sagrada concernentes à Santíssima Virgem ou que lhes são aplicáveis.

169. — Ofício da Imaculada Conceição. — Outro ofício muito mais breve foi composto em honra do glorioso privilégio da Imaculada Conceição. Consta de uma série de sete cânticos acompanhados de versículos e de uma oração.

É notável pela rememoração que faz de todas as graciosas imagens que a Escritura Sagrada e a piedade têm sugerido em honra de Maria.

170. — Ladainhas da Santíssima Virgem. — As ladainhas da Santíssima Virgem compõem-se essencialmente de uma série de breves e piedosas invocações dirigidas a Maria e evocando os mais belos títulos de glória que lhe pode conferir a piedade cristã.

Chamam-se ainda ***ladainhas lauretanas,*** porque é opinião geralmente acreditada que tomaram forma definitiva no santuário de Loreto, no século XVI.

171. — Sua composição. — Começam com uma ***introdução*** que compreende invocações às pessoas da Santíssima Trindade, e terminam com ***três invocações*** a Nosso Senhor, sob o título de Cordeiro de Deus, seguidas de um versículo e de uma oração.

Quanto ao corpo propriamente dito, as ladainhas compreendem quarenta e oito invocações seguidas cada uma da breve súplica: rogai por nós.

172. — Sentido das invocações. — As quarenta e oito invocações se distribuem em vários grupos, dentre os quais distinguimos três.

O primeiro, o do princípio, exalta a ***maternidade divina*** de Maria Santíssima e suas admiráveis consequências; o segundo, que segue, sua ***virgindade*** incomparável e o terceiro, ou do fim, sua gloriosa ***preeminência de Rainha.***

Agrupam-se no centro graciosas apelações simbólicas. Invoca-se sucessivamente Maria como o ***espelho*** que reflete a justiça, como o ***trono*** onde descansa a Sabedoria eterna, a ***rosa*** que é a rainha das flores, a ***estrela*** da manhã, etc. Todas elas, para as almas piedosas, têm sentido fácil de se perceber.

173. — O Angelus. — O ***Angelus*** é uma oração composta de três versículos lembrando o mistério da Encarnação, acompanhado cada um de uma ***Ave Maria.*** Termina por um quarto versículo e uma oração.

Reza-se ao toque do sino, de manhã, ao meio-dia e à noite. Seu uso e sua composição remontam ao fim da Idade Média. Foi então que se generalizou e unificou.

174. — O Lembrai-vos. — O ***"Lembrai-vos",*** em latim ***Memorare,*** é uma oração devida a São Bernardo, embora não

tenha sua forma atual nos escritos deste santo doutor. Compuseram-no inspirando-se nas palavras do mesmo santo.

Os sentimentos de terna confiança que reúne para com a Santíssima Virgem, fazem dele uma das orações mais queridas das almas devotas a Maria.

175. — Antífonas a Maria. — Chamam-se ***antífonas*** a Maria breves orações latinas que terminam as horas canônicas. São em número de quatro, que se encontram também no ***Ofício Parvo*** e são rezadas alternativamente conforme as épocas. Eilas:

1.° o ***Alma Redemptoris Mater,*** do começo do Advento até a Purificação;
2.° o ***Ave Regina caelorum,*** desde a Purificação até a quarta-feira santa;
3.° o ***Regina coeli,*** no tempo pascoal;
4.° o ***Salve Regina,*** no resto do ano.

176. — Belezas dessas antífonas. — Essas breves mas lindas orações são tanto mais comovedoras quanto, no ofício cantado, melodias admiráveis lhe realçam o piedoso lirismo.

Com a primeira suplica-se Maria, ***Mãe do Redentor,*** porta do céu, que, atendendo ao seu papel na Encarnação, se compadeça do povo cristão pecador.

Pela segunda roga-se a gloriosa Virgem, ***Rainha do céu,*** por quem a Luz veio ao mundo, que interceda por nós junto a Jesus.

A terceira nos faz tomar parte nas alegrias de Maria no dia da ***Ressurreição.***

Na quarta, enfim, pede-se a Maria, nossa esperança, que nos mostre a seu Filho Jesus depois do nosso exílio neste vale de lágrimas. Esta, que data da primeira cruzada, rezava-se, a princípio, à tardinha em toda a cristandade.

177. — Hinos à Santíssima Virgem. — A liturgia tem numerosos hinos latinos que são belíssimas orações à Virgem Maria. Pode-se ler com muito proveito espiritual a tradução de ***Te gestientem,*** da festa do Rosário, de ***O quot undis,*** da festa das Sete Dores e outras.

É necessário saber o sentido dos que mais frequentes vezes se rezam ou cantam nos ofícios da Igreja.

178. — O Ave maris Stella. — Esse hino invoca a Mãe de Deus sob o título de ***Estrela do mar*** e ***porta do céu,*** suplicando-lhe que se mostre nossa mãe e nos encha de seus favores.

179. — O Stabat Mater. — É a simples comemoração das dores da Virgem Maria ao pé da Cruz. Sua meditação nos leva a compadecer dos sofrimentos da Mãe de Jesus. Intercala-se, no exercício da Via Sacra, uma ou outra estrofe desse hino.

180. — O Memento rerum Conditor. — Esse hino, que vem no princípio de cada uma das Horas Menores, encerra, na sua segunda estrofe, uma súplica cheia de confiança a Maria para o instante da nossa morte.

Lemos na vida do Venerável Padre Champagnat, que costumava cantá-lo para se distrair do cansaço de suas longas caminhadas.

181. — Cânticos à Santíssima Virgem. — Qual é a língua que não canta os louvores de Maria, d'Aquela que todas as gerações hão de proclamar bem-aventurada? Em todos os países existem coleções de cânticos melodiosos e populares com que os filhos devotos de Maria se comprazem em exaltá-la. Um dos mais conhecidos é a ***Ave Maria de Lourdes.*** O Venerável Padre Champagnat apreciava sobremaneira esses cânticos e favoreceu-lhes a execução nas casas do seu Instituto.

182. — Orações jaculatórias. — Os corações piedosos provam ainda sua piedade para com Maria com a frequente repetição de invocações curtas e fervorosas, chamadas jaculatórias.

Muitas foram enriquecidas de indulgências. Citemos algumas a título de exemplo:

Doce Coração de Maria, sede minha salvação. (*300 dias,* Pio IX, 30-9-1852). Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós. (*100 dias,* uma vez por dia. Leão XIII, 15-3-1884).

Puríssimo Coração de Maria, confio em vós. (*300 dias,* cada vez; plenária, uma vez por mês aos que a tiverem recitado todos os dias desse mês. Pio X, 11-12-1907).

183. — Prática. — Rezar sempre com fervor o terço.

184. — LEITURA. — O Rosário na história da França.

O rei Luiz XIII e seu ministro Richelieu empreenderam o cerco de La Rochelle, em 1627, para acabar de vez com a revolta dos huguenotes.

A empresa logo se afigurou muito mais difícil do que a princípio se julgara.

Luiz XIII pediu então à rainha, que permanecera em Paris, que tomasse providências para que em todas as igrejas fossem feitas orações públicas pelo triunfo de suas armas. Assim foi que cada sábado, o arcebispo com o clero à frente, a corte e numerosos fiéis rezavam o terço para pedir a derrota dos protestantes auxiliados pela Inglaterra.

De seu lado, o rei encarregou os capelães do exército de promoverem orações entre os soldados. Distribuíram-lhes quinze mil terços e, a certas horas da tarde, a oração a Maria Santíssima ecoava pelos acampamentos.

Não tardou a verificar-se a rendição da praça. O rei fez sua entrada precedido dos padres dominicanos, que cantavam as ladainhas da Santíssima Virgem. Em testemunho de gratidão por essa vitória, os reis de França, de então em diante, se fizeram inscrever na confraria do Rosário. O pequeno Luís XIV foi inscrito logo depois de nascido.

Além disso, pouco depois, Luís XIII lançou a primeira pedra, em Paris, de uma nova igreja que se chamou Nossa Senhora das Vitórias, como recordação da tomada de La Rochelle.

Finalmente, Luiz XIII, em 1638, consagrou a França à Santíssima Virgem e estabeleceu-se então o costume de uma procissão anual, no dia 15 de agosto.

185. — Questionário. — ***1.*** *Como podem ser classificadas as orações à Santíssima Virgem?* **— *2.*** *Citai as três mais longas.* **— *3.*** *Citai algumas mais breves.* **— *4.*** *Que é a Ave Maria?* **— *5.*** *De onde lhe vem o nome de Saudação Angélica?* **— *6.*** *Como é composta, quanto ao sentido?* **— *7.*** *Quais são as três razões que temos para estimá-la?* **— *8.*** *Mostrai quanta estima a Igreja tem para com esta prece.* **— *9.*** *Que é o Rosário?* **— *10.*** *Que são os mistérios do Rosário?* **— *11.*** *Que se entende por ofício da Santíssima Virgem?* **— *12.*** *Que é o ofício da Imaculada Conceição?* **— *13.*** *Que são as ladainhas da Santíssima Virgem?* **— *14.*** *Que encontramos na introdução, no corpo e no final das ladainhas?* **— *15.*** *Qual é o sentido dos três principais grupos de invocações?* **— *16.*** *Que é o Angelus?* **— *17.*** *Quando se reza?* **— *18.*** *A quem devemos o Lembrai-vos?* **— *19.*** *Que são as antífonas à Santíssima Virgem?* **— *20.*** *Quantas são e qual é seu título?* **— *21.*** *Que sabeis do Ave maris Stella?* **— *22.*** *do Stabat Mater?* **— *23.*** *Citai alguns cânticos à Virgem Maria.* **— *24.*** *algumas jaculatórias.*

186. — Notas complementares. — História da formação do Angelus e do Rosário. — Tradução e comentários de algum hino a Maria Santíssima. — Comentário de algum cântico. — Explicações sobre o ofício da Imaculada Conceição. — sobre a *Salve Rainha.*

CAPÍTULO XI

PRÁTICAS DIVERSAS

187. — Resumo. — Entre os atos que testemunham o culto prestado a Maria, cumpre colocar a construção de igrejas e capelas, a ereção de estátuas e altares em sua honra, a consagração de pessoas, grupos, casas, cidades, Estados, Institutos religiosos.

Pode-se acrescentar as missas votivas, as procissões, os jejuns, as esmolas para a manutenção de seus santuários, o mês de Maria ou do Rosário e as novenas.

188. — Práticas diversas. — O culto tributado à Virgem Maria manifesta-se ainda por diversas práticas.

São as principais:

1.° a consagração de um santuário, a ereção de estátuas, a decoração de altares;

2.° as missas votivas, procissões;

3.° os jejuns ou as esmolas;

4.° a consagração de um dia ou de um mês e as novenas.

189. — Construção de santuários. — piedade do povo cristão tem levantado, em todo o universo, magníficos santuários, diretamente consagrados a Deus, sem dúvida, mas *em honra* da Santíssima Virgem. Inútil seria enumerá-los, pois cada país cristão os tem muito numerosos. Limitemo-nos a citar: *Santa Maria Maior, em Roma,* o mais antigo, provavelmente, de todo o Ocidente; *Nossa Senhora de Paris,* uma das mais belas catedrais góticas; *Nossa Senhora Aparecida,* tão querida do povo brasileiro e um dos mais concorridos da América.

190. — Consagração de casas, Institutos, etc. — Para honrar a Maria e alcançar-lhe os favores, muitas pessoas, comunidades, obras pias, institutos, etc., têm-se consagrado a ela e muitas vezes adotado seu nome.

Assim, o Venerável Padre Champagnat quis, não somente que cada Irmão se consagrasse frequentemente a Maria, mas ainda que seu Instituto, como sinal desta consagração, tivesse o nome da Rainha do céu (Pequenos Irmãos de Maria). A primeira

casa que ele construiu para ser o centro do seu Instituto, denominou-se, pela mesma razão, *Notre-Dame de l'Hermitage* (Nossa Senhora do Eremitério).

191. — Altares, estátuas, quadros, etc. — A piedade cristã, para honrar a Maria Santíssima, levanta-lhe altares e raríssimas são as igrejas que não os têm. Nestes altares expõem-se quadros ou imagens que representam a Santíssima Virgem e frequentemente cercados de flores e de luzes.

São também muito numerosas as reproduções que, em todos os países, têm sido feitas da verdadeira gruta de Lourdes.

As estátuas ou imagens de Maria expõem-se e veneram-se não raro fora das nossas igrejas. Erguem-se nas praças públicas, nos cumes das montanhas, nos frontispícios das casas, nas esquinas das ruas, nos oratórios e quartos particulares.

O Venerável Padre Champagnat levantara em seu quarto um altarzinho encimado de uma imagem de Nossa Senhora que honrava fervorosamente. O santo Cura de Ars, ainda menino, levava aos campos uma estatueta de Maria e animava-se ao trabalho olhando muitas vezes para ela.

192. — Medalhas, estampas. — Para o uso dos particulares, na devoção à Virgem Maria têm-se imaginado reproduções minúsculas da augusta Mãe de Deus. São *estampas* de pequeno formato, vulgarmente chamadas santinhos, que se inserem em livros; são ainda *medalhas* de metal delgado e leve, que se trazem ao pescoço ou de qualquer outro jeito.

Uma destas últimas, a célebre ***medalha milagrosa,*** inspirada pela própria Virgem Maria, em 1830.

Inúmeras são as pessoas que a trazem consigo e rezam cada dia a oraçãozinha que a acompanha: ***Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós.***

O uso dos santinhos e das medalhas pertence à mais remota antiguidade. Descobriram-se nas catacumbas pinturas que representam Maria Santíssima e a sua efígie em moedas e sinetes antiquíssimos. As escavações de Cartago depararam muitos exemplares destes.

193. — Missas, procissões. — Na liturgia há ***missas ditas votivas,*** em honra da Santíssima Virgem. Rezam-se ou mandam-se rezar por devoção; celebram-se quase diariamente em vários

santuários. Certos padres cegos, incapazes, portanto, de ler no missal, obtêm a faculdade de rezar a missa votiva de Nossa Senhora.

Do mesmo modo, fazem-se *procissões* em honra da Mãe de Deus, quer na ocasião de certas festividades, quer nas peregrinações. As de Lourdes, por exemplo, deixam uma impressão indelével nas pessoas que têm a ventura de nelas tomar parte.

194. — Jejuns, esmolas. — O jejum e a esmola em honra de Nossa Senhora são também práticas caras aos fiéis servos de Maria. São Ligório que, pessoalmente o observava fielmente, recomendava com insistência o jejum do sábado e das vésperas das festas marianas. As Regras o impõem aos membros de certos institutos religiosos.

Quantos católicos fervorosos têm contribuído com *esmolas* para a criação, ornamentação e manutenção de santuários consagrados à Rainha dos céus ou custeiam lâmpadas, oferecem velas, etc.

195. — Meses consagrados a Maria. — Há, na Igreja, dois meses mais particularmente consagrados a honrar a Maria com exercícios públicos de piedade. São: 1.° o mês de maio, durante o qual, geralmente à tarde ou à noitinha, se fazem os exercícios do *mês de Maria* e 2.° o mês de outubro, ou *mês do Rosário*.

196. — Mês de Maria. — É de tradição oferecer-se à Santíssima Virgem, no mês de maio, homenagens particulares em cerimônias públicas. Tais exercícios, que propriamente não têm forma litúrgica, fazem-se nas famílias, comunidades, escolas, paróquias. Compõem-se, as mais das vezes, de uma leitura ou de um sermão sobre Nossa Senhora, de orações e de cânticos diante de um quadro ou de uma imagem de Maria, ornada de flores e de luzes.

197. — Origem e fim. — Este uso data do século XVII e acredita-se que começou na Itália, no colégio dos jesuítas de Roma. Com rapidez assombrosa espalhou-se pelo mundo inteiro; por toda parte, as almas devotas de Maria Santíssima sentiram-se felizes em prestar-lhe publicamente suas homenagens.

Tem por fim:

1.° consagrar à Santíssima Virgem o ano inteiro oferecendo-lhe a parte mais linda;
2.° obter sua especial proteção para nossos anos à medida que vão passando.

198. — Mês do Rosário. — Foi o papa Leão XIII quem instituiu, para o mês de outubro, uma série de orações em honra de Nossa Senhora. É o ***mês do Rosário.***

Esses exercícios constam principalmente do terço, das ladainhas, de uma oração a São José e terminam com a bênção do Santíssimo.

199. — Razões indicadas por Leão XIII. — O ***mês do Rosário,*** na idéia de Leão XIII, tinha por fim remediar aos males da sociedade, cujas causas apontava:

1.° a aversão pela vida simples e laboriosa;
2.° o horror ao sofrimento e a ânsia do prazer;
3.° o esquecimento dos bens eternos.

Os mistérios do Rosário mostram-nos a vida de Jesus e de Maria em oposição completa a estas causas. É, pois, evidente que a recitação do terço, ao passo que sana esses males, nos alcança o socorro de Maria Santíssima.

200. — Dia consagrado a Maria. — As pessoas sinceramente devotas da Santíssima Virgem têm o piedoso costume de consagrar-lhe o sábado de cada semana. Não deixam, nesse dia, de oferecer-lhe algum penhor particular de sua devoção: preces, jejuns, consagração, etc.

201. — Novenas. — As *novenas* são orações repetidas durante nove dias seguidos. Essas orações, de livre escolha, rezam-se às vezes em público, mas muito mais frequentemente em particular. Tanto a repetição como a prolongação da oração empresta a nossos pedidos um caráter de maior instância e, muitas vezes, Nossa Senhora os ouve e recompensa com favores especiais e até com milagres. Podemos pedir qualquer graça quer espiritual quer temporal. Fazem-se, às vezes, novenas preparatórias a uma festa solene da Santíssima Virgem.

202. — Ex-votos. — Os *ex-votos* são, por assim dizer, testemunhos exteriores, públicos, de gratidão, mais

ordinariamente sob a forma de inscrições aplicadas às paredes de um santuário, perto de uma imagem ou de um altar de Maria.

Podem apresentar outras formas: quadros, reproduções de um navio, muletas tornadas inúteis pela cura, etc. As paredes de certos santuários estão cobertas de ex-votos. Às vezes são estátuas, altares e mesmo basílicas. Assim, a cidade de Turim, sitiada em 1706, prometeu a Maria a ereção de uma igreja e construiu-a nos anos seguintes numa colina vizinha. A catedral de Milão, toda de mármore branco, uma das maravilhas do mundo, foi em 1386, dedicada a Maria pelo duque Visconti. A construção durou quatro séculos e somente a mão de obra foi avaliada em 3 bilhões de cruzeiros.

203. — Prática. — Fazer alguma novena para pedir uma graça a Maria Santíssima.

204. — LEITURA. — Invocação a Maria.

A invocação oral de Maria, diária, embora frequentemente reiterada, não parece suficiente a muitos de seus servos que, de alguma maneira, a perpetuam pela escrita e pela imagem.

Para muitos deles é costume colocar no começo de seus escritos as iniciais V. J. M. J., em que se encontra o nome de Maria.

Selos de corporações ou de comunidades, armas de cidades, brasões de famílias trazem invocações a Maria, sua efígie, ou suas iniciais, A. M., abreviatura de *Ave Maria.*

Do mesmo modo, bispos escrevem o nome de Maria e colocam-lhe a imagem nas suas armas. Vemo-lo no título deste livrinho. Santa Joana d'Arc tinha na sua bandeira os nomes de Jesus e de Maria.

Inúmeros são as moedas que, no correr dos tempos, neste ou naquele país, trouxeram gravada a imagem de Maria. Neste caso se encontram as do Império Oriental, devotíssimo a Maria, as da França na Idade Média, particularmente as *Saudações* de ouro, assim chamadas porque nelas se representava a saudação do Anjo a Maria. A imagem da Virgem figura ainda nas moedas e nos selos da Hungria. Certos países têm selos marianos.

Particulares gravam as iniciais de Maria nos seus sinetes. O Vel. Padre Champagnat usava para sua correspondência de um sinete que dava em relevo a imagem de Maria. O de seu Instituto tem as iniciais de Maria.

Muitos cristãos piedosos trazem ao pescoço, presa a um cordão ou a uma correntinha, uma medalha da Santíssima Virgem que beijam de vez em quando. É uma maneira de exprimir que a invocam perpetuamente.

205. — Questionário. — ***1.*** *Citai algumas práticas do Culto da Santíssima Virgem.* **— 2.** *Sabeis onde existem santuários dedicados a Maria? —* ***3.*** *Indicai um deles em Soma. —* ***4.*** *Apontai uma catedral consagrada a Maria. —* ***5.*** *De que modo uma casa ou comunidade assinala sua consagração a Maria? —* ***6.*** *Onde se encontram altares dedicados a Maria? —* ***7.*** *estatuetas? —* ***8.*** *Que fez o V.el Champagnat, no seu quarto, para honrar a Santíssima Virgem? —* 9. *Que é que chamamos medalha de Maria Santíssima.? —* 20. *Que sabeis da medalha milagrosa? —* ***11.*** *Que prova existe da antiguidade do uso de medalhas? —* ***12.*** *Que sabeis das missas votivas da Santíssima Virgem? —* ***13.*** *das procissões em sua honra? —* ***14.*** *Nomeai um santo que jejuava em honra de Maria. —* ***15.*** *Que meses são*

*consagrados a Maria? — **16.** Que se entende por mês de Maria? — **17.** Como se pratica? — **18.** Qual é a sua origem? — **19.** o seu fim? — **20.** Que é o mês do Rosário? — **21.** Quais são as orações prescritas? — **22.** Qual é o seu fim? — **23.** Que fazem cada sábado os devotos servos de Maria? — **24.** Que sabeis das novenas? — **25.** Que são ex-votos?*

206. — Notas complementares. **—** Histórico de algum célebre santuário de Maria. — Descrição de algum quadro, estátua medalha, ex-voto. — Narrar um dos milagres da medalha milagrosa (o de Ratisbonne, por exemplo). — Descrição das procissões de Lourdes.

Devoção à Santíssima Virgem e História do seu Culto

CAPÍTULO XII

DEVOÇÃO A MARIA

207. — Resumo. — A devoção a Maria consiste em sentimentos de respeito, de confiança e de amor, em atos de piedade filial.

Maria tem direito a nosso respeito por ser Mãe de Deus, eminentemente santa e de mediação toda poderosa. Este respeito deve ser ao mesmo tempo interior e exterior. Deus, a Igreja e um sem número de almas piedosas nos dão o exemplo desse respeito.

Maria merece de nossa parte uma confiança terna, universal e contínua por ser todo poderosa e cheia de bondade. A Igreja é ainda nosso modelo neste ponto, nas suas orações públicas e privadas e nos convites que dirige a seus filhos para que invoquem a Maria.

Devemos amar a Maria, porque tal é a vontade de Jesus e também porque ela nos ama imensamente.

Incrementaremos nosso amor para com ela, lembrando-nos de sua bondade e do amor que lhe testemunharam tantos santos.

208. — Em que consiste a devoção a Maria. — A devoção a Maria consiste:

1.° em ***sentimentos*** interiores de respeito, de confiança e de amor;

2.° em ***atos,*** como principalmente: o culto exterior, o frequente recurso à sua intercessão, a consagração de nossa pessoa a seu serviço, a imitação de suas virtudes, o zelo para promover-lhe o culto.

209. — Respeito. — 0 primeiro sentimento em que se fundamenta a devoção a Maria, é o do respeito. O respeito é um ***sentimento de estima e de veneração*** pelas pessoas exornadas de qualidades eminentes, investidas de grande dignidade e que desempenham um papel importante.

210. — Motivos de respeito. — Maria merece nosso respeito por três motivos principais:

1.° Ela é ***Mãe de Deus.*** Esta dignidade incomparável faz com que o respeito que lhe tributamos, honre indiretamente a Deus, como aliás, da mesma maneira, o ofende o sentimento contrário. Além disso, esta dignidade a coloca acima de todas as criaturas.

2.° Sua ***santidade*** e seus ***privilégios*** a elevam acima de todos os santos. Estes são apenas os servos de Deus ao passo que ela é sua Mãe.

3.° A ***glória*** e o ***poder*** de que goza no céu associam-na à glória e ao poder de Deus.

Nunca, portanto, será demasiado nosso respeito para com a augusta Mãe de Deus, ***excetuando naturalmente a adoração,*** que se dirige exclusivamente a Deus. Daí o termo de ***hiperdulia,*** usado pelos teólogos para designarem o culto particular devido a Maria, acima do de ***dulia,*** devido aos santos.

Este respeito deve ser ao mesmo tempo interior e exterior.

211. — Respeito interior. — Nosso respeito interior consiste em nos compenetrarmos de uma alta idéia da Santíssima Virgem, considerando-a como a mais eminente das criaturas em virtude de sua santidade, de seus privilégios, de sua dignidade de Mãe de Deus e de seu imenso poder no céu e na terra.

Desenvolve-se esse sentimento de respeito pela meditação da vida de Maria, do seu papel, de suas grandezas e pela leitura das obras que tratam destes assuntos.

212. — Respeito exterior. — Nosso respeito se manifesta exteriormente no ***culto público*** pela solene celebração das festividades de Maria, pelo canto de seus louvores, pela ornamentação de seus altares, pela veneração de suas estampas, estátuas, etc., e, em geral, de tudo quanto a ela se refere.

213. — Exemplos deste **respeito.** — Encontramos exemplos deste respeito:

1.° na ***Santíssima Trindade,*** que encarrega um dos primeiros anjos da corte de anunciar-lhe a Encarnação; e, pela linguagem profundamente respeitosa deste mensageiro, pode-se, por assim dizer, adivinhar as ordens que recebera;

2.° em ***Jesus,*** que foi o mais respeitoso dos filhos, a ponto de adiantar a hora de sua manifestação pública, na ocasião do

milagre de Caná, por deferência a um simples desejo que ela manifestara;

3.° na ***Igreja,*** que a nomeia sempre antes de todos os santos, a honra com numerosas festividades, e lhe dedica esplêndidos santuários.

4.° no respeito e na veneração que lhe consagram ***todas as almas piedosas.*** Impossível é contar os exemplos. Limitamo-nos a um só, o do Venerável Pe. Champagnat. Apenas indicado para coadjutor da paróquia de La Valla, um dos seus primeiros cuidados foi limpar, consertar e ornar a capela de Nossa Senhora, que se encontrava em estado lastimável.

214. — Confiança. — A confiança é um sentimento que nos impele a recorrer a uma pessoa, quando julgamos que nos pode ajudar e o fará de boa mente.

215. — Motivos desta confiança. — Nossa confiança em Maria baseia-se:

1.° no seu ***poder*** que não conhece outros limites que os do próprio poder de Deus, que quis tornar-se seu filho e de quem ela tudo pode conseguir;

2.° na sua ***bondade*** imensa, ilimitada, pois ela tem para nós um coração de mãe.

216. — Poder de Maria Santíssima. — Os santos chamaram Maria Santíssima de ***Onipotência suplicante.*** Isto quer dizer que, por sua natureza, é simples criatura, ela foi elevada, todavia, por sua dignidade de Mãe de Deus, a uma situação em que Jesus Cristo, que é todo-poderoso, nada pode recusar a suas orações.

217. — Bondade de Maria. —

1.° Sendo o Coração de Maria a cópia mais perfeita do Coração de Jesus, que é infinitamente bom, ela possui toda a bondade e ternura que uma criatura pode ter para conosco.

2.° Além disso, tendo recebido do Salvador, ao pé da cruz, a missão de nos amar como filhos, ela nos dedica a nós os irmãos de Jesus Cristo, todo o amor que tem para com ele, amor tão grande que não se pode exprimir.

218. — Experiência que temos da bondade e onipotência de Maria. — Os benefícios pelos quais Maria tem patenteado seu poder e sua bondade para com os homens, são tão numerosos que não têm conta. Somente os fatos milagrosos encheriam volumes.

219. — Qualidades que deve ter nossa confiança em Maria. — Três são as qualidades que deve ter nossa confiança em Maria: deve ser terna, universal, contínua.

1.° é ***terna,*** se nos dirigimos a ela com a efusão de coração que usa a criança recorrendo à mamãe;
2.° é ***universal,*** se recorrermos a Maria em todas as precisões, quer da alma quer do corpo, quer nossas quer alheias;
3.° é ***contínua,*** se recorremos sempre a Maria no decorrer de nossa existência, em qualquer situação em que nos encontremos.

220. — Exemplos de confiança em Maria dados pela Igreja. — A Igreja nos dá exemplos de confiança sem limite em Maria.

1.° A prova está na sua ***oração pública.*** Reclama sua intercessão no ***Confiteor***; recomenda-se a ela diversas vezes no sacrifício da missa e, em cada hora canônica, por uma ***Ave Maria*** no princípio e uma antífona no fim;
2.° Ela anima, na ***oração particular,*** todas as práticas que aumentam nossa confiança em nossa Mãe do céu e enriquece de numerosas indulgências as orações que lhe dirigimos;
3.° Ela exorta, pela palavra de seus ministros, pelos escritos de seus doutores e pelo exemplo de seus santos, todos os fiéis a que recorram a Maria com plena confiança em todos os tempos e em todas as circunstâncias.

221. — Exemplos de confiança em Maria dados por santos ou por particulares. — Superabundam, neste particular, os testemunhos e os livros que encerram exemplos aos milhares. Príncipes confiam seus reinos a Maria; navegantes em perigo a ela recorrem; chefes militares a imploram antes da batalha; cidades sitiadas solicitam-lhe a libertação; enfermos

pedem-lhe a saúde; mães recomendam-lhe os filhos; pais e mães consagram-lhe as famílias; sacerdotes, sua paróquias; bispos, suas dioceses, etc.

222. — Amor. — O amor é um sentimento feito de ***estima*** e de ***ternura*** que nos prende a uma pessoa e no-la torna cara, não só a ela senão também o que a ela se refere. Tal sentimento convém eminentemente para com Maria Santíssima, nossa mãe.

223. — Motivos de amar a Santíssima Virgem. — Temos numerosos motivos de amar a Santíssima Virgem:

1.° ***Jesus Cristo quer que a amemos.*** Ele no-lo fez saber primeiro pelo seu divino exemplo; suas últimas palavras na cruz no-la deram por mãe e, enfim, sua Igreja não cessa de no-lo repetir;

2.° ***Ela merece o nosso amor*** mais que qualquer outra criatura, sendo verdadeiramente a obra prima das mãos de Deus;

3.° ***Ela nos ama*** e nos enche de benefícios a tal ponto que quem não a ama, se torna culpado da mais monstruosa ingratidão.

224. — Meios de incrementar nosso amor para com Maria. — A ***estima,*** parte essencial de todo amor, pode crescer em nós para com Maria, se considerarmos atenta e piamente, quer pela meditação quer pelo estudo:

1.° suas perfeições, seus privilégios e sua eminente santidade;

2.° sua dignidade suprema de Mãe de Deus, fonte de seu poder e de suas grandezas incomparáveis.

A ***ternura,*** outro elemento essencial do amor, irá crescendo em nós à proporção que considerarmos afetuosamente:

1.° sua bondade maternal para conosco, em particular e para com todos os homens em geral;

2.° os favores de que lhe somos devedores, quer pessoalmente como alunos de uma congregação religiosa à qual tem dispensado uma proteção singular, quer como filhos diletos da Igreja Católica.

225. — Exemplos de amor para com a Santíssima Virgem. —

1.° Devemos procurar o primeiro e maior exemplo de amor a Maria na ***Santíssima Trindade,*** que a exornou de todas as graças possíveis, a escolheu para associá-la à salvação do mundo e a coroou de uma glória extraordinária no céu.
2.° No seu ***divino Filho,*** que, durante toda a vida e até a hora da morte, a amou como o mais terno dos filhos;
3.° Na ***Igreja,*** que multiplica os testemunhos públicos de seu amor e exorta todos seus filhos a fazerem o mesmo em seu particular;
4.° Na ***vida dos santos,*** mina riquíssima, inesgotável de exemplos característicos de amor para com Maria.

O santo Cura d'Ars inscreveu num coração de prata dourada seu nome e o de todos seus paroquianos e o suspendeu ao pescoço de uma estátua da Santíssima Virgem. Santo Estanislau Kostka falava dela com tais acentos de amor que os padres da Companhia de Jesus, até os mais adiantados em idade, procuravam dele se aproximar para se afervorarem na devoção à Rainha dos Anjos. São Geraldo Magella foi mais de uma vez levantado do chão ao passar diante de um quadro de Maria, que então beijava com grande efusão.

226. — **Prática.** — Tomar o hábito de rezar fielmente, antes de adormecer, uma oração à Santíssima Virgem: ***Ave Maria, Lembrai-vos,*** ou outra qualquer.

227. — LEITURA. — A bondade e sabedoria de Maria.

Por que razão Maria, tão boa e tão poderosa, não nos concede todos os favores que lhe pedimos? Não ultrapassaria, por acaso, os limites de seu poder restituir a saúde a todos os enfermos, converter todos os pecadores, afastar todos os males? etc. Como explicar, então, que seja a melhor das mães, se não o faz?

É incontestável que, ao mesmo tempo que é incomparavelmente boa e poderosa, é guiada pela sabedoria divina que, nesta terra permite para nosso bem provações de toda espécie. Se Deus, — e o mesmo se pode dizer de Nossa Senhora, — curasse todos os doentes, sempre e ao mínimo sinal, impediria todo o mundo de morrer. Basta um instante de reflexão para se verificar que este pretendido benefício tornaria finalmente o mundo inabitável, em primeiro lugar porque seria atravancado de velhos; depois e sobretudo, porque os homens, não tendo mais aquele medo salutar da morte, se entregariam a todas as paixões. O mesmo se dá nos diversos outros domínios.

Limita-se, pois, Maria Santíssima a manifestar sua bondade por algumas curas corporais que não estorvam os planos de Deus.

Aviva assim sempre mais, em todos os doentes, a fé, a perseverança na oração, a resignação à vontade de Deus, sentimentos muito mais úteis ao bem de nossas almas do que curas conseguidas como que automaticamente, à mínima súplica.

É desta maneira que se comporta uma boa mãe, concedendo aos filhos o que lhes é verdadeiramente útil, e negando-se a satisfazer-lhes os desejos que poderiam torná-los manhosos e desmazelados.

228. — Questionário. — ***1.*** *Que é devoção a Maria? —* ***2.*** *Que se entende por respeito? —* ***3.*** *Quais são os três motivos de nosso respeito para com a Virgem Maria? —* ***4.*** *Qual é o limite desse respeito? —* ***5.*** *Em que consiste o respeito interior a Maria? —* ***6.*** *Como se manifesta o respeito exterior? —* ***7.*** *Apontai exemplos do respeito que tiveram para com a Santíssima Virgem:* 1.° *a Santíssima Trindade,* 2° *Jesus Cristo,* 3.° *a Igreja,* 4.° o *V.*[el] *Champagnat. —* ***8.*** *Que é confiança? —* ***9.*** *Quais são os dois motivos de nossa confiança em Maria? —* ***10.*** *Explicai como se pode dizer que Maria é todo poderosa. —* ***11.*** *Como se explica a incomparável bondade de Maria? —* ***12.*** *Sabe-se por experiência que Maria nos pode beneficiar? —* ***13.*** *Indicai as três qualidades que deve revestir nossa confiança em Maria. —* ***14.*** *Quando é terna? —* ***15.*** *Quando é universal?... contínua? —* ***16.*** *Onde vemos que a Igreja recorre a Maria? —* ***17.*** *Citai alguns exemplos de confiança em Maria. —* ***18.*** *Que é sentimento de amor? —* ***19.*** *Dizei os três motivos que temos de amar a Nossa Senhora. —* ***20****. Como poderemos aumentar em nós o amor de estima para com Maria? —* ***21.*** *O amor de ternura?*

229. — Notas complementares. — Apontar exemplos do respeito, da confiança premiada e do amor para com Maria, tirados da vida dos santos. — Vida do V.[el.] Pe. Marcelino Champagnat. — Comentar a oração de São Francisco de Salles: Nós vos saudamos, dulcíssima Virgem...

CAPÍTULO XIII

NECESSIDADE E VANTAGENS DA DEVOÇÃO A MARIA SANTÍSSIMA

230. — Resumo. — A devoção a Maria é de necessidade moral para alcançar o céu. É um penhor de salvação, uma graça de predileção, a segurança de uma proteção especial.

Maria cumula de benefícios os seus devotos. Entre os favores espirituais é preciso contar as graças de arrependimento e de conversão para os pecadores, de fervor e de perseverança para os justos.

Ela auxilia os que se dedicam às obras da Igreja, livra os que a invocam nos perigos da alma e do corpo. Tem curado inúmeros enfermos e apareceu mais de uma vez a seus servos.

231. — Necessidade da devoção a Maria. — A devoção a Maria Santíssima é necessária para a salvação, senão de necessidade absoluta, porquanto ***Jesus Cristo*** é o único medianeiro de justiça, ao menos de ***necessidade moral.***

Deus, não há dúvida, deve ser, antes de tudo, o fim essencial de nossa piedade, mas a devoção a Maria, longe de nos desviar do Criador, facilita, pelo contrário, o serviço de Deus.

Esta devoção, com efeito, está em perfeita concordância com os planos divinos; é tão recomendada pela Igreja e praticada pelos santos, tão útil à nossa alma, que não se lhe pode dar outro qualificativo que o de ***moralmente necessária.***

Além de tudo isso, acrescentemos que não podemos honrar perfeitamente a Deus sem honrarmos a sua Mãe, do mesmo modo que não se pode reverenciar de modo conveniente um rei sem dar à sua mãe o testemunho dos mesmos sentimentos de veneração. Todo culto prestado a Maria, é, pois, em última análise, homenagem prestada a Deus de maneira indireta.

Lema do Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria (Irmãos Maristas). O

Venerável Fundador resolve assim a dificuldade aparente que há em servir a Deus unicamente e antes de mais nada, amando e servindo ao mesmo tempo, e de todo o coração, a Santíssima Virgem.

232. — Vantagens da devoção a Maria. — Penhor de salvação. — A experiência ensina que não é raro ver ***pecadores*** voltarem a Deus, mesmo depois de longos desvarios, devido a alguma prática de devoção para com Nossa Senhora.

É ainda mais frequente ver os ***fiéis*** servos de Maria perseverarem na virtude, ainda que isto chame menos a atenção. Quantos moços hauriram na devoção a Maria a força precisa para permanecer fiéis a Deus.

São Ligório ensina claramente que a devoção a Maria nos assegura a posse do céu. ***É impossível,*** escreve ele, ***que um verdadeiro servo de Maria se perca.***

233. — Verdadeiro servo de Maria. — O verdadeiro servo de Maria é aquele que a ama como sua mãe; espera, com seu patrocínio, perseverar no bem ou, ao menos, recuperar a graça de Deus se cair no pecado e, enfim, se esforça por merecer-lhe o maternal amparo por sua fidelidade a alguma prática de devoção.

Não mereceria o nome de servo de Maria quem se autorizasse de alguma prática piedosa em honra da Mãe de Deus, para se entregar ao pecado, como se a devoção a Maria fosse um incentivo para o vício. Semelhante devoção seria uma forma de superstição.

234. — Graças de predileção. — A devoção a Maria é uma ***graça de predileção.*** Tem, na verdade, um encanto especial que inclina suavemente os corações para a piedade, para a prática da virtude e, ao mesmo tempo afasta do vício. Assim como o nome de Pai que damos a Deus nos excita a amá-lo com devotamento, assim também o de mãe que damos frequentemente a Maria, quando deveras a amamos, faz com que brotem em nossa alma sentimentos de confiança que nos sustentam na piedade e concorrem poderosamente para a nossa salvação.

235. — Proteção especial. — A devoção a Maria Santíssima nos merece sua ***proteção especial*** e, por conseguinte, toda a sorte de benefícios espirituais e temporais. O poder e a bondade sem limites de Nossa Senhora exercem-se sem

descontinuidade em prol de seus devotos servos. Protege-os contra todos os perigos da alma e do corpo e chama-os carinhosamente para a vereda da virtude e da santidade.

236. — Maria é nossa grande benfeitora. — Deus quis associar-se a Maria em todos os favores que sua bondade nos concede. Fez de sua Mãe Santíssima o ***canal de suas graças.*** Em vários lugares os fiéis invocam-na sob o título de Medianeira de todas as graças.

Seu primeiro benefício, manancial de tantos outros, foi de nos dar o Redentor e, por ele, a salvação de nossas almas.

237. — Favores particulares de Maria. — A este benefício geral, a Santíssima Virgem, todo-poderosa e cheia de bondade para com seus servos, acrescenta inúmeros outros particulares.

Destes, uns são espirituais, outros temporais; alguns há de caráter milagroso, mas quase todos participam da ação ordinariamente invisível e quase insensível da divina Providência.

238. — Favores espirituais: conversão, arrependimento. — As orações de Maria têm alcançado a graça da conversão a tantos pecadores que a Igreja lhe conferiu o título, milhares de vezes merecido, de ***Refúgio dos pecadores.*** Lá no céu saberemos o número de almas que ela arrancou da boca do inferno, em recompensa, muitas vezes, de algum ato de piedade para com ela fielmente praticado.

Um dos exemplos mais célebres, nos últimos tempos, é a conversão milagrosa do Judeu Ratisbonne, que se deu em Roma, a 20 de janeiro de 1842. Este moço, três dias antes, consentira, aos rogos de um amigo, em trazer uma medalha ao pescoço. Tendo entrado na igreja de Santo André delle Fratte, para aí esperar o seu amigo alguns minutos, a Santíssima Virgem lhe apareceu e lhe abriu repentinamente os olhos sobre o mísero estado de sua alma. Ratisbonne recebeu o batismo e abraçou a vida religiosa.

239. — Favor espiritual da perseverança. — Se a Santíssima Virgem consegue a conversão dos pecadores, com maior razão, protege os justos, seus filhos diletos, que a imploram, honram e amam. Inúmeros são os que a ela se

confessam devedores de graças especiais que os fizeram perseverar no bem.

O beato Padre Chanel, ainda jovem estudante, foi assaltado por uma tentação de desânimo tão violenta que se dispunha a renunciar ao estado eclesiástico. Uma oração que fez diante do altar de Maria lhe restituiu repentinamente a coragem.

240. — Favor espiritual do êxito nas obras que têm por fim a glória de Deus. — Tendo sido Maria, pela sua humildade, obediência e pureza, a causa do êxito da grande obra da Encarnação, Deus serve-se ainda dela para auxiliar todos aqueles que difundem os salutares efeitos deste mistério.

Dentre uma multidão de exemplos, o proceder do V.el Padre Champagnat se nos afigura um dos mais notáveis. Seu biógrafo pôde escrever que a sua confiança em Maria nunca fora iludida. Ele mesmo, depois de uma longa experiência, atribuía à proteção de Maria o feliz êxito da obra difícil que empreendera, sem nenhum elemento de êxito. Este maternal amparo traduziu-se particularmente pela chegada de vocações e de recursos materiais em circunstâncias bastante críticas para seu Instituto.

241. — Favores de ordem temporal. — Proteção nos perigos públicos — Cidades, nações e a Igreja inteira atribuem a Maria o terem sido protegidas de maneira milagrosa em certos perigos que lhes ameaçavam os interesses.

Em 1571, por exemplo, São Pio V tinha suscitado a reza de inúmeros rosários para obter o socorro da Santíssima Virgem no combate em que se iam defrontar as armadas cristãs e muçulmanas.

Na mesma tarde da vitória teve uma visão que não permite duvidar da intervenção divina, conseguida pela intercessão de Maria, nessa memorável jornada.

242. — Maria aparece a seus servos. — Numerosíssimas são as aparições de Maria, ora para manifestar algum desígnio de misericórdia, ora para consolar seus servos.

Da primeira categoria pode-se citar a aparição de Nossa Senhora em Pontmain, em 1871. Anunciou, então, o fim dos males que afligiam a França invadida e recomendou a oração para conseguir a misericórdia divina.

243. — Maria cura os enfermos. — Não há país que não tenha algum célebre santuário de Nossa Senhora atapetado de ex-votos, a recordarem a gratidão de enfermos curados. A Igreja inseriu nas ladainhas o título de ***Saúde dos enfermos*** que lembra a bondade de Maria para com os pobres doentes.

A frequência de curas concedidas por Maria no seu santuário de Lourdes levou a Igreja a instalar aí o ***"Bureau des Constatations Médicales".*** É um júri encarregado de fiscalizar as curas milagrosas mais notáveis, com o fim de estabelecer-lhes as provas e conservar-lhes a lembrança. Até hoje, milhares delas foram estudadas.

Durante longos anos existiu um júri semelhante junto ao santuário de Nossa Senhora de Buglose (Landes, França), fundado em 1623, e atualmente temos outros em vários lugares de peregrinação.

244. — Favores de Maria de cunho menos milagroso. — Ao lado dos benefícios de caráter milagroso, pelos quais apraz a Deus incrementar nossa confiança em Maria, cumpre assinalar outros, muito mais numerosos, ainda que, de ordinário, não chamem tão visivelmente a atenção.

A Santíssima Virgem protege seus devotos dando-lhes a coragem em cada dia, o amparo nas tentações, a confiança em Deus. Fala-lhes interiormente ao coração, afasta os perigos, suscita dedicações e heroísmos e assegura os recursos necessários.

Quantos santos assim o declararam, depois de o terem experimentado! E quantas vezes a vida deles não foi uma ilustração brilhante de suas asserções! O Venerável Padre Champagnat recorria a Maria como ao seu ***Recurso ordinário***; São João Bosco conseguiu numerosíssimas intervenções de Nossa Senhora Auxiliadora, etc.

245. — Prática. — Almejar uma verdadeira devoção à Santíssima Virgem e pedir-lhe essa graça.

246. — LEITURA. — O culto de Maria no mar.

A *"Ave maris Stella"* e vários outros piedosos cânticos chamam Marra a *estrela do mar* e comparam o nosso viver, na terra, a uma travessia em demanda do porto bonançoso da pátria, à procura da luz benéfica da estrela celestial.

É aos cristãos da Idade Média que, tão numerosos, tiveram de navegar para a Terra Santa, nos tempos das Cruzadas, que devemos esta comparação. Eles tinham conservado

na memória a péssima lembrança destas travessias perigosas para os pequenos navios de então. Por isso recorriam de boa mente ao patrocínio de Maria, quando entregues à mercê das ondas.

Aqui vão as práticas de piedade para com a Santíssima Virgem, comuns a todos os navios. (*Ver La Roncière: Histoire de la marine.*)

"De manhã, ao romper da aurora, ouvia-se o apito do lado da popa; um empregado do patrão do navio erguia um quadro da Madona, diante do qual todos dobravam o joelho para rezar a *Ave Maria*... Ao por do sol, todos os passageiros se reuniam novamente em redor do mastro principal e genuflexos cantavam a *Salve Rainha* que, nos casos de perigo, faziam preceder das ladainhas. Finalmente o apito ressoava outra vez, o marujo levantava novamente o quadro da Virgem, diante do qual se rezavam as Ave-Marias, na mesma hora em que, em terra, os sinos tocavam o *"Angelus* da tarde".

Com o correr dos tempos, as viagens por mar foram se tornando menos perigosas, e infelizmente tais piedosos costumes foram pouco a pouco desaparecendo. Entretanto, os perigos das tempestades, as ameaças de naufrágio continuam suscitando muitas preces à Virgem Maria.

O santuário de Nossa Senhora da Guarda, em Marselha, está atapetado de ex-votos que atestam a frequência e a confiança com que os nautas recorrem a Maria. E o mesmo acontece em muitos outros portos.

Suplicando, de manhã e à noite, a Santíssima Virgem que vele sobre nós na travessia da vida, tão cheia de escolhos, continuamos a pia tradição dos cristãos medievais.

247. — Questionário. — ***1.*** *De que espécie de necessidade é a devoção a Maria para a salvação? —* ***2.*** *Quais são as vantagens desta devoção?* ***— 3.*** *Qual foi o primeiro benefício de Maria para conosco? —* ***4.*** *Que é que merece a Maria o título de Refúgio dos pecadores? —* ***5.*** *Narrai a conversão de Ratisbonne —* ***6.*** *Como Maria protege os justos? —* ***7.*** *Contai brevemente a tentação do beato Padre Chanel.* ***— 8.*** *Dizei por que razão Deus se serve de Maria para ajudar os que dilatam o seu reino. —* ***9.*** *Qual era o sentimento do V.*^{el} *Padre Champagnat a tal respeito?* ***— 10.*** *Por que Maria aparece a seus servos?* ***— 11.*** *Citai dois exemplos. —* ***12.*** *Que lembra a invocação "Saúde dos enfermos?"* ***— 13.*** *Que há de particular em Lourdes a respeito das curas? —* ***14.*** *Qual é o caráter dos favores mais numerosos de Maria?*

248. — Notas Complementares. — Expor minuciosamente alguma aparição (Pontmain, La Salette, etc, ou a santo Estanislau de Kostka, a são Francisco Régis, (por exemplo)... alguma cura notável como a de Gargan em Lourdes, a de Pedro de Rudder em Oostaker, etc... algum rasgo de proteção milagrosa (vida de São João Bosco).

CAPÍTULO XIV

IMITAÇÃO DAS VIRTUDES DE MARIA

249. — Resumo. — A devoção a Maria nos excita a imitarmos suas virtudes, principalmente a humildade, a pureza e o amor a Jesus.

Maria não ignorava os dons que recebera de Deus mas, reservando apenas para si o título de serva do Senhor, oferecia-lhe toda a glória decorrente deles.

Sua pureza imaculada fê-la escolher a virgindade como quinhão de sua herança.

Seu amor a Jesus foi ao mesmo tempo o da mais terna das mães e o da mais ardente das almas santas.

Devemos retratar-lhe a humildade em nossa vida modesta, estimar acima de tudo a pureza e guardá-la escrupulosamente e, como esta boa Mãe, amar a Jesus com todas as veras da nossa alma.

250. — Imitação de Maria. — Uma devoção a Maria que não chegasse à imitação desta divina Mãe, seria muito fraca e incompleta.

Os santos muito frequentemente apontam-nos Maria Santíssima como nosso modelo e esforçaram-se por reproduzir na própria vida, por devoção para com ela, algumas de suas virtudes, como sejam a resignação nos sofrimentos, o amor à pobreza e mormente a incomparável pureza, que tem despertado em legiões de almas o desejo de consagrarem a Deus sua virgindade.

251. — Virtudes a imitar. — A Virgem Maria praticou eminentemente todas as virtudes. Assinalamos aqui apenas as três principais: a humildade, a pureza, o terno amor para com Jesus Cristo.

252. — Humildade de Maria. — Maria, a mais elevada das criaturas em dignidade, foi também ***a mais humilde.*** Não ignorava, sem dúvida, os dons maravilhosos que Deus lhe concedera, como aliás ela o testemunha evidentemente no ***Magnificat,*** afirmando que Deus fez nela grandes coisas e que todas as gerações hão de proclamá-la bem-aventurada.

Mas, longe de arrogar-se o mérito de tantos favores, atribui-os inteiramente a Deus, autor de todo o bem. Guarda apenas

para si o humilde título de serva. "Deus, diz ela, olhou para a baixeza de sua serva".

253. — Proceder cheio de humildade de Maria. — O procedimento de Maria esteve sempre de acordo com seus sentimentos. Assim foi que escondeu, até a São José, os dons de Deus. Perturbou-se ao ouvir os louvores que o anjo lhe dirigiu: foi visitar a prima Isabel, prestando-lhe os mais humildes serviços; rebaixou-se ao nível das outras mulheres do povo no dia da Purificação; tomou, ao pé da cruz, o lugar humilhante de mãe do supliciado; sua vida toda transcorreu, longe do bulício do mundo, na mais profunda obscuridade.

254. — Pureza de Maria. — A pureza incomparável de Maria mereceu-lhe os títulos de ***Mãe puríssima*** e de ***Rainha das Virgens.*** Imaculada na sua conceição, passou a vida inteira sem contrair a mínima mancha.

Seu amor entranhado à castidade se patenteia nas palavras que dirige ao arcanjo Gabriel vindo do céu anunciando-lhe a Encarnação. Depreende-se delas que, preocupada em guardar intacto o voto de castidade, estava disposta a sacrificar a dignidade e a glória de Mãe de Deus, se não recebesse promessa de permanecer virgem.

255. — Proceder puríssimo de Maria. — Foi Maria Santíssima a primeira que levantou, no mundo, o estandarte da virgindade. A seu exemplo, inumeráveis almas vão palmilhando a mesma senda. Uma experiência muitas vezes secular nos mostra que Maria obtém para seus devotos servos o dom de uma pureza admirável. Todos os que a ela recorrem nas tentações contra a santa virtude, conseguem sua especial proteção.

256. — Amor a Jesus. — Não pode a palavra humana traduzir o amor de Maria para com Jesus. Brotava de uma dupla fonte: ao amor que a ***mais santa das criaturas*** votava a seu Deus, unia-se, no coração de Maria, o amor que ***a mais terna das mães*** sentia pelo mais amável dos filhos. Destarte, a graça e a natureza se completavam mutuamente, e Maria, no amor de Deus, ultrapassou todos os anjos e todos os santos.

257. — Testemunhos do proceder cheio de amor de Maria para com Jesus. — Encontramos em algumas raras

passagens do Evangelho provas certíssimas deste amor ardente. Maria não hesita um instante sequer em levar o divino Filho ao Egito a fim de subtraí-lo à sanha de Herodes; desconsolada chora-lhe a perda antes de encontrá-lo no Templo; enfim, fica de pé junto à cruz, no Calvário, e daí não se arreda senão quando o mundo inteiro e os próprios apóstolos o abandonam.

258. — Como se pode imitar a Maria. — Todos os jovens, mas especialmente os que são de alguma pia Congregação de Maria, podem imitá-la:

1.° na ***humildade,*** reconhecendo-se devedores a Deus de tudo quanto têm recebido na ordem natural e sobrenatural, porque ao homem cabem apenas o nada e o pecado;
2.° na ***pureza,*** fugindo de todo pecado, mesmo venial, a fim de se conservarem puros e assim merecer sempre sua maternal proteção;
3.° no ***amor a Jesus,*** seguindo as pisadas do divino Salvador e preferindo seu fiel serviço a todas as vantagens humanas, sobretudo quando, para consegui-las, se deve macular a consciência.

259. — Como os religiosos imitam a Maria. — Os jovens religiosos, especialmente os filiados a um Instituto consagrado a Maria, imitam-na ainda mais fielmente:

1.° na ***consagração*** pronta, generosa e inteira que da própria pessoa ela fez a Deus no Templo, no dia de sua Apresentação;
2.° na ***humildade,*** apreciando uma vocação que, não tendo brilho exterior, se aproxima da vida oculta de Maria Santíssima;
3.° na ***pureza ilibada,*** estimando, a seu exemplo, a virtude e o voto de castidade, cuja prática ela inaugurou;
4.° no ***amor a Jesus,*** levando, como ela, uma vida de intimidade com o divino Salvador, pelo silêncio, pelo recolhimento, pelo devotamente ao seu serviço e à causa de sua Igreja.

260. — Os santos doutores e as virtudes de Maria. — Não cabe aqui uma enumeração das virtudes da Virgem Maria. Citemos apenas um trecho do Pe. Monsabré, resumo da

admiração dos santos doutores em presença das estupendas virtudes que adornaram o coração amantíssimo de Maria.

"Os santos Padres empenharam-se num torneio de eloquência e de amor no tocante à preeminência de suas virtudes. Santo Agostinho é o panegirista de sua ***fé***; São Basílio, de sua ***virgindade***; São Clemente de Alexandria, de sua ***obediência***; São João Crisóstomo, de sua ***fortaleza***; o abade Ruperto, de sua ***paciência***; São Bernardo, de sua ***misericórdia***; são Bernardino, de sua ***humildade***; Dionísio o Cartuxo, de sua ***caridade.*** Quanto a mim, obscuro escudeiro entre tantos ilustres, admiro os valorosos feitos dos meus predecessores em honra da minha rainha; mas, com Santo Tomás, estou por sua ***devoção,*** que foi a própria perfeição de sua caridade e o esplendor de todas as suas virtudes."

261. — Prática. — Nas penalidades e nos sofrimentos desta vida mortal, recorrer a Maria quer para ficar livre deles, quer para alcançar a paciência e a resignação.

262. — LEITURA. — O V.el P.e Champagnat e a Santíssima Virgem.

Durante toda a vida, o Vel. Padre Champagnat, fundador dos Pequenos Irmãos de Maria, distinguiu-se por sua terna devoção à Santíssima Virgem. Desde a meninice gostava de rezar o terço e de orar longamente ao pé de seu altar. Punha debaixo de sua proteção, em fervorosas preces, todos os seus projetos. Cada dia renovava-lhe sua consagração repassada da mais delicada ternura filial.

Logo depois de ordenado, foi a Fourvière pôr sob sua maternal proteção o seu ministério incipiente. Sempre que vinha a Lyon, costumava renovar a sua consagração à Virgem Maria no querido santuário de Fourvière.

Mal chegou a La Valla, mandou fazer um altar novo e reformar a capela da Santíssima Virgem. Foi ele quem instituiu naquela paróquia serrana a piedosa prática do mês de Maria.

A idéia de fundar o seu Instituto ocorreu-lhe durante suas orações em Fourvière e foi por devoção que escolheu para seus Irmãos o belo nome da Mãe do Senhor. Confiou-lhe a empresa e dela esperou todo o auxílio de que necessitava. A ela recorria como a seu *Recurso ordinário* em todas as precisões. Em 1825, escapou de morte certa, pela sua intervenção, logo depois de um *"Memorare"* rezado no campo, onde andava transviado em noite nevosa.

A terna Mãe do céu manifestou-lhe sempre sua constante proteção, a ponto de ele lhe atribuir, todo inteiro, o maravilhoso resultado alcançado. Pouco tempo antes de expiar, escrevia: "Oh! como é poderoso o santo Nome de Maria! ... Há muito tempo que não se falaria mais da nossa Congregação sem este santo nome, sem este nome milagroso".

263. — Questionário. — ***1.*** *Que pensar da devoção a Maria, quando não se lhe imitam as virtudes?* — ***2.*** *Por que um verdadeiro servo de Maria deve imitá-la?* — ***3.*** *Quais são as três virtudes mais notáveis na Santíssima Virgem?* — ***4.*** *Como se vê que Maria conhecia os dons que Deus lhe fizera?* — ***5.*** *De que maneira evitava de se gloriar deles?* — ***6.*** *Citai alguns fatos que mostrem o proceder humílimo de Maria.* — ***7.*** *Quais são os títulos que lhe mereceu sua pureza incomparável?* — ***8.*** *Quando se manifestou seu amor à pureza?* — ***9.*** *Que feliz resultado tem produzido o exemplo de seu voto de*

virgindade? — ***10.*** *Em que fontes alimentava Maria seu amor a Jesus?* — ***11.*** *Que fatos evangélicos patenteiam este amor?* — ***12.*** *Como podemos imitar a humildade de Nossa Senhora?* — ***13...*** *sua pureza?* — ***14...*** *seu amor a Jesus?* — ***15.*** *Citai alguns santos doutores que exaltaram particularmente alguma virtude da Santíssima Virgem.*

264. — Notas complementares. — Comentar alguma passagem do *Magnificat* (humildade), do evangelho da Anunciação (pureza), da perda do Menino Jesus (amor a Jesus). Mostrar o acerto das apelações da ladainha: *Virgo prudentíssima, Mater amábilis, Virgo clemens, Vas insigne devotionis,* etc. Evidenciar a maneira por que brilharam em Maria a obediência, a resignação e o amor do próximo.

CAPÍTULO XV

DESENVOLVIMENTO DO CULTO DE MARIA

265. — Resumo. — Pode-se dividir em vários períodos o culto da Santíssima Virgem. Dos tempos apostólicos até o Concílio de Éfeso, tem pouco brilho exterior, mas vai crescendo e se espalhando com a Igreja.

O Concílio de Éfeso condena, em 431, Nestório, que negava a Maria o título de Mãe de Deus, e fica sendo o ponto de partida de manifestações públicas e solenes, que aproveitaram ao culto de Maria.

É no fim da Idade Média que o culto da Santíssima Virgem atinge todo seu desenvolvimento, pelos estudos teológicos das universidades, pela liturgia da Igreja, pelo movimento artístico e pela devoção dos fiéis.

O protestantismo, no século XVI, ataca violentamente o culto de Maria e o destrói por toda a parte onde domina. Mas, fora disso, este culto continua a se espalhar com a Igreja católica. O século XIX vê a proclamação do dogma da Imaculada Conceição.

266. — Perpetuidade do culto de Maria. — O culto da Virgem Maria, como aliás o da Cruz, ou da Sagrada Eucaristia, sempre existiu na Igreja. Todavia, as manifestações exteriores destes diversos cultos tiveram seu desenvolvimento progressivo. As festividades, as práticas piedosas apareceram ao longo dos séculos e é certo que, com o correr do tempo, elas irão aumentando ainda.

Podem-se distinguir vários períodos nesse desenvolvimento.

267. — Primeiro período: dos tempos apostólicos ao Concílio de Éfeso, em 431. — Nesse período, o culto de veneração, do qual a Mãe de Deus é objeto na Igreja, manifesta-se com pouco brilho exterior. O primeiro plano da vida da Igreja está tomado pelos trabalhos apostólicos; logo depois, pelas perseguições sanguinolentas e pelas heresias que atacam a pessoa divina de Jesus Cristo.

Entretanto, há testemunhos que evidenciam o desenvolvimento do culto mariano. Escritores eclesiásticos falam de Nossa Senhora; constata-se, nas catacumbas romanas, a existência de pinturas que a representam; Santa Helena, falecida em 327, manda edificar várias igrejas em sua honra, entre estas a de Nazaré, nos lugares por ela habitados. Além disso, inumeráveis almas cristãs, a seu exemplo, consagram a Deus sua virgindade. É de notar-se, sobretudo, a ***emoção universal*** que

agitou o mundo cristão, quando Nestório recusou a Maria Santíssima o título de ***Mãe de Deus,*** com o qual era já invocada. Juliano o Apóstata, falecido em 363, censurava nos cristãos, daquele tempo, o terem constantemente nos lábios o doce nome da Rainha dos anjos.

268. — Segundo período: do Concílio de Éfeso ao século XI. — O Concílio de Éfeso, em 431, foi o ponto de partida providencial de uma manifestação solene, pública, retumbante, por assim dizer, do culto de Maria. Sua augusta dignidade é especialmente celebrada por ***São Cirilo,*** alma do Concílio.

A imperatriz de Constantinopla, Santa Pulquéria, manda erigir em sua honra três basílicas; multiplicam-se por toda parte suas imagens. Em Roma, o papa Libério dedica-lhe Santa Maria Maior e toda a Igreja acompanha esses grandes exemplos de devoção.

269. — Terceiro período: do século XI ao Protestantismo. — A devoção a Maria aproveita, no fim da Idade Média, do movimento progressivo que se vai produzindo:

1.° nas ***ciências teológicas,*** cultivadas nas universidades;

2.° no ***desenvolvimento litúrgico,*** favorecido pelos grandes mosteiros beneditinos e nas ***piedosas práticas*** espalhadas pelas novas ordens religiosas;

3.° no ***gênio artístico,*** que cria as portentosas catedrais, muitas delas consagradas a Maria, e em cujas naves ocupam um lugar de destaque as telas e estátuas que a representam.

270. — Maria nas ciências teológicas. — À medida que a teologia escolástica vai ajuntando e organizando os dados esparsos na Escritura Sagrada, na tradição, nos trabalhos dos concílios, a *teologia mariana* vai se elaborando.

O papel de Maria na Encarnação e na Redenção, sua incomparável dignidade de Mãe de Deus, sua virgindade perpétua, sua Imaculada Conceição, todos seus privilégios são cuidadosamente coordenados e estudados. Por isso, observa-se o papel importante que representa a devoção a Maria na vida de todos os cristãos esclarecidos e particularmente na vida de todos os santos desde aqueles tempos até nossos dias.

271. — Maria e a liturgia da Igreja. — Remonta ao 3.° período a fixação definitiva, nas suas grandes linhas ao menos, do ciclo das festas da Santíssima Virgem. Então também vêm à luz a maior parte das antífonas e dos hinos que dão lugar especial à Santíssima Virgem no ofício canônico da Igreja. A Igreja do Oriente já o tinha feito muito tempo antes.

É nesta época que aparece o Ofício Parvo de Nossa Senhora. Mais tarde são criadas as confrarias do Escapulário e do Rosário e outras que as ordens religiosas vão espalhando, especialmente os Carmelitas quanto ao bentinho do Carmo, os Dominicanos e os Franciscanos para o Rosário.

O ***"Angelus"*** aparece durante as Cruzadas; muitas peregrinações vão se estabelecendo e diversas práticas se propagando.

272. — Movimento artístico. — O movimento artístico que faz surgir as lindas igrejas de então, produz também uma estupenda exteriorização do culto da Santíssima Virgem, pois dentre elas muitas lhe são dedicadas.

As primeiras estátuas, toscas, mal esculpidas, os primeiros quadros, anti-estéticos e ingênuos, cedem lugar, na Renascença, a obras primas que ainda hoje admiramos.

273. — O protestantismo. — O protestantismo, que não respeitou nem poupou coisa alguma na Igreja, não podia respeitar o culto de Maria. Uma parte importante do Ocidente foi depredada; por toda a parte onde se estabeleceu, destruiu as imagens da Santíssima Virgem e proscreveu-lhe o culto com tal furor que lembra a inimizade da serpente infernal. Citam-se inúmeras profanações e destruições de quadros, estátuas e igrejas nesta época nefanda; por exemplo, a capela de Fourvière foi destruída em 1562.

Nem por isso a Igreja católica deixou de amar a Maria com menos ardor e fidelidade. Continuou a venerá-la, invocá-la, defendê-la, ela cujo culto é o antídoto de todas as heresias.

Em França, particularmente, quase todos os santuários devastados pelos hereges foram restaurados.

274. — Quarto período: do protestantismo até nossos dias. — Neste último período, o culto de Maria, muito desenvolvido e solidamente estabelecido, ganha mais em

extensão do que em novas formas ou exteriorizações. Vai acompanhando o de Nosso Senhor por toda parte: no Novo Mundo, no século XVI; na Oceania, no século XIX; e, atualmente, nas novas cristandades espalhadas pelo orbe, nas índias, no Japão, na China, na África.

O período revolucionário (1793) manifestou, para com nossa santa religião e, indiretamente, para com a Santíssima Virgem, uma raiva demolidora que, felizmente, durou relativamente pouco.

275. — Novas festas. — Do século XVI até nossos dias foram instituídas várias festividades em honra de Maria, como Nossa Senhora do Rosário, o santo nome de Maria, Nossa Senhora Auxiliadora. Datam igualmente do século XIX o desenvolvimento da devoção do mês de Maria, a instituição do mês do Rosário e de várias confrarias ou institutos que lhe são consagrados e, finalmente, a criação dos congressos mariais periódicos.

276. — Imaculada Conceição. — Uma referência especial deve ser feita à ***proclamação do dogma da Imaculada Conceição,*** no século XIX.

Fora preparada por aturado trabalho dos teólogos, desde o século XIII e, por volta de 1830, proclamada, por assim dizer, nos corações pela série de prodígios que acompanharam a difusão da medalha milagrosa.

A proclamação do dogma se deu em 1854, a 8 de dezembro, no glorioso pontificado de Pio IX.

A resposta de Maria está neste caudal de graças que, de Lourdes, onde apareceu (1858), se vai estendendo, pelos peregrinos devotos ***à Imaculada Conceição,*** ao mundo inteiro.

277. — Prática. — Trazer consigo uma medalha da Santíssima Virgem e beijá-la com frequência.

278. — LEITURA. — Dias consagrados a Maria.

Quantas vezes servos fiéis de Maria têm posto suas empresas sob sua poderosa proteção, começando-as num sábado ou numa de suas festas!

Em várias regiões, os casamentos se celebram no sábado para pôr a nova família sob o patrocínio especial da Rainha no céu.

Quando o V^el. Padre Champagnat foi nomeado coadjutor em La Valla, tomou as disposições para aí chegar num sábado e iniciar o ministério a 15 de agosto, festa da Assunção da Santíssima Virgem.

Foi este mesmo dia festivo, que Santo Inácio escolheu, em 1534, para a emissão em Montmartre dos primeiros votos de sua pequena Companhia, composta então de sete membros. A esta data é que remonta a fundação da Companhia de Jesus.

O marechal Pélissier quis que o assalto à famosa torre Malakoff, que devia pôr fim à guerra de Criméia, se desse a 8 de setembro, festa da Natividade da Santíssima Virgem.

De seu lado, Maria tem alcançado muitas vezes, aos devotos que lho pediam, o favor de morrerem em sábado, como sucedeu com o V^el. Champagnat, ou em dia de uma de suas festividades, como para santo Estanislau Kostka, que conseguiu morrer na manhã da Assunção.

279. — Questionário. — ***1.*** *Desde quando existe na Igreja o culto de Maria? —* ***2.*** *Pode-se dizer que progrediu? —* ***3.*** *Quais são os grandes períodos que se podem notar neste desenvolvimento? —* ***4.*** *Por que razão tem este culto pouco brilho exterior no primeiro período? —* ***5.*** *Que provas se dão, entretanto, da sua vitalidade? —* ***6.*** *Como devemos considerar o Concílio de Éfeso, em relação ao culto de Maria? —* ***7.*** *Que sabeis de São Cirilo, de Santa Pulquéria, do papa Libério? —* ***8.*** *De que se aproveita o culto de Maria no terceiro período? —* ***9.*** *Qual é o papel das ciências teológicas, da liturgia, do movimento artístico? —* ***10.*** *Como se houve o protestantismo para com o culto de Maria? —* ***11.*** *Explicai como o culto de Maria ganhou em extensão durante o quarto período. —* ***12.*** *Qual é, a respeito do culto de Maria, o acontecimento mais saliente do século XIX?*

280. — Notas complementares. — Alguns textos dos mais antigos dos Padres da Igreja, sobre a devoção à Santíssima Virgem (consultar A. Nicolas). — O culto de Maria no Oriente cristão (Santa Pulquéria notadamente). — Os ataques do protestantismo contra a Virgem Maria. — A devoção a Maria na Idade Média.

CAPÍTULO XVI

A VIRGEM MARIA E AS ARTES

281. — Resumo. — As primeiras imagens que nos restam da Santíssima Virgem, são algumas raras pinturas encontradas nas catacumbas. Mas, a partir do Concílio de Éfeso, inúmeras pinturas sobre madeira, vão se espalhando representando a Mãe de Deus com o Menino Jesus nos braços.

As estátuas da Virgem Maria apareceram primeiro no Ocidente e, na época das catedrais góticas, vemo-las, com certa frequência, apresentando Nossa Senhora de coroa à cabeça e de cetro à mão.

Os primeiros artistas não eram muito hábeis; contudo, da Renascença em diante, as estátuas e as pinturas da Santíssima Virgem são tão lindas quanto se podem desejar.

Os primeiros escritores eclesiásticos tratam da Virgem Maria; primeiro, de modo fragmentário, depois de modo mais seguido e desenvolvido. No fim da Idade Média, já se encontram volumes inteiros consagrados a Maria e, de então para cá, o movimento já não para.

Inúmeras obras primas vêm enriquecer a literatura marial, aproveitando as tradições e até as lendas que se foram formando com o decorrer dos tempos.

282. — Iconografia marial. — Chama-se iconografia marial a descrição das estampas, quadros e estátuas que representam a Santíssima Virgem. Ela foi, de fato, representada de modos diversos no correr dos séculos e não cessou de inspirar todas as artes, especialmente a pintura, a escultura e a literatura.

283. — Primeiros séculos. — Existem muito poucas representações da Santíssima Virgem que se prendem aos primeiros séculos do cristianismo. Apenas podemos citar algumas pinturas das catacumbas romanas para provar que, de fato, já existiam essas representações. O mesmo se dá aliás com outros objetos, o crucifixo, por exemplo, tão comum em nossos dias, e do qual não se tem nenhuma representação nos primeiros séculos da Igreja, pois é sabido que as artes estavam então a serviço do paganismo.

Dá-se o nome de ***orantes*** a imagens da Santíssima Virgem, das catacumbas, que representam Maria orando, de braços abertos, conforme a praxe de então e continuada ainda hoje pelos sacerdotes em dados momentos da missa. São de dois gêneros:

num a Santíssima Virgem está sozinha; no outro, tem o Menino Jesus ao colo.

284. — Quinto século. — Depois do Concílio de Éfeso, espalharam-se rapidamente por toda a Igreja cópias de um quadro da Santíssima Virgem atribuído então a São Lucas. São pinturas, não sobre tela, mas sobre madeira, que representam Maria, com o busto somente, e com o Menino Deus ao braço esquerdo.

Entre nossas imagens mais antigas, veneradas nas igrejas, figura nesse gênero, por exemplo, a de Santa Maria Maior, em Roma. Não são raras, ainda em nossos dias, nas cristandades orientais.

Essas imagens estão muitas vezes revestidas de ouro, por devoção, com exceção do rosto e das mãos. Algumas há cobertas de pedras preciosas.

285. — Estátuas. — O Oriente cristão prescrevia as estátuas devido a serem vulgarizadas entre os pagãos. Por isso é que, no Ocidente, aparecem as primeiras estátuas de Maria. São geralmente de madeira e a arte dos que as esculpiram é deveras rudimentar. A Santíssima Virgem é representada, com o Menino Jesus aos joelhos. A ação do tempo enegreceu essas estátuas, a ponto de serem chamadas ***Virgens pretas***. Estão geralmente vestidas de pano precioso ricamente bordado e não se vê mais que a cabeça e as mãos.

286. — Fim da Idade Média. — A floração arquitetural da época das catedrais góticas aproveita à iconografia marial. Aos tipos que precedem, junta-se a representação da Santíssima Virgem de pé, com o Menino Jesus aos braços, muitas vezes de cetro à mão e de coroa à cabeça. Entalham-se e pintam-se cenas onde figurou Nossa Senhora, como a Anunciação, a descida da cruz, o sepultamento, etc.

287. — Artistas primitivos. — Não chegaram até nós os nomes dos primeiros artistas que esculpiram ou pintaram a Virgem Maria. São conhecidos geralmente pelo nome de *Primitivos***.** Suas obras, ainda toscas e ingênuas, não satisfazem ao nosso gosto artístico atual, acostumado a muito melhor. Entretanto, por mais imperfeitas que pareçam, certo é que

representam o que havia de mais belo naqueles tempos remotos. Gerações de piedosos fiéis rezaram perante essas imagens, veneráveis por muitos títulos e conservadas com especial cuidado.

O beato Giovanni de Fiésole, mais conhecido sob o nome de *Fra Angélico,* dominicano florentino, falecido em 1455, é, ao mesmo tempo, o mais célebre, o mais gracioso e o mais piedoso de todos esses artistas primitivos da Idade Média.

288. — Renascença. — Com a Renascença, no século XVI, a pintura e a escultura, em pleno desenvolvimento, representam Maria, quer isoladamente quer em cenas da vida evangélica, sob qualquer aspecto, e com um cunho artístico que não é mais indigno dos motivos tratados. Verdade é, infelizmente, que nem sempre os artistas primaram pela piedade como seus predecessores.

Encontram-se com mais frequência as cenas da Natividade, da Visitação, da Adoração dos Magos; a Virgem Maria e o Menino Jesus, com muitas variantes; a Santíssima Virgem tendo aos joelhos o corpo de Jesus descido da cruz, a Assunção e a Coroação de Maria no céu.

289. — Artistas da Renascença e dos tempos modernos. — Com a descoberta da imprensa, que multiplicou os documentos escritos, os nomes dos artistas se tornaram mais conhecidos. Podemos citar *Miguel Ângelo,* autor da célebre *Pietá,* conservada em São Pedro de Roma, e *Rafael,* cujas Madonas figuram entre as mais belas até agora pintadas. A Espanha orgulha-se com razão de *Murillo* e de *Velásquez* e a França, de *Mignard* e de *Coysevox* e o Brasil, de *Benedito Calixto.*

A esses nomes verdadeiramente geniais, poderíamos acrescentar muitos outros, representantes de talentos de grande mérito.

290. — Em nossos dias. — Em nossos dias, os quadros e as estátuas da Virgem Maria não se contam mais. Certas igrejas, como a basílica de Fourvière, são verdadeiros museus em que a arquitetura, a pintura e a escultura porfiam em ostentar as glórias de Maria Santíssima.

As artes litográficas e plásticas conseguiram multiplicar quase ao infinito, por assim dizer, as mais belas telas e estátuas criadas pelos artistas, de sorte que é difícil encontrar-se uma

capela, uma família, por mais humilde, que não possua alguma linda estampa da Rainha do céu.

291. — Período atual. — Entre as mais belas pinturas e esculturas que os últimos séculos têm multiplicado, cumpre assinalar dois tipos novos.

1.° a ***Virgem da medalha milagrosa.*** — A Santíssima Virgem está só, de pé, de braços estendidos para o chão; de suas mãos, partem numerosos raios, símbolo das graças que derrama;
2.° a ***Virgem de Lourdes*** ou a ***Imaculada Conceição.*** — A Santíssima Virgem está ainda só, vestida de branco com uma cinta azul, de mãos postas e de olhos fitos no céu. De seu braço pende o rosário. O escultor Fabish escolheu o instante em que santa Bernadette a viu e ouviu dizer: ***Sou a Imaculada Conceição.***

292. — Escritores. — Prosa. — Não é só na pintura e na arquitetura que Nossa Senhora está em um lugar de primeira ordem. Tem também ocupado o pensamento dos escritores. Desde os primórdios do cristianismo, o Evangelho e logo depois os Padres da Igreja nos falam de Maria. Os textos sobre esse assunto, como aliás os demais dogmas cristãos, ainda são fragmentários. Respingando-se, porém, nos escritos dos primeiros séculos, de Santo Inácio de Antioquia a Santo Agostinho, pode-se assentar a base sólida de toda nossa crença em Maria, de todos os seus títulos de glória.

293. — Na Idade Média. — Desde o Concílio de Éfeso, tratados inteiros são consagrados às glórias de Maria pelos Orientais, como São Cirilo, Santo Efrém, Santo Epifânio.

Desta época em diante, a literatura concernente à teologia marial e ao culto da Mãe de Deus formaria não só volumes, mas bibliotecas inteiras, onde figurariam os maiores nomes da Igreja: São Bernardo, Santo Tomás de Aquino, São Boaventura, Duns Scot, na Idade Média; Bossuet e Bourdaloue, no século XVII. Fora de França, é preciso citar *Santo Afonso de Ligório.*

Essas obras, hoje em dia, multiplicam-se além de toda previsão. Com efeito, numerosas peregrinações, congressos,

sermões, meses de Maria, etc., fornecem assuntos para livros e tratados sobre Maria Santíssima.

294. — Poesia. — Os poetas celebraram à porfia as glórias e os louvores de Maria, seja em cantos religiosos especiais, como Jacopone de Todi que compôs o ***Stabat***; Santo Anselmo, que rimou o ***Omni die, dic Mariae***; seja pela narração de fatos extraordinários, na Idade Média, seja pela inserção de episódios em suas múltiplas obras, como Dante na *Divina Comédia,* Corneille na tradução dos hinos do Ofício Parvo e tantos outros.

Compuseram-se árias para inúmeras poesias, em latim ou em língua vulgar, que agora tanta gente sabe.

295. — A **literatura de imaginação. —** A literatura marial, devido à sua própria riqueza, saiu do quadro histórico e devemos fazer aqui algumas observações sobre as tradições e lendas em que, às vezes, se inspira.

As ***tradições*** são informações que, geralmente, nos vieram da Antiguidade sobre a vida da Santíssima Virgem, seus milagres, suas aparições, mas sem a rigorosa verificação, aliás impossível então, das verdades históricas que encerram. Ordinariamente transmitidas de boca em boca, foram se alterando com o correr dos tempos.

296. — Conduta da Igreja. — Se a Igreja instituiu uma festa em honra de um fato tradicional, é sinal que essa tradição oferece um conjunto de provas suficientes, por exemplo, a festa da Apresentação. A data, não raro, foi fixada de maneira arbitrária, ninguém tendo cogitado em indicá-la. É o caso da Visitação que, parece, deveria vir alguns dias depois da Anunciação e que se celebra a 2 de julho, mais de três meses após.

Para certos fatos, existem várias tradições divergentes, sendo embaraçosa a escolha entre elas. É assim que vemos apontar alternativamente Nazaré e Jerusalém como lugar natal de Maria.

297. — Lendas. — Depois das tradições vêm as lendas, muito menos certas ainda. São narrações, mais ou menos transformadas e enfeitadas, de fatos reais ou *quiçá* imaginados.

As lendas, ordinariamente simples e graciosas, deleitavam e edificavam nossos antepassados. É verossímil que, em livros

antigos, haja uma ou outra sem fundamento sério; mas, digamos de passagem, os autores que delas se aproveitam ou as imaginam não pretendem que as consideremos dogmas de fé.

298. — Que pensar das lendas? — O que acima se refere não deve alterar nossa confiança em Maria. Se, pelas pesquisas de sábios historiadores, algum milagre antigo foi reconhecido lendário, nem por isso desaparece a autenticidade de milhares de outros antigos e recentes. A Virgem Maria opera, hoje, *num ano,* sob nossos olhos, mais milagres de fácil averiguação, do que fatos lendários que os progressos das ciências históricas descobrem em *cinquenta anos* como mal contados ou mal provados e dignos de rejeição.

Basta o inquérito permanente do *"Juri das constatações medicais"* de Lourdes, para demonstrar cabalmente que os milagres da Santíssima Virgem resistem vitoriosamente a todos os exames, até os mais rigorosos.

Quanto às *fantasias* dos autores e poetas, é mister lê-las com esta mesma liberdade de espírito com que foram escritas, vendo tão somente nelas uma homenagem de sua imaginação ou de seu coração à bendita Virgem Maria.

299. — Prática. — Colocar no quarto de dormir, pertinho da cama, ou em cima da mesa de trabalho, um quadro ou uma estatueta de Maria.

300. — LEITURA. — A Santíssima Virgem e a vida religiosa.

A vocação à vida religiosa é uma das maiores graças, uma das mais preciosas dádivas de Nosso Senhor. Não surpreende, pois, que uma infinidade de religiosos atribuam a Maria Santíssima o favor inestimável de sua vocação. A *Companhia de Jesus* confessa dever-lhe a de vários dos seus santos e de muitos outros religiosos.

Como são *Francisco de Borgia,* duque de Gandia, hesitasse entre a ordem de são Francisco de quem tinha o nome e a dos Jesuítas então recentemente fundada, seu confessor lhe declarou um dia: "Apareceu-me a Santíssima Virgem que assim me falou: "Dize ao duque que entre na Companhia de Jesus pois tal é minha vontade e a de meu Filho".

O jovem Polonês *Estanislau de Kostka* tendo adoecido em Viena, Nossa Senhora apareceu-lhe com o divino Filho aos braços. Encomendou-lhe expressamente que entrasse na Companhia de Jesus, prometendo-lhe a cura, como recompensa. É sabido que o jovem fidalgo recuperou repentinamente a saúde.

Na mesma época, *São Luís de Gonzaga,* rezando em Madri diante de uma imagem de Maria, a 15 de agosto, ouviu distintamente uma voz que lhe dizia de ingressar na Companhia de Jesus.

Nas notas íntimas de *São João Berchmans,* lê-se este trecho: "É Maria que me alcançou a graça da vocação à vida religiosa na Companhia de Jesus".

Exemplos análogos encontram-se nas outras ordens religiosas.

Narrou-se que Maria Santíssima alcançou a graça da vida religiosa para quase todos os meninos a quem apareceu neste último século: a Santa Bernadette, em Lourdes; a três dos quatro pequenos videntes de Pontmain, dois dos meninos abraçaram o sacerdócio e uma menina fez-se freira; a Melânia, de La Salette e, finalmente, a Lúcia, de Fátima. O mesmo se deu com o judeu Ratisbonne.

301. — Questionário. — ***1.*** *Que é iconografia?* **—** ***2.*** *Que pinturas de Maria nos transmitiram os primeiros séculos?* **—** ***3.*** *Descrevei as Virgens ditas de São Lucas.* **—** ***4.*** *Descrevei as antigas estátuas ditas Virgens pretas.* **—** ***5.*** *Que se entende por Primitivos?* **—** ***6.*** *Que progressos iniciou a Renascença na iconografia marial?* **—** ***7.*** *Citai alguns artistas.* **—** ***8.*** *Descrevei a Virgem da medalha milagrosa e a de Lourdes.* **—** ***9.*** *Citai os nomes de escritores antigos que escreveram sobre a Santíssima Virgem no Oriente... no Ocidente.* **—** ***10...*** *alguns nomes de poetas.* **—** ***11.*** *Que são as tradições e as lendas?* **—** ***12.*** *Que pensar destas?*

302. — Notas complementares. — Percorrendo as estampas deste livro, fazer notar os diversos tipos utilizados pelos artistas. — Ler algumas poesias sobre a Virgem Maria, ditá-las, ou mandá-las decorar.

CAPÍTULO XVI

OS GRANDES SERVOS DE MARIA

303. — **Resumo. —** Dentre os mais notáveis servos de Maria, citaremos, restringindo-nos a alguns nomes, 1.° *nos primeiros séculos:* São João e São Lucas, evangelistas; São Cirilo, defensor de sua maternidade divina e São Jerônimo, de sua virgindade; 2.° *na Idade Média,* Santa Pulquéria, São João Damasceno, São Bernardo; São Domingos e Santo Inácio de Loyola; 3.° *enfim, mais recentemente* Santo Afonso de Ligório, São Grignion de Montfort e o V.el Marcelino Champagnat.

304. — A multidão inumerável dos servos de Maria. — É deveras incalculável a legião dos cristãos que, até hoje, se salientaram pela devoção a Maria. Por isso, mal citaremos alguns nomes dos mais ilustres entre os que se esforçaram por manter ou incrementar tão santa devoção.

O modelo acabado de todos esses devotos é, não há negá-lo, o próprio *Jesus***.** Honrou-a divinamente; serviu-a assistiu-a em todas suas precisões, enquanto esteve na terra, e confiou-a a São João, até coroá-la no céu.

305. — São João. — Foi a São João, o apóstolo querido, que Jesus, do alto da cruz, confiou Maria Santíssima. Entre outras razões, motivou essa escolha o amor de São João por Maria, amor que o levou a assisti-la no seu martírio de dor, permanecendo junto dela no Calvário. Depois, tomou-a consigo, tratou dela e amou-a como mãe.

306. — São Lucas. — Uma tradição respeitável atribuiu ao pincel do evangelista São Lucas, que os pintores escolheram para padroeiro de classe, a mais antiga tela que fixou a fisionomia da Virgem Maria. O que está fora de qualquer contestação, é que ele, no seu evangelho, deixou sobre Maria Santíssima pormenores que nos chegaram, como a narração da Anunciação e da Visitação, a *Saudação angélica* e o *Magnificat***.**

307. — São Cirilo de Alexandria (376 - 444). — Este patriarca foi o defensor destemido da ***maternidade divina*.** Saiu a campo com a energia de um atleta contra Nestório, patriarca de

Constantinopla. Consagrou vários escritos à defesa do título de Mãe de Deus que este heresiarca negava a Maria, e foi incontestavelmente o luminar do Concílio de Éfeso (431). Teve a glória de ser encarcerado pela causa de Maria.

308. — São Jerônimo (341-420). — Defendeu impavidamente a ***virgindade*** de Maria contra os hereges de seu tempo, que a atacavam servindo-se da expressão, *"irmãos do Senhor",* encontrada no Evangelho. Do seu retiro de Belém, versadíssimo nas línguas orientais, tendo passado longos anos no estudo da Bíblia, não lhe custou explicar e provar que os *"irmãos do Senhor"* são o que nós chamamos de primos. Instruiu-nos, outrossim, sobre o sentido do nome de Maria e firmou a opinião de que viera do céu.

309. — Santa Pulquéria (399-454). — Essa ilustre imperatriz do Oriente, que fizera voto de virgindade para imitar a Maria e levar ambas suas irmãs a fazerem o mesmo, foi escolhida de Deus para dar ao *culto público* da Santíssima Virgem o brilho que, no século precedente, Santa Helena dera ao culto da Cruz.

Ela reinava quando o ímpio Nestório ousou atacar a veracidade do título glorioso de *Mãe de Deus,* dado a Maria. Trabalhou para que o Concílio ecumênico se reunisse em Éfeso, onde ainda existia provavelmente a lembrança da presença de Maria, e onde, fato então raríssimo, se erguia uma igreja dedicada à Santíssima Virgem. No começo do cristianismo, era costume edificar igrejas apenas sobre o túmulo dos mártires e em honra deles.

Construiu em Constantinopla, então capital do mundo, três basílicas em honra da Mãe de Deus.

Tão nobre exemplo arrastou todo o Oriente que celebrou as glórias de Maria com pompas até então desconhecidas.

310. — São João Damasceno (✝ 754). — São João Damasceno (ou de Damasco), falecido em 754, consignou em seus escritos, com piedoso carinho, as tradições do seu tempo sobre a Virgem Santíssima, notadamente sobre sua morte e sua assunção ao céu, as quais foram introduzidas no Breviário. Com raro denodo, defendeu a legitimidade do culto prestado a suas

imagens, então violentamente atacado pelos imperadores iconoclastas.

311. — São Bernardo (1091-1153). — Este santo doutor, falecido em 1153, foi cognominado o "melífluo", tão terna era sua devoção para com a Virgem Santíssima e tão comovente a sua palavra, quando dela falava. No decurso de toda a vida, incrementou cada vez mais nos seus religiosos esta devoção. Somos-lhe devedores do "Lembrai-vos", oração tão conhecida e tão querida das almas piedosas, além das três invocações da ***Salve Rainha.*** É de seus lábios que saiu esta tão consoladora frase: "*A devoção a Maria é sinal de salvação eterna".*

312. — São Domingos (1170-1221). — São Domingos foi o fundador da *Ordem dos Pregadores,* que professa especial devoção a Maria. Esta benemérita Ordem tem sido propagadora do Rosário, do Terço, devoções piedosas muito espalhadas em todo o mundo cristão.

313. — Santo Inácio de Loyola (1491-1556). — O santo fundador da Companhia de Jesus suspendeu a espada ao altar da Santíssima Virgem, ao abandonar a carreira das armas. Fundou sua família religiosa a 15 de agosto, festa da Assunção, para pô-la debaixo da proteção da Rainha do céu.

Poucas ordens religiosas têm-se esforçado tanto como a Companhia de Jesus por espalhar a devoção a Maria, particularmente no meio da juventude.

314. — Santo Afonso de Ligório (1696-1797). — Este santo doutor da Igreja, fundador dos Padres Redentoristas, não cessou, em toda a longa vida de bispo e de escritor, de promover a devoção a Maria, como meio eficacíssimo de fortalecer a vida cristã nas almas e chegar à salvação eterna.

Sua obra, as *"Glórias de Maria",* teve grande número de edições.

315. — Piedosos reis e outras grandes personagens. — Citemos entre outros: ***Carlos Magno,*** que pediu que o sepultassem com uma imagem da Santíssima Virgem; ***Luís XI,*** que introduziu na França o costume de se tocar, ao meio dia, as ***Ave-Marias*** e quis ser sepultado no santuário de Nossa Senhora

de Chery; ***Luís XIII,*** que consagrou o reino à Virgem Mãe de Deus; ***B. Du Guesclin,*** que adotou, como grito de guerra, ***"Notre-Dame-Guesclin",*** ligando assim estreitamente ao seu o nome da Virgem celestial; ***Tilly,*** outro famoso cabo de guerra, que pediu o sepultassem num santuário de Maria, na Baviera; ***Cristóvão Colombo,*** que chamou ***Santa Maria*** a segunda ilha que descobriu, tendo a primeira recebido o nome do Salvador; ***São Casimiro*** de Polônia, que quis fosse colocada junto a seus despojos, no caixão, uma cópia da oração que recitava todos os dias em honra de Maria Santíssima.

A essa lista, seria fácil juntar centenas de nomes antigos e modernos, até o do marechal Foch que, indo à Polônia quis a todo custo visitar o santuário marial de Csentochowa.

316. — Numerosos papas. — Muitos raros são os papas de que não se poderia citar um ou outro gesto de excitação às práticas de devoção para com a augusta Mãe do Salvador, como a instituição de alguma festa, a concessão de indulgências, a ereção de santuários, etc.

Mencionemos, apenas, entre os últimos:

1.° Leão XIII, que instituiu as piedosas cerimônias que fazem do mês do Rosário um segundo mês de Maria e escreveu dez encíclicas para fomentar a prática do Rosário;

2.° Bento XV, que acrescentou às ladainhas lauretanas a invocação ***Regina pacis***;

3.° Pio XI, que mandou encerrar em *Lourdes* o jubileu do Ano Santo (1935);

4.° Pio XII, que teve o mesmo gesto, com o encerramento do Ano Santo, em *Fátima,* em 1951.

317. — São Grignion de Montfort (1673-1716). — Este sacerdote, animado do mais belo zelo apostólico que o fez evangelizar o oeste da França, fomentou extraordinariamente a devoção à Santíssima Virgem com suas pregações, com seus cânticos populares e com um livrinho donde veio a divisa que lhe resume a doutrina: *"Ir a Jesus por Maria"*.

318. — São João Bosco (1815-1888). — Este santo fundador dos Salesianos manifestou durante toda a vida uma devoção muito particular à Virgem, sob o título de Nossa Senhora Auxiliadora. Obteve pela sua poderosa intercessão toda sorte de

milagres e edificou-lhe, sob esta invocação, magnífica igreja. Fez da devoção à Virgem Maria, unida à prática da confissão e da comunhão frequente, a base do seu sistema de educação, de que tanto tem beneficiado a juventude confiada a seus filhos espirituais.

319. — O V.el Marcelino Champagnat (1789-1840). — O fundador dos Irmãos Maristas foi um dos maiores servos de Nossa Senhora, não só devido a sua ardentíssima devoção para com ela, mas ainda por ter instituído uma congregação que trabalha à sombra de sua bandeira e se esforça por difundir sua devoção entre os milhares e milhares de alunos que hoje educa no mundo inteiro.

320. — Prática. — Tomar a resolução, à imitação dos santos, de ser fiel servo de Maria.

321. — LEITURA. — Nossa Senhora Aparecida.

Era no fim de setembro de 1717. Dom Pedro de Almeida, conde de Assumar, novo governador de São Paulo, havia pouco chegado de Portugal, tomara posse do alto cargo, na vila de São Paulo, a 4 de setembro do mesmo ano de 1717.

Negócios urgentes exigiam sua presença imediata em Vila Rica, hoje Ouro Preto. Empreendeu logo a viagem de São Paulo para o território das minas. Então como hoje, o caminho era seguir o vale do Paraíba até quase metade da viagem e passar por Guaratinguetá.

No intuito de honrar o novo governador e merecer-lhe os favores, a Câmara desta vila de Guaratinguetá ordenou aos pescadores que trouxessem para o ilustre viajante todo peixe que pudessem apanhar.

Na expectativa de bom salário e também para agradar ao preclaro visitante, muitos moradores corresponderam ao convite da Câmara. Entre outros, a tradição conservou os nomes de três: *Domingos Garcia, João Alves e Felipe Pedroso,* não que tivessem mais qualidades que os outros, mas porque a Providência lhes outorgara a felicidade de retirarem do rio a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Acostumados a tirar peixe da água, é com ânimo que estes três principiam juntos a lançar as redes no lugar chamado porto de José Correia Leite; esperam algum tempo, como de ordinário, e retiram as redes. Estão vazias.

Então levam as canoas mais adiante e escolhem sucessivamente numerosos outros pontos, onde a pesca é geralmente rendosa; tudo debalde; a sorte obstina-se em ser-lhes contrária e cada vez têm eles o desgosto de levantar redes vazias.

E assim vão continuando a andar inutilmente pelo rio, bastante longe, até o porto de Itaguaçu.

Iam desistir da empresa infrutuosa, quando João Alves lança a rede de arrasto e logo sente que apanhou um corpo pesado, talvez uma pedra; tira a rede fora da água e vê com admiração, não o peixe cobiçado, mas o corpo de uma imagem de Nossa Senhora. Infelizmente falta a cabeça.

Estranha bastante o caso, mas não se atrasa em reflexões e, de novo, deita a rede, quase no mesmo lugar; desta feita, retira a cabeça da mesma estátua.

Embora não tenha ainda peixe algum, o bom e piedoso João Alves não deixa de sentir-se muito feliz, quando reúne as duas partes da imagem; com intenso júbilo, inteira-se de que formam uma estátua completa de Maria Imaculada.

Alegram-se também os companheiros e os três juntos depositam o tesouro no lugar mais decente de uma canoa, envolvido no melhor pano que podem arranjar.

Animados agora com a esperança de melhor êxito, os piedosos e ativos pescadores recomeçam a faina um instante interrompida.

Não se enganaram nos seus pressentimentos de melhor sorte; de ora em diante, apenas na água, as redes parecem atrair o peixe e enchem-se tão depressa que os venturosos pescadores, em breve, têm as canoas repletas e param com medo de as ver soçobrar. Admirados do bom resultado, com a alma transbordante de gratidão para com Nossa Senhora, retiram-se para suas casas, onde narram o caso à gente simples e boa do povoado.

Foi Felipe Pedroso que teve a dita de levar a devota imagem para casa. Morava perto de Lourenço de Sá e aí conservou-a consigo por seis anos.

Transportou-a depois para Ponte Alta, no dia em que lá foi residir. Após nove anos, passou para Itaguaçu e assim levou a imagem para o próprio lugar onde a descobrira quinze anos antes. Quando acabou os dias, legou o precioso depósito ao filho Atanásio Pedroso.

Movido do sincera piedade para com a Mãe de Deus, Atanásio não demorou em arranjar um pequeno oratório dentro de casa. Era um modesto altarzinho feito de tábuas rústicas: no centro, em cima de brancas toalhas, pôs a imagem da Virgem querida. O pessoal da casa gostava de enfeitá-la com flores.

Aos sábados e dias festivos de Maria, o povo da vizinhança acudia para lhe tributar homenagens; acendiam velas diante da sua imagem, multiplicavam flores e orações.

Numa destas orações noturnas, sem que houvesse o menor sopro de vento, apagaram-se de repente as duas velas de cera da terra que ardiam aos pés de Maria; piedosa testemunha, chamada Silvana Rocha, diligenciou logo para acendê-las de novo; mas antes que chegasse perto, notou admirada que já estavam acesas e sem intervenção de ninguém.

Este fato gracioso agradou a todos e deu mais vontade de invocar a Senhora Aparecida, como já o povo a denominava.

Repetidos outros casos prodigiosos e numerosos favores íntimos recompensaram os devotos e espalharam ao longe a fama da Senhora Aparecida. Foi então que o Vigário de Guaratinguetá, o Pe. José Alves Vilela, mandou edificar uma capelinha onde o povo pudesse melhor homenagear a bondosa Mãe de Deus.

A 26 de julho de 1745, festa da gloriosa Santa Ana, mãe de Nossa Senhora, com licença do Senhor Bispo do Rio de Janeiro, o mesmo Pe. José Alves Vilela, teve a dita de benzer a capelinha, em que logo depois rezou a primeira missa.

Mais tarde esta capelinha foi substituída por outra, maior e mais pomposa, que ainda existe, em cima de um outeiro, em frente ao rio, cujos meandros aí desenham um M.

Hoje o santuário se acha elevado à categoria de basílica e a Virgem Aparecida solenemente coroada e proclamada *Padroeira do Brasil.*

Como se vê, Maria Santíssima não apareceu pessoalmente aos modestos pescadores que tiveram a ventura de achar a sua imagem. Mas o encontro verdadeiramente extraordinário da estátua, os prodígios que se deram, quando se começou a venerá-la e as inúmeras graças que vai prodigalizando desde mais de 200 anos, são uma revelação bastante clara da Mãe de Deus.

322. — Questionário. — ***1.*** *Qual é a razão por que consideramos São João como um grande servo de Maria? —* ***2. ...*** *São Lucas? —* ***3. ...*** *São Cirilo? —* ***4. ...*** *São Jerônimo? —* ***5. ...*** *Santa Pulquéria? —* ***6. ...*** *São João Damasceno? —* ***7. ...*** *São Bernardo —* ***8. ...*** *São Domingos? —* ***9. ...*** *Santo Inácio de Loyola?* ***10. ...*** *Santo Afonso de Ligório? —* ***11. ...*** *São Grignion de Montfort? —* ***12...***

*São João Bosco? — **13...** o V.el Padre Champagnat? — **14.** Citai alguns papas que tenham manifestado de modo notável sua devoção a Maria. — **15.** Citai também personagens célebres que tenham feito o mesmo.*

323. — Notas complementares. — Dar mais pormenores sobre alguns santos já citados ou sobre outro qualquer. Explicar o que faz a Congregação dos Irmãos Maristas ou qualquer outra para honrar a Santíssima Virgem: seu nome, suas festas, a *Salve Rainha,* o jejum e o catecismo aos sábados, suas orações, suas publicações, etc.

SUPLEMENTO

324. — Nossa Senhora de Fátima. — *Fátima* é uma paróquia da diocese de *Leiria,* em Portugal, a 150 quilômetros ao norte de Lisboa.

Era desconhecida até 1917. Hoje, porém, é a Lourdes de Portugal, país muito religioso outrora, pois que mereceu o título de *Terra de Maria.*

HISTÓRICO. — Era no domingo, 13 de maio de 1917. Três pastorezinhos: *Lúcia,* de 10 anos de idade, com seus primos, *Francisco,* de 9 anos e *Jacinta,* de 8 anos, apascentavam um rebanho de ovelhas em lugar despovoado, a *Cova da Iria,* propriedade de seus pais, a vários quilômetros de *Ajustrel,* sua aldeia.

Segundo o piedoso costume do país, as três crianças rezaram o terço juntas. Tinham apenas acabado, cerca do meio-dia, quando um corisco as deslumbrou. Receosas de alguma tempestade, embora o céu não estivesse nublado, reuniram as ovelhas e dirigiram-se para casa.

Apenas tinham dado alguns passos, outro raio brilhou diante dos seus olhos. De repente, notaram, a pouca distância, acima de um azinheiro, uma dama de arrebatadora beleza, toda de branco, com um manto franjado de ouro. O rosto estava calmo e grave com um pouco de tristeza. As mãos postas, na altura do peito, deixavam cair lindo terço. A visão se mostrava cercada de deslumbrante auréola.

No começo, as crianças espantadas sentiram vontade de fugir, mas a atitude bondosíssima da Aparição tirou-lhes todo o receio e ganhou-lhes a confiança. Afinal, aproximaram-se. Então deu-se um diálogo de dez minutos entre a dama e Lúcia. Pormenores interessantes: durante todas as aparições, a Senhora dirigia-se a Lúcia, sendo que Jacinta via também e ouvia as palavras enquanto Francisco via apenas mas nada ouvia.

Entre as perguntas que Lúcia, desembaraçadamente, dirigiu logo à Senhora, notam-se as seguintes: "Irei ao Paraíso? e Francisco? e Jacinta? A Senhora respondia "sim" a cada vez. A morte precoce e edificantíssima das duas crianças menores e a entrada de Lúcia na vida religiosa parecem já ter dado razão à Senhora.

OUTRAS APARIÇÕES. — A Senhora convidou as crianças para que voltassem a 13 de cada mês, durante seis meses consecutivos.

De volta à aldeia, os dois menores contaram o que haviam visto; a beleza da Senhora, a meiguice da voz, o carinho do olhar e o convite que lhes fizera.

A princípio, Lúcia nada disse com medo de ser repreendida ou ridicularizada; mas, quando lhe perguntaram o que houvera, narrou tudo.

Entretanto foram tratados de mentirosos, de medrosos. Continuaram a apascentar as ovelhas no mesmo lugar e nada mais de anormal perceberam durante algum tempo.

A 13 de junho, festa de Santo Antônio, popularíssima em Portugal, os pais foram a uma feira da vizinhança. Mas as crianças arredaram-se dos ruidosos regozijos da aldeia dirigindo-se à *Cova da Iria.* Apenas se puseram de joelhos para rezar o terço, e a Senhora de novo se lhes mostrou. Pertinho estavam alguns camponeses atraídos pela curiosidade.

A 13 de julho, como o caso se tivesse já espalhado ao longe, mais de cinco mil pessoas foram ao lugar com as crianças.

Como é natural, esses fatos despertaram cada vez mais a atenção pública e a notícia chegou a Lisboa. Naquele tempo, muita hostilidade contra tudo quanto é religioso havia nas esferas governamentais. Como não era possível acreditar-se oficialmente em aparições, as autoridades civis resolveram acabar logo com a pretensa comédia. Ordem foi dada de sequestrarem as crianças a 13 de agosto seguinte e obrigá-las com agrados, ameaças ou qualquer estratagema a se contradizerem, a caírem no ridículo.

A polícia local cumpriu essa ordem à risca. Os videntes foram postos a salvo, longe dos pais, e guardados por dois dias: afagos, promessas, ameaças, interrogatórios, tudo foi empregado nesse tempo, mas debalde. Na simplicidade, as crianças limitavam-se a contar, sempre de igual modo, o que viram e ouviram.

Após 15 de agosto, foram restituídas às famílias. Bem que entristecidas por não terem cumprido a promessa do dia 13, foram ao lugar das aparições no dia 19. Grande foi a sua alegria, quando presenciaram a visão como de costume.

Do mesmo modo, correram as outras aparições anunciadas, e a multidão de crentes ou curiosos era cada vez maior. Houve numerosos incidentes que seria muito demorado relatar. Eis em resumo o que afirmou a bela Senhora.

Entre as várias comunicações que fez, a formosa Dama revelou que *morava no céu* e insistiu *sobre a necessidade para todos da oração e da penitência, da recitação do terço para aplacar a justiça de Deus ofendido.* Enfim, ordenou *que se construísse uma capela* e declarou-se *Nossa Senhora do Rosário.*

O GRANDE MILAGRE. — Para que todos acreditassem na verdade das aparições, a Santíssima Virgem, a pedido de Lúcia, anunciou que, a 13 de outubro, um grande milagre seria notado no sol. Apesar da chuva, de 40 a 50 000 pessoas reuniram-se no lugar. Humanamente falando, a prova era bastante dura e nada se podia esperar com o céu cinzento e a chuva ininterrupta daquela manhã.

Já começavam a sorrir os incrédulos e a dúvida a invadir numerosos assistentes, quando Lúcia declarou ver a aparição. Imediatamente desfizeram-se as nuvens e o sol brilhou com todo o fulgor. Deu-se então um fenômeno fora de qualquer lei natural; todos os assistentes o testemunharam até vários quilômetros em derredor, crentes ou descrentes, sábios ou ignorantes: o sol pareceu girar vertiginosamente sobre si mesmo arremessando milhares de centelhas ao longe. Dava a ilusão de inúmeros foguetes multicores, deslumbrantes, maravilhosos, a exceder tudo quanto se pode imaginar na terra.

"Milagre! milagre!" tal o grito espontâneo que saiu das bocas e, incontinente, sobre o chão enlameado, toda a multidão ajoelhou-se para adorar o poder de Deus e bendizer sua divina Mãe. O fenômeno durou cerca de dez minutos: as orações misturaram-se às lágrimas e aos gritos de alegria. Até do coração mais hesitante, varreu-se qualquer dúvida para deixar lugar à fé.

Em seguida, foi debalde que os maus, de longe e sem exame, falaram em alucinação coletiva, a fim de livrar-se do fenômeno sobrenatural. Ninguém lhes prestou atenção. Tal procedimento excitou mais ainda o entusiasmo e a fé das inúmeras testemunhas do milagre, que não se cansavam em encontrá-lo por toda parte.

PERÍODO DE LUTAS. — Logo no princípio, a imprensa publicou discussões sem fim sobre os fatos: uns negavam tudo, outros afirmavam tudo, alguns mantinham-se em prudente reserva.

As primeiras curas milagrosas provocam uma recrudescência de oposição. Reclamaram-se castigos para os que sustentavam o milagre e pediu-se também a prisão dos pequenos videntes. Na falta de argumentos, alguns energúmenos arrojaram, em março de 1922, quatro bombas de dinamite contra a modesta capela provisória, já edificada pela piedade dos fiéis no lugar das aparições. Pretendiam dar cabo dessas romarias, diziam eles.

Mas o efeito das bombas não correspondeu à intenção dos que as jogaram, porque imensa veio a ser a indignação do povo.

A 13 de maio seguinte, 70 000 manifestantes acudiam ao lugar do sacrilégio pedindo que Maria alcançasse o perdão dos culpados.

O TRIUNFO. — Desde então, as multidões não cessaram de ir a Fátima. Entre os romeiros, contam-se o cardeal patriarca de Lisboa e o presidente da República.

É frequente haver 100 000, 200 000 e até 300 000 romeiros juntos, sobretudo a 13 de maio.

As condições de transporte e de instalações vão melhorando com o tempo; as estradas foram traçadas ou consertadas; constroem-se hotéis para abrigar as multidões nesse lugar, há pouco deserto. Projeta-se grandiosa basílica; existe já um hospital para acolher os doentes; e este ponto de romaria transforma-se rapidamente em cidade.

APROVAÇÃO DA IGREJA. — As autoridades eclesiásticas, conforme o prudente costume da Igreja, levaram 13 longos anos para examinar os fatos de Fátima. Eis as 4 aprovações mais notáveis que deram:

1.º de outubro de 1930. — Roma concede 7 anos e 7 quarentenas e uma indulgência plenária aos romeiros de Fátima.

13 de outubro de 1930. — O Senhor Bispo de Leiria permite oficialmente o culto de *Nossa Senhora do Rosário de Fátima.*

13 de maio de 1931. — O episcopado português consagra *Portugal a Nossa Senhora de Fátima.*

18 de fevereiro de 1934. — Para auxiliar a Ação católica, as paróquias de Portugal fundaram os *Cruzados de Fátima* agrupando os homens por 13.

PROGRAMA DA ROMARIA MENSAL. — À véspera, dia 12, às 22 horas, por meio de poderosos alto-falantes, recitação do terço e procissão ao canto da *Ave de Fátima*, semelhante ao de Lourdes; termina-se pelo *Credo,* cantado pelo povo.

À meia-noite, adoração noturna; de manhã cedo, missas, confissões e comunhões. Ao meio-dia, procissão de Nossa Senhora e missa a favor dos doentes, exposição do Santíssimo, bênção dos doentes com as invocações de Lourdes, bênção geral, procissão final e canto de *Despedida à Virgem.*

Eis alguns números em 13 de maio de 1934: 100 000 círios distribuídos para a procissão noturna, 20 000 comunhões nas missas e 250 000 peregrinos apesar da chuva no dia 12 e na madrugada de 13. Durante a procissão, quatro aviões jogaram flores sobre a Virgem.

A 13 de maio de 1935, houve 300 000 romeiros e os outros números foram proporcionados.

Os **VIDENTES**. — Francisco morreu de pneumonia, em 1919; durante os quatro meses que o doentinho sofreu, foi sempre devotíssimo da Virgem Maria e rezou vários terços por dia.

Jacinta, sua irmãzinha, faleceu da mesma doença, em 1920, num hospital de Lisboa. Antes de morrer, afirmou que Nossa Senhora lhe apareceu várias vezes e lhe disse que era o pecado da carne que mais povoava o inferno, censurando o luxo, a obstinação no pecado e pedindo que se fizesse penitência.

Quanto a *Lúcia,* abraçou a vida religiosa no Instituto das *Irmãs Dorotéias,* da bem-aventurada Paula Frassinetti. Algumas personagens ilustres quiseram fazer-lhe uma visita mas da irmã porteira, receberam todos a mais graciosa recusa, acompanhada de um sorriso amável.

325. — A relíquia de uma mãe. — Certo estudante, tempos atrás exemplar e fervoroso, ao passar um dia por uma estrada de *Vernet* (França), encontrou um terço todo empoeirado e sem valor.

A sua primeira idéia foi deixá-lo. Mais adiante, porém, despertou-se-lhe piedosa recordação. Voltou apanhou o rosário e limpou-o cuidadosamente, dizendo de si para si: "Como não sei a quem devolvê-lo, dá-lo-ei de presente à Santíssima Virgem de uma ermida, colocando-o aos seus pés, — pois bem sei que são seus todos os terços".

Efetivamente, chegando à cidade, logo ao passar diante de uma igreja, que dava de frente a uma praça pública, o jovem estudante entra e vai ao altar de Nossa Senhora.

A boa Mãe aguardava ali o filho transviado e tocou-lhe o coração com a seguinte frase: "Reza-me esse terço antes de mo presenteares".

O nosso estudante, comovido, e achando-se de bom humor, atendeu àquela primeira inspiração. Passou logo pelos dedos as contas do terço diante da Santíssima Virgem e ia assim recordando os seus tempos ditosos de criança. Ao passo que ia rezando com piedade crescente, ouvia uma voz que lhe murmurava distintamente ao coração: "Quando criança, soava em teus ouvidos a voz de Deus que te dizia: *Sê Sacerdote, meu filho*; — não há dúvida que esta é a tua vocação".

Essas palavras penetraram profundamente no íntimo da sua alma. Com os olhos rasos de lágrimas e depois de rezar e meditar muito tempo, o jovem levanta a cabeça e exclama: Boa Mãe, já não vacilo. Entrarei hoje mesmo no Seminário; se não for demasiadamente indigno para tão sublime estado, serei um dia sacerdote de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Assim o fez. A graça a que correspondemos com boa vontade, sempre nos atrai outras mais preciosas ainda. Nosso jovem estudante foi mais tarde sacerdote exemplar e devotíssimo da Santíssima Virgem. Passava todos os dias entre os dedos as contas daquele terço, sem valor algum, encontrado numa via pública e ao qual devia a vocação.

Passaram-se os tempos. Certa vez, por obediência aos superiores, foi desempenhar o cargo de Capelão de um hospital.

Aí, um dia, trouxeram na maca um doente que, ao entrar na enfermaria, disse: "Sou livre-pensador, não creio em nada. Por isso, peço-lhes não me falem nem em Deus nem em religião".

Não obstante, o zeloso sacerdote não demorou em fazer uma caridosa visita ao doente. Ficou desolado, porém, porque não fora correspondido. Ao despedir-se, disse-lhe: "Adeus, meu amigo, rezai por ti o meu terço".

"O terço! Isso não! mil vezes não", retrucou o doente muito impressionado.

Mas, amigo, tal oração não poderá fazer senão bem.

Muito ao contrário, senhor; o terço é a causa de minha desventura.

De tua desventura!... Será possível?... não compreendo, conta-me como assim".

O semblante do enfermo tornou-se abatido revelando profunda angústia.

"Segundo os desejos que manifestais, senhor Capelão, vou contar-vos tudo. — Quando criança, costumava recitar o terço com minha mãe, todos os dias. Apenas completei catorze anos, transferi-me para a cidade, à procura de trabalho. Aí maus companheiros e falsos amigos arrastaram-me para todos os vícios e, de então em diante, não mais pus os pés na igreja. Caído em tal abismo, perdi completamente a fé.

Um dia, fui chamado com urgência à casa paterna, onde minha mãe estava agonizando. Sempre dedicada, deu-me ela piedosos conselhos, entre os quais o de recitar o terço todos os dias.

Não querendo contrariá-la devido a achar-se nos últimos instantes da vida, fingi prometer-lhe tudo quanto desejava. Feita minha promessa, entregou-me ela o seu terço, na ocasião em que exalava o último suspiro. Terminado que foi o enterro regressei à minha residência. Em caminho, veio-me este diabólico pensamento: — Que farás deste terço? Deixa-o.

Assim o fiz e atirei com raiva à estrada aquela relíquia de minha mãe.

Desde aquele momento, não mais tive sossego. Tenho vivido como um condenado, sentindo sobre minha cabeça a maldição dos céus..."

Ao terminar essa narração estava o enfermo banhado em lágrimas, motivadas, talvez, pelo profundo remorso que lhe torturava a consciência.

Ante essa exposição, o sacerdote, muitíssimo comovido, perguntou ao doente com voz trêmula: "Em que época sucedeu isto?"

Antes que o enfermo respondesse, o sacerdote tirou do bolso o terço perguntando-lhe: "Meu amigo, reconheces!"

— O doente estupefato exclama: "O terço de minha mãe!..."

Tomando-o nas mãos com profundo pranto, leva-o amorosamente aos lábios e beija-o.

Disse então o sacerdote: "A este santo terço, que causou as tuas desgraças, devo a minha felicidade. Graças a ele, sou sacerdote. Neste momento, meu amigo, a relíquia de tua mãe vai libertar-te da maldição que sobre ti pesava, dando-te a eterna felicidade".

"Oh! sim, meu bom Padre, quero confessar-me. Ao tocar as contas veneradas pela minha santa mãe, eu me converto, Padre, confessai-me, sim?"

Depois de atender ao pedido do enfermo e ao despedir-se, o sacerdote disse-lhe: "Amanhã, administrar-te-ei os santos sacramentos. Deixo-te o santo terço; beija-o, aperta-o ao peito, recita as ave-marias e dá fervorosas graças a Deus e a tua santa mãe".

Após alguns dias partiu desta vida para a eternidade aquele enfermo, ditoso e purificado, com os lábios amorosamente colados àquela santa relíquia.

Antes do sepultamento, o sacerdote tomou de novo para si aquele rico tesouro, evocador de tão edificantes recordações.

Sirva-nos de exemplo esta santa lição e *Nossa Senhora do Rosário abençoe todos os lares, para que a eles volte aquele antigo uso da recitação diária do terço em família.*

326. — A conversão do filho que renegara a mãe. — Eis um caso da grande misericórdia de Maria narrado num *Boletim eclesiástico dos Estados Unidos.*

No começo deste século, no Estado da Luisiana, vivia um casal de fervorosos católicos e afetuosos devotos de Nossa Senhora; a seu único filho, inspiraram cedo a mesma devoção a Maria e impuseram-lhe o escapulário.

Quando frequentou a universidade, o filho perdeu a fé e largou toda prática religiosa, menos o bentinho que ainda levou consigo.

Como era advogado eloquente, adquiriu elevada fortuna em Nova Orleans; mandou construir esplêndido castelo, fez-se servir por inúmera criadagem e chegou a ser eleito senador.

Rompeu todas as relações com a família, até com a mãe, que procurava debalde visitá-lo. Desolada, esta recorreu à Mãe de Deus. Ajoelhada aos pés da imagem de Maria, dia e noite pranteava o filho perdido implorando que ele se convertesse.

Finalmente, publicam os jornais que o senador F., seu filho, está com febre amarela e desenganado dos médicos.

Então a mãe exclama: "Quero ver se me deixam entrar". Parte, pois, e chega ao palácio do filho: o porteiro a repele com desdém. Felizmente chega o médico; vendo-a soluçando e sabendo que era a mãe, leva-a consigo até o enfermo. É visível que o senador se encaminha rápida e fatalmente para a morte; é questão de poucos dias, de horas talvez. Debulhada em lágrimas, a mãe atira-se sobre o leito gritando: "Eli, ó meu filho Eli! quanto rezei por ti!"

Em extremo comovido, o doente começa a chorar e depois diz com voz fraca: "Mãe, fui muito mau, pequei demais; fiz-me pagão. Deus não pode perdoar-me".

— "Meu filho, é verdade, tu me magoaste muito; no entanto, nunca me esqueci de ti! Por acaso, poderia Nossa Senhora, que outrora tanto veneraste, e cujo escapulário ainda conservas ao peito, como estou vendo, poderia ela ser menos indulgente que tua mãe da terra? Não é possível. Não tenhas receio, filho, por mais culpado que sejas, ela te obterá o perdão!"

Depois de copioso pranto, o filho respondeu: "Mamãe, a Sra. tem razão; quero converter-me; quero morrer filho de Maria".

Chamam logo um padre. O senador confessa-se e recebe os últimos Sacramentos de modo edificantíssimo.

Viveu ainda dois dias, feliz e devotíssimo à Virgem imaculada. Antes de expirar legou aos órfãos seu palácio e mais bens, sob o título de *Orfanato de Nossa Senhora.*

Para este filho perdido, como para um sem número de outros, Maria mostrou-se deveras *Refúgio dos pecadores.* — Segundo P. PASCHOAL LACROIX.

327. — Milagre de Maria Santíssima sobre o rio Vístula. — A história está cheia de fatos que provam a ação da Providência sobre a humanidade e em particular a favor da Igreja católica. Como exemplos: em 732, Carlos Martelo esmaga os Maometanos em Poitiers salvando a cristandade; em 1571, a pequena frota de Dom João de Áustria destrói para sempre, em Lepanto, o poder marítimo dos Turcos; sob os muros de Viena, em 1683, as poucas forças de João Sobieski desbaratam completamente 300 000 Turcos.

Mas a prova mais recente é, sem dúvida, a derrota dos invasores bolchevistas, às portas de Varsóvia, em 1920, e denominada *Milagre de Maria Santíssima no rio Vístula.*

Havia apenas dois anos que a Polônia estava livre e independente, após um martírio mais que secular (1794-1918).

O comunismo, depois de subjugar a Rússia, resolvera conquistar a Europa. Organizou formidável exército soviético cujo lema era: *Por cima do cadáver da Polônia, abrir caminho para o incêndio de todo o globo.*

A idéia do comunismo então triunfava na Alemanha, Hungria e Itália; mas a jovem Polônia reuniu todas as forças para defender a religião e a pátria.

No início das hostilidades, em 1920, o exército principal da Polônia operava no sul. De repente o grosso das tropas comunistas russas ataca pelo norte de modo que 600 quilômetros de *front* tiveram apenas 70 000 Poloneses para os defenderem. O exército polonês estava mal equipado, mal armado, sem munições, sem reservas e em maioria composto de voluntários. Mas o patriotismo e a fé católica acalentavam os ânimos! Como faísca elétrica, por toda a parte, ressoou o clamor: *"De nossos peitos, façamos uma muralha viva, para despedaçar os tiros do inimigo".*

Mais uma vez os Poloneses confiaram em Deus e Deus os protegeu.

Seu território, havia pouco recortado pelas trincheiras e pelos fossos da grande guerra e todo semeado das recentes tumbas dos irmãos coagidos a lutar contra os próprios irmãos, tornou-se outra vez o cenário de nova guerra. Mas a jovem Polônia, com apenas dois anos de vida política, deu provas de inabalável energia. Camponeses, doutores, jovens acadêmicos, estudantes de ginásios, meninos de 14 anos, em péssimas condições de guerra, seguiram para reforçar as fileiras da frente.

O material bélico vinha da França; mas os comunistas e socialistas da Alemanha, Áustria e Checoslováquia, não o deixavam passar. Até os operários de Dantzig puseram-se em greve a fim de não desembarcar o armamento destinado à Polônia.

Em todas as igrejas, o Santíssimo ficava exposto e quem não podia pegar em armas, lá estava prostrado, recomendando o país ao Todo-Poderoso, nesta grande provação.

Reunido em Czentochowa, no santuário de Maria, o episcopado caiu ao pés de Nossa Senhora, Rainha da Polônia, implorando-lhe a valiosa proteção.

O exército cristão cedeu o terreno sob a fúria do inimigo colossal, recuou em ordem e resistiu com energia cada vez mais desesperada à medida que se aproximava do coração da pátria. E estacou rijo a 15 quilômetros de Varsóvia.

Quase todos os embaixadores abandonaram então a capital ameaçada; o Núncio, Achilles Ratti, o futuro papa Pio XI, permaneceu no seu posto, dizendo: "Estou pronto para tudo; ficarei aqui, em meio das minhas ovelhas!" Não somente ficou, mas pôs-se a visitar os hospitais de sangue, a rezar nas igrejas, abençoar os que partiam para o *front,* confortar a todos pela palavra e pelo exemplo.

Também, em Roma, o papa Bento XV rezava pela Polônia.

Já certos jornais publicavam erroneamente a tomada de Varsóvia, quando se operou o prodígio do triunfo da cruz e da justiça. Era a 15 de agosto de 1920, festa de Nossa Senhora da Glória.

Eis que o Marechal Pilsudski, a guiar pessoalmente duas divisões, ataca o inimigo de lado e pela retaguarda.

No setor de Radzymin, o padre Skorupka, com palavras de fogo, incute mais ardor nos ânimos da juventude, aos gritos de: "Avante! avante! por Deus e pela pátria!" Com o crucifixo na mão e estola ao vento, avança, avança, corre e guia os heróicos jovens no ataque à arma branca. O ímpeto é tal que nada resiste! Quebra-se a poderosa frente inimiga! O padre Skorupka tomba no campo da honra; mas os cristãos alcançaram a vitória triunfando em toda a linha.

Tanto bolchevistas quanto cristãos narram que no momento mais acérrimo da luta, Maria Santíssima apareceu nos ares com seu exército em ordem de batalha, intimidando e confundindo o inimigo.

O pintor Jorge Kossak, em artística e viva composição, perpetuou na tela essa memorável cena.

Atrás do inimigo que recuava em verdadeiro pânico, lançou-se o exército vencedor fazendo 350 quilômetros em 8 dias. Nessa perseguição, algumas divisões polonesas andaram até 60 quilômetros por dia.

O povo considera esse triunfo como o *Milagre de Maria Santíssima sobre o rio Vístula*; e é com esse nome que o designa nas páginas da história.

O gênio do grande marechal preparou o plano da batalha e Maria abençoou e possibilitou a vitória, que custou a vida a 250 000 poloneses.

A batalha teve consequências decisivas salvando a Europa e o mundo da tirania soviética. O futuro papa Pio XI, então núncio em Varsóvia e testemunha ocular do magno acontecimento, apreciava-o dizendo: *"O anjo da luz parecia lutar contra o das trevas"*. — Ruy Barbosa, ao receber a notícia da vitória alcançada às portas de Varsóvia, exclamou: *"A Polônia salvou a Europa"*. Lord Abernoon, notável parlamentar inglês, escreveu em suas memórias: *"Em* 1920, *a Polônia salvou a Europa detendo a invasão dos bárbaros orientais"*.

328. — Nossa Senhora de Lujan. — Cerca do ano de 1630, um cavalheiro português, muito religioso, que residia a umas 40 léguas de Córdoba, na Argentina, resolveu erigir na sua fazenda uma capelinha dedicada à Rainha dos Anjos.

Para isso, escreveu a um seu patrício residente no Brasil que lhe enviasse uma estátua da Imaculada Conceição. O amigo acedeu ao pedido e mandou a mais uma imagem da Mãe de Deus com o Menino Jesus nos braços.

Depois de aprazível travessia, as duas estátuas chegaram felizmente ao porto de Santa Maria de Buenos Aires.

Seguiram para o interior numa caravana de carros de bois com diversas mercadorias.

Após três, dias, a caravana chegou além do rio Lujan, na Canada da Cruz, a 5 léguas da atual vila de Lujan, perto de modesta casa de sapé, em que morava o português Rozendo de Oramas.

Aí pernoitaram. Na manhã seguinte, à voz de partida, os carros todos abalaram facilmente, exceto o que levava as estátuas.

Tangeram os bois, trocaram e aumentaram as juntas, examinaram o carro e a carga, tudo debalde: o carro não se moveu.

Indagado sobre o que transportava, o português respondeu que nada de extraordinário, exceto dois caixotes com duas estatuazinhas de Nossa Senhora para um amigo.

Foi então que um dos presentes falou: "Senhor, descarregue um dos caixotes e vamos ver se o carro anda".

Dito e feito. O carro, porém, ficou do mesmo jeito.

"Agora, vejamos o outro caixote". Descarregaram o segundo caixote, carregaram outra vez o primeiro e logo os bois se puseram a andar por si mesmos, sem estímulo algum.

Neste fato, reconheceram o dedo de Deus e entenderam que Nossa Senhora desejava um santuário nesse mesmo lugar.

Com toda a cautela, abriram o caixote no chão: viram uma imagem da Imaculada Conceição.

Com o maior respeito, os presentes e os vizinhos levaram a santa imagem para a própria casa do Senhor Rozendo.

Foi esse o primeiro oratório doméstico de N. S. de Lujan.

Com o tempo, cresceram os prodígios, aumentou-se a fama da Virgem e edificou-se esplêndida basílica.

Como as do Pilar ou da Aparecida, a imagem é pequena: 17 polegadas (43 centímetros) de altura. Todo o corpo está coberto de ricos paramentos, exceto o rosto e as mãos.

Foi coroada solenemente em 1887, e declarada Padroeira principal da Argentina, do Uruguai e do Paraguai, em 1930.

Uma cópia exata desta imagem foi oferecida pela Argentina ao Brasil em 1936 e depositada na matriz de Nossa Senhora da Paz, bairro de Ipanema, no Rio de Janeiro.

FIM

I. — Vida da Santíssima Virgem.

CAPÍTULO I. — Predestinação de Maria. — *Leitura:* Uma grande graça de N. S.ª da Salette
CAPÍTULO II. — Promessas e figuras de Maria. — *Leitura:* O culto de Maria no Oriente
CAPÍTULO III. — Vida da Santíssima Virgem antes da Anunciação. — *Leitura:* Manuel Belgrano
CAPÍTULO IV. — A Anunciação e o nascimento de Jesus. — *Leitura:* Fragmento de um símbolo de Maria
CAPÍTULO V. — Da fuga para o Egito até a Paixão. — *Leitura:* História e tradições
CAPÍTULO VI. — últimos anos da Santíssima Virgem. — *Leitura:* Relíquias da Santíssima Virgem

II. — Grandezas e culto de Maria.

CAPÍTULO VII. — Grandezas e privilégios de Maria. — *Leitura:* Maria destruiu todas as heresias
CAPÍTULO VIU. — Culto exterior. — As festividades. — *Leitura:* Estampas e estátuas de Maria
CAPÍTULO IX. — Peregrinações. — Confrarias. — Leitura: O santuário de Nossa Senhora de Lourdes
CAPÍTULO X. — Orações em honra da Virgem Maria. — *Leitura:* O Rosário na história da França
CAPÍTULO XI. — Práticas diversas. — *Leitura:* Invocação de Maria

III. — História do culto mariano.

CAPÍTULO XII. — Devoção a Maria. — *Leitura:* A bondade e sabedoria de Maria
CAPÍTULO XIII. — Necessidade e vantagens da devoção a Maria Santíssima. — *Leitura:* O culto de Maria no mar
CAPÍTULO XIV. — Imitação das virtudes de Maria. *Leitura:* O Venerável Padre Champagnat e a Santíssima Virgem
CAPÍTULO XV. — Desenvolvimento do culto de Maria. — *Leitura:* Dias consagrados a Maria
CAPÍTULO XVI. — A Virgem Maria e as artes. — *Leitura:* A Santíssima Virgem e a vida religiosa
CAPÍTULO XVII. — Os grandes servos de Maria. — *Leitura:* N. Sra. Aparecida — Outros casos
Suplemento

****

NA MESMA COLEÇÃO

CATECISMO

Instrução religiosa, Catecismo explicado, por *Monsr. Cauly,* tomo I, 560 pág.
História da Religião e da Igreja, por *Monsr. Cauly* tomo II, 720 páginas.
Qual é a verdadeira Religião? por *Monsr. Cauly,* tomo III, 388 páginas.
Apologética cristã, por *Monsr. Cauly,* tomo IV, 592 páginas.

Doutrina Católica, por *Boulenger,* tomo I, Dogma, 272 páginas.
Doutrina Católica, por *Boulenger,* tomo II, Moral, 268 páginas.
Doutrina Católica, por *Boulenger,* tomo III, Meios de santificação e Liturgia, 396 páginas.
A Devoção à Santíssima Virgem, ou *curso elementar* de catecismo mariano, 64 páginas.
Nossa Senhora, *curso médio* de catecismo mariano, 150 páginas.
Manual de Espiritualidade, por *Monsr. A. Saudrau,* 180 páginas.
A Devoção ao Sagrado Coração de Jesus, sob forma de catecismo, 148 pág.
A Alma de todo Apostolado, por *D. Chautard,* 242, páginas.

CÂNTICOS

Hinos e Cânticos, *completo, com música,* 656 páginas.
Hinos e Cânticos, edição *resumida, com* música, 148 páginas.
Hinos e Cânticos, edição *completa, sem música,* 288 páginas.
Acompanhamentos dos Hinos e Cânticos, 1.° *volume,* o dos cânticos em português.
Acompanhamentos dos Hinos e Cânticos, 2.° *volume,* dos motetos em latim.

LIVROS DE MISSA

Orações, Missa, Bênção, ou livrinho de Missa, n.° 0.
Livro de Missa, n.° 1.
Ofício Litúrgico, ou missal dos domingos e festas.

COMUNHÃO — CONFISSÃO

Guia para a confissão, em maços de 50 folhas.
O Mínimo de catecismo, para a 1.ª Comunhão.
Primeira Comunhão, ilustrado.
Nós Dois, *eu e meu Jesus,* colóquios para comunhões.
O Anjo Instrutor da Primeira Comunhão.

MESES DE DEVOÇÃO

Comunguemos muitas vezes, ou decreto sobre a comunhão frequente.
Mês de Maria, por *C. Laurent.*
Á Gruta de Massabiele, ou história de Lourdes para o mês de Maria.
Mês do Sagrado Coração de Jesus.
Mês de São José, por *Masson.*